ISSN: 1645-4790

outubro 2005 8

# missão espiritana

*revista das circunscrições espiritanas lusófonas*

*Fontes espiritanas • A Missão Espiritana hoje • História e Figuras Espiritanas • Espiritualidade • Testemunhos da missão • Biblioteca Espiritana*

BV2300
.H65
M5
no. 8
Out.
2005
Spiritan
Coll.

CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Ficha Técnica

***Título:***
Revista das Circunscrições Espiritanas Lusófonas
Publicação Semestral das circunscrições espiritanas lusófonas

***Director e Sub-Directores:***
P. José Manuel Sabença (Superior Provincial de Portugal);
P. Lourenço Ndjimbu (Superior Provincial de Angola);
P. Adalberto Ferezini (Superior Provincial de Brasil);
P. Manuel Martins N. Ferreira (Superior do Distrito de Cabo Verde);
Irmã Conceição Sousa (Superiora Principal das Irmãs Espiritanas, Portugal)

***Conselho de Redacção:***
Nuno Rodrigues (Cabo Verde); Torres Neiva, Fátima Monteiro, Rosa Braga (Portugal), Jerónimo Cahinga (Angola); Pedro Fernandes (Moçambique); Haroldo Evaristo Alves (Brasil)

***Comité de Redacção:***
Alfredo Teixeira; José Manuel Sabença; António Santos Moreira; Mário Faria Silva; Fátima Gama; António Joaquim Galvão

***Proprietário:***
Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

***Direcção, Administração, Assinaturas:***
Rua de Santo Amaro à Estrela, 51
1249-029 Lisboa
Tel.: 213 933 000 - Fax: 213 933 019
missaoespiritana@espiritanos.org

***Assinatura 2005:*** Portugal 12€, Outros Países 15€

***Edição Avulso:*** 7€

***Design gráfico e capa:***
Victor Silva

***Composição, paginação e impressão:***
Gráfica Povoense, Lda.

***ISSN:*** 1645-4790

***Depósito Legal:*** 181539/02

***Tiragem:*** 300 exs.

BV2300
.H65
M5
no.8
Out.2005
021346084

# *sumário*

• Editorial ..... 3

• Fontes Espiritanas:
Informar para transformar
A responsabilidade social de uma Rádio Católica
– por TONY NEVES ..... 7

• Missão Espiritana Hoje:
Os Espiritanos e a Justiça e Paz
– por ADÉLIO TORRES NEIVA ..... 19

• História e Figuras Espiritanas:
Os Espiritanos em Gibraltar (1870-1872):
– por RENÉ CHARRIER ..... 35

• Espiritualidade:
A Largueza do Reino de Deus
e seus fundamentos em P. Joaquim Alves Correia
– por JOSÉ EDGAR PINTO BARBOSA ..... 71

• Testemunhos da Missão:
CEPAC: Uma Resposta Espiritana aos Imigrantes excluídos
– por P. MÁRIO FARIA SILVA ..... 105
Ecos do Passado - «Laudator Temporis Acti»
– por P. JOSÉ MARIA DE SOUSA ..... 115

• Biblioteca Espiritana:
Os Caboverdianos em Lisboa
– por P. JOSÉ MARTINS VAZ ..... 125

SPIRITAN COLLECTION
DUQUESNE UNIVERSITY
The Gumberg Library

*Congregation of the Holy Spirit*
*USA Eastern Province*

# *editorial*

Numa atitude de Acção de Graças e de Louvor a Deus, no dia 15 de Outubro de 2005, na presença de vários espiritanos e amigos, o P. Provincial, José Manuel Sabença, na comunidade da Estrela, Lisboa, benzeu as novas instalações do CEPAC. As novas instalações devem ser entendidas como uma continuação positiva do zelo missionário espiritano, como afirmou o P. Adélio Torres Neiva e demonstrou o actual director do CEPAC, P. Mário Faria Silva, nos discursos da referida efeméride.

Com o mesmo sentido de unidade e serviço, mais do que meros espectadores dos processos complicados dos movimentos migratórios, no CEPAC cresce a capacidade humana e racional de apoio pessoal, social, médico, jurídico e religioso, alicerçado numa espiritualidade de estar presente em humanidade com os pobres, com os aflitos e com os «perseguidos» e numa interajuda de voluntariado missionário.

«Aproveitando a deixa», como se diz na gíria, a Missão Espiritana procura, neste número, apresentar dados que nos podem ajudar a compreender e a perpetuar a missão espiritana no mundo de hoje. Dizemos podem pela simples razão de propormos uma interiorização para deixar que as emoções recordem e falem no interior de cada um o eco do «Espírito que Chama». Recordar a missão espiritana é recordar aqueles que lhe deram e dão «rosto».

Neste sentido, falar do CEPAC – Centro Padre Alves Correia é falar do espírito genial do missionário P. Joaquim Alves Correia, da Congregação do Espírito Santo e da missão espiritana que se espelha no rosto do homem que vive com e no espírito missionário.

A validade e a firmeza de uma nova eclesiologia, proposta pelo P. Alves Correia, para um Mundo em mudança terão que se procurar dentro do ser humano, no serviço e na abertura ao Outro.

Hoje é bem patente que a resposta da missão espiritana, abnegação (tanto ao jeito de Libermann) ao Espírito no serviço às minorias étnicas, aos imigrantes e aos refugiados

constitui um dos grandes pilares missionários entre os grandes movimentos visíveis da Justiça e Paz dos Missionários do Espírito Santo. Com o artigo do P. Mário podemos percorrer o contexto institucional e as valências da filosofia de vida do CEPAC, numa perspectiva descritiva, expressando a manifestação mais elevada da dignidade humana e o respeito universal que toda a solidariedade deve expressar entre homens livres.

Libermann ensinou-nos que vida espiritual é a suave e amorosa presença diante de Deus. É estar nEle, ou seja, em todas as suas obras. É colaborar para que o Espírito Santo nos conduza na Graça. É o objectivo missionário que o P. Alves Correia nos oferece numa reflexão sobre a cultura e vida interior de todo o cristão.

A condição de todo o cristão é ser missionário - anunciar o Reino de Deus. O Reino da «Largueza» na fidelidade a um carisma, descobrindo em nós que afinal o grande «artista» é Ele e é nEle que o ser humano encontra a raiz da sua dignidade pessoal e de que toda a acção humana tem um motivo na sua base. Neste sentido, com mestria, o Dr. José Edgar Barbosa mostra-nos o saber, o pensamento e os motivos que a obra do P. Alves Correia encerra.

O P. Torres Neiva, bem ao jeito que já nos habituou, lança-nos no «Mundo» dos «Espiritanos e a Justiça e Paz» mostrando-nos o homem como caminho de missão, na linha do Vaticano II e inscreve a missão espiritana de fronteira em efectiva dedicação à causa dos pobres.

Com o mesmo Espírito de Igreja, e uma Igreja sem fronteiras, o P. Tony, em Angola – Rádio Eclésia, apresenta-nos motivações práticas dos tempos presentes que nos permitem trabalhar no sentido de perpetuar o tecido social nas mais diversas e variadas formas de estar em missão de acordo com Doutrina Social da Igreja.

Estar em missão espiritana é estar junto «dos mais pobres e abandonados», no entanto, para que a seara dê fruto é necessário lavrar, semear, cuidar ... estar atento ao Espírito que nos Chama e nos Guia em Comunidade. É o que expressa numa perspectiva histórica de uma instituição concreta para o apostolado ao serviço das missões em África o artigo de René Charrier sobre os Espiritanos em Gibraltar.

Homem livre e que em liberdade espiritual sempre viveu, o P. Zé Maria Sousa viaja pelos reflexos a nível do ensino que lhe foi ministrado na congregação e pelo que com simplicidade e dedicação partilhou ao serviço da formação espiritana. É interessante descobrir que, a partir do grande mundo dos arquivos do seu consciente, nos reconstrói o re-

trato e a caracterização da profundidade e santidade de Libermann.

E como a missão espiritana está no «Mundo» e para o «Mundo», a re-edição do artigo do P. Martins Vaz pretende mostrar que o empreendimento de apoio e ajuda aos africanos pelos espiritanos em Lisboa começou a ganhar contornos de actualidade e inspiração em tempos remotos. Pelos factos e dados conhecidos, parece-nos valer a pena reavivar e alertar para que a missão aos imigrantes não se pode considerar esgotada nem limitada a um «território» ou a uma «fronteira».

Porque assim é, a finalidade deste número é mostrar a posição da missão espiritana na actualidade e sublinhar a necessidade da mesma na ajuda da construção da Justiça e Paz e Integridade de Criação.

*António Joaquim Galvão*

Tony Neves*

# *informar para transformar*

## - a Responsabilidade social de uma Rádio Católica[1]

*Tentarei mostrar quais as motivações e máquinas que fazem andar o mundo e os media hoje e, depois, apontar alguns dos indicadores mundiais sobre a vida das pessoas e confrontar-vos, finalmente, com as grandes linhas da doutrina social da Igreja, tendo como pano de fundo as intervenções da CEAST.*

*Os Bispos de África (SCEAM) acabam de publicar um documento onde tentam, em simultâneo, combater a sida e o afro-pessimismo.*

*Os media hoje fabricam os factos e as figuras públicas. E há muita concentração, o que constitui um alto risco para uma informação e uma programação com qualidade.*

*A Igreja católica, através do Pontifício Conselho Justiça e Paz, «quer propor a todos um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem social, económica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda a pessoa humana, a realizar-se na paz, na justiça e na solidariedade». Se a Ecclesia se ouvir em todo o país, a vitória será do povo.*

"parabéns: para a Rádio Ecclesia, pelos 50 anos de (e)missão"

Antes de mais, uma chuva de parabéns: para a Rádio Ecclesia, pelos 50 anos de (e)missão; para a República de Angola, pelos 30 anos de Independência; para a selecção Nacional de Futebol, pela qualificação para a fase final do Mundial na Alemanha; para todos quantos são Angolanos ou dão provas de amar este povo e esta terra, pela pacificação do

* *Tony Neves é missionário espiritano, trabalhou em Angola de 1989 a 1994. É licenciado em Teologia e Comunicação Social.*

[1] *.Este texto é uma conferência proferida no Auditório da Universidade Católica de Angola, em Luanda, a 9 de Dezembro de 2005, no Congresso dos 50 anos da Rádio Ecclesia, a Emissora Católica de Angola.*

país que se vai concretizando. E muito, muito obrigado por este convite que muito me honra.

O tema que me deram é muito abrangente. Vou bombardear-vos com algumas ideias e sugestões. Tentarei mostrar quais as grandes motivações e máquinas que fazem andar o mundo e os grandes media hoje e, depois, apontar alguns dos indicadores mundiais sobre a vida das pessoas (a partir de relatórios da ONU) e confrontar-vos, finalmente, com as grandes linhas da doutrina social da Igreja hoje, tendo como pano de fundo as intervenções da CEAST. Se, no fim de tudo, esta assembleia estiver incomodada, já valeu a pena ter feito estes milhares de quilómetros para estar aqui convosco.

## Radiografia do Mundo

A ONU habituou-nos, ano após ano, a relatórios arrasadores da consciência da humanidade[2].

"A UNICEF diz que uma em cada duas crianças vivem na pobreza"

A UNICEF diz que uma em cada duas crianças vivem na pobreza; 640 milhões não têm habitação adequada; 500 milhões não têm acesso ao saneamento; 400 milhões não têm acesso à água potável; 300 milhões não têm acesso à informação; 270 milhões não têm acesso a cuidados de saúde; 140 milhões, na sua maioria raparigas, nunca foram à escola; 90 milhões de crianças sofrem de graves privações alimentares; 700 milhões de crianças sofrem, pelo menos, duas ou mais destas privações. Números que falam alto e calam fundo sobre o estado do mundo em que vivemos, onde a pobreza, os conflitos, o tráfico e a sida são os maiores responsáveis pela situação em que vivem milhões de crianças hoje.

"A FAO diz que 852 milhões de pessoas são afectadas pela má nutrição"

A FAO, organização das Nações Unidas para a agricultura e a alimentação, diz no seu Relatório apresentado em Roma, a 29 de Novembro, durante a 33ª conferência Mundial desta organização, que 852 milhões de pessoas são afectadas pela má nutrição. Há seis milhões de crianças que morrem de fome todos os anos. A África subsariana é a região do mundo mais afectada. Em contrapartida, as pessoas mais ricas são vítimas da obesidade, dos diabetes e problemas cardiovasculares, doenças provocadas por alimentação em excesso. A FAO diz que é decisivo intervir nos meios rurais. O relatório sobre a Fome no Mundo salienta ainda que os esforços para acabar com a fome têm diminuído em vez de acelerarem. Bento XVI recebeu no Vaticano os participantes nesta 33ª Conferência da FAO e pediu um esforço de toda a comunidade internacional na luta

[2]. *Para os relatórios publicados pelas agências da ONU de que destaco números, servi-me dos últimos dados publicados até à data da conferência e que retirei dos respectivos sites da Internet.*

contra a fome e a pobreza, desafiando os responsáveis políticos a libertar a humanidade da fome. O Papa criticou o paradoxo de uma humanidade que avança cada vez mais nas áreas da economia, da ciência e da tecnologia, mas que vê aumentar, ao mesmo tempo, a pobreza em todo o mundo.

Vejamos a crueldade de mais alguns números: mais de 2800 milhões de pessoas, perto de metade da população mundial, vivem com menos do equivalente a 2 dólares por dia; Mais de 1299 milhões de pessoas, ou seja, cerca de 20% da população mundial, vivem com menos do equivalente a 1 dólar por dia; 522 milhões de pessoas vivem com menos do equivalente a 1 dólar por dia, só na Ásia Meridional, região com o maior número de pobres.

A pobreza afecta 46,3% na África subsariana; mais de 1000 milhões de pessoas não têm acesso a água potável; cerca de 840 milhões de pessoas passam fome ou enfrentam um problema de insegurança alimentar grave; cerca de 1/3 das crianças com menos de cinco anos sofrem de subnutrição; 80 mil milhões de dólares seriam suficientes para o acesso universal a serviços sociais básicos e transferências, para reduzir a pobreza, que representaria menos de 0,5 do rendimento mundial; os 20% da população mundial que vivem nos países com rendimentos elevados têm acesso a 86% do produto interno bruto (PIB); os 20% mais desfavorecidos vivem nos países mais pobres e têm acesso apenas a cerca de 1% do PIB; a riqueza dos três homens mais ricos do mundo juntos excede o produto nacional bruto (PNB) dos 48 países mais pobres do mundo no seu conjunto. Em 1998, por cada dólar que o mundo em desenvolvimento recebeu de subsídios gastou 13 no pagamento da sua dívida. (Observação: para estes números conferir http://www.onuportugal.pt/Pobreza.pdf.).

"A pobreza afecta 46,3% na África subsariana"

Se considerássemos a pobreza para além dos aspectos económicos, teríamos também de falar da pobreza de educação escolar, mãe de tantas outras pobrezas (120 milhões de crianças ainda não vai à escola), da pobreza de alojamento, da pobreza de trabalho (não existe e quando existe é muitas vezes mal remunerado, da pobreza que impede o acesso ao médico e às medicinas). Hoje, é-se pobre quando as oportunidades de escolha não estão ao alcance de todos; quando se vive na solidão, debaixo de falta de segurança, quando são negadas as condições de bem-estar, chamemos-lhe "pobreza humana" que é bem conhecida em países ricos.

"Hoje, é-se pobre quando as oportunidades de escolha não estão ao alcance de todos"

## Objectivos do Milénio

A ONU convocou a Cimeira do Milénio, em 2000, para traçar um conjunto de objectivos para erradicar a pobreza no

mundo. Todos os indicadores provam que o mundo não tem falta de riqueza. Falta, sim, justiça na sua distribuição. Os líderes de todos os países acabaram por adoptar, em nome da construção de um mundo mais pacífico, mais próspero e mais justo, a Declaração do Milénio, onde estão gravados os oito objectivos que se devem traduzir em acções e resultados concretos.

Vale a pena recordar os Objectivos do Milénio: 1. Erradicar a pobreza e a fome; 2. Atingir o ensino primário universal; 3. Garantir a Igualdade entre géneros e a autonomia da mulher; 4. Reduzir a mortalidade infantil; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater o HIV/Sida, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental; 8. Realizar parcerias mundiais para o desenvolvimento.

O Relatório do Desenvolvimento Humano 2005, do PNUD, publicado em grande livro na versão portuguesa, tem por tema: «Cooperação Internacional numa Encruzilhada: Ajuda, Comércio e Segurança num Mundo Desigual»[3]. Conclui, entre outras coisas, que o mundo está a dirigir-se para um fracasso de desenvolvimento humano muito previsível – um fracasso que uma maior cooperação internacional poderia ajudar a evitar. Conclui ainda que a desigualdade extrema entre países e dentro de cada país é identificada como uma das principais barreiras ao desenvolvimento humano – e como poderoso travão ao progresso acelerado para os Objectivos do Milénio.

"a desigualdade extrema entre países e dentro de cada país é uma das principais barreiras ao desenvolvimento humano"

Os dados disponíveis provam que a ideia de reduzir a pobreza a metade até 2015 é quase impossível de se concretizar. O que se tem feito, a nível dos Governos, é muito pouco. Há, contudo, iniciativas alternativas, levadas a cabo por organismos não governamentais, por exemplo: o programa «Pobreza Zero» e ou, por pessoas ligadas ao mundo das artes, «O' Live 8» (coordenado por Bono e Bob Geldof, músicos irlandeses) e ou ligadas ao mundo empresarial, «programas de investigação no combate à malária» (Bill Gates).

Para pegar em alguns exemplos concretos. Celebramos, a 1 de Dezembro, o Dia Mundial de Luta contra a Sida. A Organização Mundial de Saúde publicou estatísticas demolidoras: 40,3 milhões de portadores de HIV; 4,9 milhões de novos infectados; 3,1 milhões de mortos em 2005; pelo menos, uma em cada cinco mulheres grávidas está infectada com HIV na África subsariana. Os Bispos de África (SCEAM) acabam de publicar um documento onde tentam, em simultâneo, combater a sida e o afro-pessimismo, dizendo que "os povos da África têm uma

[3]. *Cf. PNUD (2005). Relatório do Desenvolvimento Humano. Lisboa: Ed. Ana Paula Faria Editora (372pp.)*

energia interior rica e valores nobres, e coragem e determinação para derrotarem a pandemia. É por esse motivo que apelamos a todos os povos de África para se lançarem num combate corajoso contra o HIV/Sida". Ora, há muito que investir por aqui.

Quanto ao combate à pobreza, gostava de citar Bob Geldof que recebeu em Lisboa, a 21 de Novembro, juntamente com a etíope Bogaletch Gebre, o Prémio Norte/Sul do Conselho da Europa, que se destina a notabilizar uma personalidade do hemisfério sul e outra do norte que se distingam pelo empenho na defesa da democracia pluralista, sensibilização de opinião pública para a solidariedade e interdependência globais e reforço das relações Norte-Sul. Ele disse: "a pobreza é sistémica. Mas nós podemos alterar os sistemas.(...) é preciso atacar as raízes e não apenas os sintomas (...). É inconcebível que em África um ser humano receba um dólar por dia, enquanto na Europa uma vaca tem direito a 2,5 dólares".

A actual situação prova que nas relações internacionais não contam as pessoas, mas os interesses dos grandes. Por isso, no Live 8, se contestaram as condições dramáticas de vida de muitos milhões de pessoas por esse mundo além, muitos deles a viver aqui no continente africano. Há que dar as mãos na construção de um mundo mais humano e mais solidário.

O Dia Mundial contra a malária celebrou-se a 3 de dezembro com uma iniciativa muito original e mediática. A organização «World Swim for Malária» pôs mais de um milhão de pessoas a nadar, em todo o mundo, para comprar redes mosquiteiras, e sensibilizar o mundo para as vítimas desta doença: em cada 30 segundos, uma criança morre em África de malária.

"O Dia Mundial contra a malária celebrou-se a 3 de dezembro"

"em cada 30 segundos, uma criança morre em África de malária."

A 22 de Dezembro, a convite de Zidane, realizou-se o «Jogo das Estrelas» em Dusseldorf, na Alemanha, que juntou grandes jogadores de futebol para um «Jogo contra a pobreza», cujo objectivo foi angariar receitas para o financiamento de projectos que ajudem a combater a fome, a doença, o analfabetismo, a degradação ambiental e a discriminação das mulheres.

## Os media hoje[4]

António Rego, um dos nomes mais sonantes da comunicação social em Portugal, escreveu um dia que os media são como «odres» (potes). Têm uma grande capacidade de receber o que lá dentro se quiser colocar: o mais generoso dos vinhos ou o mais azedo dos vinagres. A nível mundial, os estudiosos dos

[4]. *Já abordei estas questões de relação entre a Igreja e os Media no livro: A Igreja Angolana e os Meios de Comunicação Social, com Fátima Kavate, ed. Arquidiocese do Huambo, 1995.*

media vão dizendo que os media se tornaram negócio rentável e, por isso, são bons os que vendem e dão lucro aos proprietários. Sabemos que muita gente anda atrás do espectáculo, do mórbido. O sangue, a violência, o sexo vendem muito. Parece cada vez mais verdade que, notícia não é um «cão morder num homem, é um homem morder um cão!»

Em sociedades marcadas pela concorrência, a qualidade vai-se muito abaixo porque tudo se sacrifica no altar das audiências e tiragens. Ou seja, o share das audiências e os números das tiragens são quem decide do futuro de determinado media ou programa. Há, então, que fazer grandes estudos de mercado para ver o que é que as pessoas querem. Assim, muitos programas de tv e rádio são atentados ao senso comum, constituindo aquilo a que se pode chamar o «tele-lixo» ou o «radio-lixo».

Falando ainda de informar, é ponto assente que a objectividade pura e dura não existe. Só o facto de escolher esta ou aquela notícia, de lhe dar esta ou aquela abordagem já tem muito de subjectivo. Mas o pior é quando se aposta na mentira declarada ou na manipulação, a quem alguém chamou: «a arte de enganar sem dor», ou seja, sem que os receptores se apercebam de que estão a ser enganados.

"Os media hoje fabricam os factos e as figuras públicas."

Os media hoje fabricam os factos e as figuras públicas. Quem não passa pelos media não existe. As pessoas promovidas pela comunicação social atingem patamares altíssimos. Quem os media arrasar, fica com a imagem destruída para sempre ou quase.

Sobretudo, lá para cima (nas Europas e Américas do Norte), está-se numa fase do «pronto a deitar fora», quase tudo é descartável, é a era «ligth» (a civilização do efémero), onde os valores são os que cada um quiser, e a profundidade não é característica que interesse, o que colide com a perspectiva cristã de vida.

"«Vender ou não vender» é quase a única regra de jogo dos grandes media hoje"

«Vender ou não vender» é quase a única regra de jogo dos grandes media hoje, um pouco por todo o mundo. Corre-se, com esta lógica, o grave risco de nivelar por baixo. Depois, há o problema dos interesses dos proprietários, sejam eles o Estado, instituições como as Igrejas ou as empresas. E há muita concentração, o que constitui um alto risco para uma informação e uma programação com qualidade.

Finalmente, e até porque esta é uma aposta de futuro, não posso deixar de referir a internet, esta magnífica auto-estrada da comunicação, com grandes vantagens e muitos perigos à mistura. Gostava de dizer, desde já, que me parece ser a internet quem vai marcar a diferença entre os ricos e os pobres, num futuro próximo. O mundo vai dividir-se em info-ricos e

info-pobres, deitando abaixo, por enquanto, a tese de Marshal McLuhan de um mundo como uma «aldeia global». Depois, a internet é uma auto-estrada sem grandes polícias, pelo que entramos num reino do vale tudo ou quase. Que lugar para a ética? Onde param as deontologias e os códigos deontológicos?

## A Igreja Católica face aos Media[5]

A primeira reacção da hierarquia da Igreja aos novos media, à medida que eles apareceram e ganharam lugar na sociedade, foi negativa. Adivinhavam-se efeitos muito perversos e contrários ao Evangelho. Passado o choque do primeiro impacto, o Concílio Vaticano II espanta toda a gente com o documento Inter Mirifica, publicado em 1963, onde se diz que os meios de comunicação social são maravilhosos e possuidores de uma grande capacidade de amplificar os valores humanos e cristãos. Tudo mudou a partir daí.

Em 1971, o Papa Paulo VI publicou o Communio et Progressio, um documento onde se afirma que os media podem contribuir muito para a comunhão entre pessoas e povos, bem como para o seu progresso integral.

Mas o documento mais arrojado da Igreja Católica sobre o papel dos media aparece, com João Paulo II, na grande encíclica sobre a Missão, Redemptoris Missio, datada de 1990. No número 37, fala dos novos areópagos, dos espaços por onde passa a missão hoje. E diz: "o primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está a unificar a humanidade, transformando-a – como se costuma dizer – na aldeia global. Os meios de comunicação social alcançam tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e de formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais".

**"o documento mais arrojado da Igreja Católica sobre o papel dos media aparece, com João Paulo II."**

«Aetatis Novae foi publicada em 1992, para comemorar os 20 anos da Communio et Progressio. Reafirma as grandes posições da RM 37 e pede às Dioceses e Conferências Episcopais que elaborem planos pastorais de comunicação, numa era marcada pela grande revolução provocada pelas novas tecnologias da comunicação.

O ano da morte de João Paulo II é marcado por dois documentos sobre os media: O Rápido Desenvolvimento e a mensagem do Papa para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Aqui, J. Paulo II, pede que se estabeleçam pontes entre povos

[5]. *A Igreja, desde o Concílio Vaticano II, tem-se pronunciado com frequência sobre questões de Comunicação. Os textos estão todos editados no Osservatore Romano da data de publicação.*

e pessoas e que se criem laços de solidariedade sem fronteiras entre os que já navegam pelas modernas tecnologias da informação e os que são info-excluídos.
Lutar contra a info-exclusão deverá ser uma das missões da Igreja nos tempos que se seguem em nome da justiça e do Evangelho.

"As Mensagens da CEAST fizeram uma aposta no apelo à responsabilidade social dos angolanos"

As Mensagens da CEAST[6], desde a primeira hora, fizeram uma aposta no apelo à responsabilidade social dos angolanos, primeiro insistindo muito na busca da paz e, nesta última fase, apostando na reconciliação, no perdão e na reconstrução das mentalidades e das estruturas que a guerra arrasou ou danificou gravemente. A criação do Comité Inter-Eclesial para a Paz (COIEPA) e o Movimento Pro Pace são, na minha opinião de analista estrangeiro, dois dos sinais mais positivos e ecuménicos desta urgência de intervenção social das Igrejas. E a Rádio Ecclesia tem amplificado estes ideais.

## Doutrina social da Igreja – grandes linhas

A Igreja católica, através do Pontifício Conselho Justiça e Paz, publicou, em 2004, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Propõe um humanismo integral e solidário, num mundo onde "tantos irmãos necessitados estão à espera de ajuda, tantos oprimidos esperam por justiça, tantos desempregados estão à espera de trabalho, tantos povos esperam por respeito" (nº5). Com este documento, a Igreja[7] "quer propor a todos um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem social, económica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda a pessoa humana, a realizar-se na paz, na justiça e na solidariedade" (nº19). O desafio é o de assegurar uma globalização na solidariedade, uma globalização sem marginalização (nº363).

"O desafio é o de assegurar uma globalização na solidariedade"

Sobre a cooperação internacional para o desenvolvimento, diz o documento: "entre as causas que predominantemente concorrem para determinar o desenvolvimento e a pobreza, além da impossibilidade de ascender ao mercado internacional, devem ser enumerados o analfabetismo, a insegurança alimentar, a ausência de estruturas e serviços, a carência de medidas para garantir o saneamento básico, a falta de água potável, a corrupção, a precaridade das instituições e da própria vida política. Existe uma conexão entre a pobreza e a falta, em

[6]. *Cf. CEAST, (1998). A Igreja em Angola entre a Guerra e a Paz. Documentos Episcopais 1974-1998. Luanda: Ed. CEAST, (431pp.)*
[7]. *Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO 'JUSTIÇA E PAZ', (2005). Compêndio da Doutrina Social da Igreja. S. Paulo: Ed. Paulinas, (528pp.)*

muitos países, da liberdade, de possibilidade de iniciativa económica, de administração estatal capaz de predispor um sistema adequado de educação e de informação" (447). A pobreza põe um dramático problema de justiça. Nem todos se sentam à mesma mesa (o mundo divide-se em duas partes: os que têm mais jantar do que barriga e os que têm mais barriga do que jantar). Sobre os media, eles devem ser utilizados como potentes instrumentos de solidariedade (nºs 560-562). Todo o capítulo XI é sobre a promoção da Paz. Fala do desarmamento, da cultura de paz, das minas, do terrorismo e termina com o contributo da Igreja para a Paz (nºs 488-520). A conclusão tem um título sugestivo: Por uma civilização do Amor.

## Alguns desafios à Rádio Ecclesia hoje

A RE, como Emissora católica, com 50 anos de (E)missão, tem de amplificar os gritos dos pobres, ser a vez e a voz dos sem voz e sem vez, tem de pôr o seu coração a bater ao ritmo do coração do povo, sobretudo dos mais excluídos. Assim, apresento, em flash, alguns desafios:

1. Informar com a objectividade possível, fazendo os acontecimentos do mundo entrarem na vida quotidiana dos ouvintes (democratização da informação);
2. Reconhecer-se como o primeiro areópago dos tempos modernos (o mundo das comunicações), segundo a encíclica A Missão do Redentor (nº37). Há que investir nos outros areópagos: "o empenhamento pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias; a promoção da mulher e da criança; a protecção da natureza, a cultura, a pesquisa científica e as relações internacionais" (RM 37);
3. Formar os ouvintes para os valores humanos e cristãos, de modo a que se tornem cidadãos mais responsáveis e, por isso mesmo, menos manipuláveis;
4. Ajudar a cimentar a paz e a criar uma cultura de perdão e reconciliação, apoiada no respeito pelos valores culturais tradicionais;
5. Pautar a sua conduta pelas propostas da Igreja sobre a Comunicação Social, inspirando-se no património de valores passados a papel, desde o Inter Mirifica até ao Rápido Desenvolvimento.
6. Amplificar os princípios sociais da Igreja, gravados neste compêndio agora publicado pelo Pontifício Conselho Justiça e Paz;
7. Dar voz a iniciativas proféticas como as que são levadas a cabo pela COIEPA, pelo Movimento Pro Pace e pelas Igrejas no

**"Ajudar a cimentar a paz e a criar uma cultura de perdão e reconciliação"**

âmbito do Ecumenismo, com abertura ao diálogo Inter-Religioso e Inter-Cultural;
8. Dar grande lugar ao anúncio dos direitos humanos e à denúncia das suas violações;
9. Ajudar a construir uma sociedade onde os cidadãos contem, onde a liberdade e a democracia não sejam palavras de dicionário;
10. Dar voz às populações que querem ver amplificados os seus gritos contra as injustiças de que são vítimas;
11. Incentivar a escolarização e o acesso das populações à cultura e às novas tecnologias;
12. Continuar o trabalho de sensibilização e apoio aos refugiados e deslocados de guerra em processo de regresso às terras de origem;
13. Ajudar a combater as pandemias e a universalizar os cuidados básicos de saúde;
14. Elevar o nível cultural do povo, pelos temas aprofundados, pelos debates realizados, pela música e outras formas de expressão cultural;
15. Combater e denunciar toda e qualquer forma de corrupção.
16. Realizar parcerias com ONGD's e outras Instituições que trabalhem pelo desenvolvimento integral das pessoas.

"Dar voz às populações que querem ver amplificados os seus gritos"

## Em jeito de conclusão

A Igreja foi gerando e gerindo um património de valores que são fundamentais para a humanidade. Habituada a remar contra ventos e marés, ela tem tido a coragem profética de testemunhar o Evangelho, mesmo que, para tal, seja preciso dar a vida. A lista dos mártires está aí para o provar e comprovar.
Estamos num tempo marcado por dinamismos mundiais e é importante que os valores cristãos sejam propostos para contrariar os efeitos perversos da globalização[8].
Num mundo secularizado, a Igreja tem de ter a coragem de anunciar o Evangelho numa perspectiva de primeira evangelização. Há a convicção de que o Evangelho faz falta à humanidade.
Num mundo de tirania cultural, há que defender os povos que vêem as suas culturas ameaçadas pelos grandes interesses económicos e políticos.
Num mundo marcado pela opressão económica das grandes multinacionais e grupos, é urgente investir na solidariedade com os mais pobres e excluídos.
Num mundo onde o que conta é a produção, há que investir

"Há a convicção de que o Evangelho faz falta à humanidade"

[8]. *Cf. TORRES NEIVA, A.(2002). Com a força do Espírito. Lisboa: Ed. LIAM: 186-193.*

na pessoa e nos seus valores de fundo.
Numa sociedade mediática em que só existe quem passa pelos meios de comunicação social, há que investir na promoção de uma verdadeira comunicação que estabeleça pontes entre povos e pessoas.
Num mundo tão marcado pela violência e pela guerra, há que dar tudo por tudo para que a paz vença e se aposte nos sempre difíceis caminhos da reconciliação.
Nestas como noutras coisas, muito se espera da Rádio Ecclesia. Parabéns e que, nos próximos 50 anos, Angola e o mundo (através da Internet) já possam escutar uma (e)missão de alta qualidade.

## Editorial de Acção Missionária[9]

A Rádio Ecclesia, Emissora Católica de Angola, celebrou 50 anos de (e)missão. A intuição foi do P. José Maria Pereira, espiritano, que contou com o apoio de D. Moisés Alves de Pinho. Desde a primeira hora, a Ecclesia foi uma voz escutada. Resistiu aos primeiros impactos da Revolução, num momento em que quase todas as obras da Igrejas foram nacionalizadas. Viria a ser silenciada e confiscada em 1977, quando o director era o P. Abílio Ribas, hoje Bispo de S. Tomé e Príncipe.
Só em 1997, vinte anos depois, o governo da República de Angola permitiu a sua reabertura, com pompa e circunstância, com a presença do Cardeal Nascimento e do Ministro da Comunicação Social. Coordenou este regresso «ao ar», o P. Aristides Neiva, actual director da revista Encontro. Daí para cá, a «luta» da Igreja tem sido a da extensão do sinal, para se poder ouvir em todo o país. Mas, apesar de tantas reuniões e pressões, a Rádio Ecclesia continua condenada a ouvir-se só em Luanda, desesperadamente à espera de uma autorização presidencial que tarda em passar para o papel.

**"a Rádio Ecclesia continua condenada a ouvir-se só em Luanda"**

A 8 e 9 de Dezembro, o Auditório da Universidade Católica, em Luanda, acolheu o Congresso que celebrou os 50 anos da Rádio Ecclesia.
O Vice-Ministro da Comunicação Social foi ali dizer, na Cerimónia de Abertura Solene, que a liberdade de imprensa é a guardiã de todas as demais liberdades democráticas. O P. António Jaka, ex-director executivo da Ecclesia, disse que era uma injustiça para com os angolanos impedi-los de escutar outras fontes de informação (para além, é claro, das que o governo controla em absoluto). O P. Jerónimo Cahinga afirmou: "falta um esclarecimento formal sobre as razões porque a Ecclesia não pode estender o sinal para fora de Luanda". O P. Luís Con-

[9]. *Editorial do jornal Acção Missionária, edição de Janeiro 2006: 3.*

Duquesne University Gumberg Library

jimbe foi mais longe: "o primeiro insulto à Igreja Católica é tirar-nos a voz. Nós somos mais velhos que a Nação". O P. Matumona acusou Luanda de monopolizar tudo no que diz respeito aos Meios de Comunicação Social e pediu uma nova ordem nacional da informação para que as Províncias ganhem mais vida e se possa falar de informação nacional. O Frei José Paulo, director-executivo, disse que a Rádio não resolve os problemas, mas ajuda a resolvê-los e afirmou que a informação do poder e o poder da informação, em Angola, ainda não estão ajustados.

"a informação do poder e o poder da informação ainda não estão ajustados."

Tive a alegria (e o excelente pretexto!) de regressar a Angola e falar da responsabilidade social de uma Rádio Católica. Pedi, como todos, a tal assinatura que falta para que Angola inteira possa escutar a Emissora Católica. Silenciar a Ecclesia é dar força a quem diz que o Governo quer manter as pessoas no obscurantismo ou tem medo da pluralidade da informação. Quer se queira quer não, esta proibição da extensão do sinal ao resto do país é uma questão política. Será que o Governo quer dar provas de incentivo à liberdade de expressão? Promessas não faltam, mas é preciso passar da palavra à prática, como pediu o P. Jaka.

A luta continua, porque a Igreja nunca desiste das grandes causas. E a da informação plural é uma delas. Se a Ecclesia se ouvir em todo o país, a vitória vai ser do povo. Todo. Também de quem está a calar esta voz incómoda, a primeira que deixou o povo falar. A democracia agradece.

# os espiritanos e a justiça e paz

*Uma das linhas de rumo que o Vaticano II abriu à teologia da missão foi a afirmação do homem como caminho da missão. O concílio tinha diversificado os espaços da missão, em conformidade com os caminhos que fazem a história do homem do nosso tempo.*
*Na senda dos Regulamentos da Congregação de 1849, os Espiritanos devem ser os «advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem».*
*Os aspirantes ao sacerdócio sem amparo, no tempo do primeiro fundador, os índios das missões longínquas da Acádia e da Nova Escócia, a quando das primeiras missões nas terras longínquas, no tempo colonial os escravos das colónias e os negros africanos, e mais recentemente os emigrantes e refugiados, os sem terra e as crianças da rua.*
*Previu Libermann, que os espiritanos, para além da missão entre os infiéis pudessem também trabalhar na Europa, concretamente nos espaços da Justiça e da Paz, não como uma excepção, mas segundo a vocação que lhes é própria.*
*«Os destinatários das nossas obras na Europa são as classes pobres que na França têm necessidade de ajuda, como é o caso dos marinheiros, dos soldados, dos operários em geral e as classes mais miseráveis que são os que trabalham nas galés, os reclusos, os mendigos...»*
*Outro espaço da missão espiritana de fronteira é o mundo dos deslocados e refugiados. Os missionários intervêm junto do Alto Comissariado para os Refugiados*

* *Adélio Torres Neiva, missionário espiritano, licenciado em História pela Universidade de Coimbra, professor de Missiologia na Universidade Católica, Director da Revista Encontro. Foi Conselheiro Geral da Congregação do Espírito Santo de 1974 a 1980 e tem escrito vários livros, sendo este, sobre a História dos Espiritanos em Portugal, o de maior fôlego e tamanho.*

*e procuram lançar projectos de recuperação, formação para a paz e cura dos traumatismos.*
*Os fluxos migratórios em demanda do nosso país destacamos os africanos, nomeadamente os Caboverdianos, Guinenese, S.Tomenses, Angolanos e Moçambicanos e a partir da década de 90 os europeus de Leste e os Brasileiros. O CEPAC tomou o nome de P. Joaquim Alves Correia. É conhecido pelo seu zelo apostólico e pela sua dedicação à causa dos pobres que o tornam presente e actual.*

"a afirmação do homem como caminho da missão."

Uma das linhas de rumo que o Vaticano II abriu à teologia da missão foi a afirmação do homem como caminho da missão. Particularmente João Paulo II logo a partir da sua primeira encíclica «O Redentor do Homem», não mais perderá de vista esta pista. O concílio tinha diversificado os espaços da missão, em conformidade com os caminhos que fazem a história do homem do nosso tempo. A missão como inculturação da mensagem - «A missão Ad Gentes»; a missão como diálogo inter-religioso - «A missão da Nostra Aetate»; a missão como comunhão entre as igrejas - «Lumen Gentium» e a missão como serviço e promoção do homem - «A missão da Gaudium et Spes». Logo no primeiro Sínodo pós conciliar, o Sinodo de 1971, a Justiça e Paz é abordada como parte integrante da evangelização.

A partir daí, as Assembleias Gerais Espiritanas, conhecidas pelo nome de Capítulos Gerais, têm insistido sempre na Justiça e na Paz como uma das urgências da missão no mundo de hoje, profundamente marcado pela marginalização e exclusão das camadas sociais mais pobres e pelas injustiças sociais. Dois Capítulos Gerais, o de Itaici (1992) e de Maynooth (1998) tiveram mesmo como instrumentos de trabalho as experiências significativas de fronteira vividas pelos espiritanos.

"a evangelização dos pobres é a nossa missão"

A Regra de Vida Espiritana veio consagrar esta linha de rumo: Diz ela "a evangelização dos pobres é a nossa missão. Por isso dirigimo-nos especialmente aos povos e grupos de pessoas, que não ouviram ainda a mensagem evangélica ou mal a ouviram:

- Àqueles cujas necessidades são maiores e aos oprimidos.
- Aceitamos também, de bom gado, tarefas para as quais a Igreja dificilmente encontra obreiros (n.4).
- Consideramos como partes constitutivas da nossa missão de evangelização:
- A libertação integral do homem,
- A actividade em favor da Justiça e da Paz

- E a participação no desenvolvimento".
Por isso, na senda dos Regulamentos da Congregação de 1849, os Espiritanos devem ser os "advogados, o sustentáculo e os defensores dos fracos e dos pequenos, contra todos aqueles que os oprimem" (Regulamentos de 1849).
Será que a nossa tradição espiritual e a nossa história nos oferecem apoio para assumir este desafio? É essa peregrinação que vamos fazer, acompanhando algumas experiências mais marcantes do nosso itinerário missionário.

### Uma viagem pelas fontes da missão espiritana

A constante que acompanha a missão espiritana ao longo da sua história são «os mais pobres na Igreja de Deus especialmente os infiéis». Este é o seu fio condutor sempre recordado nas 13 revisões das Constituições da Congregação.
O rosto destes pobres foi-se diversificando ao longo destes 300 anos. Os aspirantes ao sacerdócio sem amparo, no tempo do primeiro fundador, os índios das missões longínquas da Acádia e da Nova Escócia, a quando das primeiras missões nas terras longínquas, no tempo colonial os escravos das colónias e os negros africanos, e mais recentemente os emigrantes e refugiados, os sem terra e as crianças da rua. Antes de recordarmos alguns dos seus rostos mais significativos, ouçamos antes de mais os nossos fundadores.

"O rosto destes pobres foi-se diversificando ao longo destes 300 anos."

1. A 27 de Maio de 1703, na festa do Pentecostes, **Cláudio Poullart des Places,** que tinha renunciado à carreira jurídica para se consagrar ao sacerdócio, termina a pregação de um retiro a 12 dos seus companheiros, aspirantes como ele ao sacerdócio. Tinha escolhido para tema deste retiro a passagem de Isaías, com que Jesus se apresentou na sinagoga de Nazaré: «Ele me enviou a anunciar a Boa Nova aos pobres» Na conclusão desse retiro, o pequeno grupo dirigiu-se à igreja de S. Estêvão des Grés e aí, diante da imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso, se consagraram a Deus, ao serviço dos pobres.
Poullart des Places tinha-se dado conta que entre os numerosos estudantes aspirantes ao sacerdócio, que vagueavam pelas ruas de Paris, muitos viviam na mais escassa miséria. Obrigados a mendigar ou a trabalhar para sobreviver e não dormir na rua, não tinham meios de seguir devidamente o ensino dos professores do seminário; só podiam seguir os cursos, angariando dinheiro para os pagar, varrendo as salas de aula e os corredores ou fazendo trabalhos manuais auxiliares ou recorrendo à mendicidade. Numa cidade onde campeava o vício, o pior inimigo não era a fome, mas a corrupção. Cláudio sentiu dentro de si o grito de socorro destes jovens. Sem um clero bem

"Cláudio sentiu dentro de si o grito de socorro destes jovens."

formado e bem preparado, a Igreja não tinha futuro. A comunidade do Espírito Santo, nascerá, para dar resposta a uma situação gritante que punha em cheque todo o futuro da Igreja da França. Cláudio foi o primeiro a compreender que para ser pelos pobres, tinha que passar para o seu lado. Fiel às recomendações do concílio de Trento sobre a formação do clero, o jovem fundador só aceita no seu seminário estudantes pobres, que não pudessem pagar a sua pensão e que estivessem dispostos a consagrar a vida ao serviço dos pobres.

**2. Libermann e a missão na Europa.**

Previu Libermann, o segundo fundador e grande doutrinador da Congregação, 150 anos depois, que os espiritanos, para além da missão entre os infiéis pudessem também trabalhar na Europa, concretamente nos espaços da Justiça e da Paz, não como uma excepção, mas segundo a vocação que lhes é própria?

Na redacção da Regra Provisória em 1840 Libermann aponta como objectivo da Obra dos Negros "as missões entre os povos pobres e desprezados, os mais necessitados e negligenciados" (ND II p.241). Nas suas viagens pela Europa, constatou que muitos pobres da Europa se encontravam tão abandonados como os dos "países de missão." Precisando o que se entende por estes pobres, refere ele o sub-mundo da era industrial que então começava a emergir: os soldados, os marinheiros, os prisioneiros, os mendigos. Libermann gostaria de ver os membros da sua sociedade a trabalhar no meio de toda esta gente que vivia fora do âmbito das paróquias. Assim, escrevendo ao P. Le Vavasseur, explica que: estas actividades não são opostas nem ao fim nem ao espírito da Regra: "Resolvemos aceitar ministérios na Europa. Os destinatários das nossas obras na Europa são as classes pobres que na França têm necessidade de ajuda, como é o caso dos marinheiros, dos soldados, dos operários em geral e as classes mais miseráveis que são os que trabalham nas galés, os reclusos, os mendigos...estas obras não se opõem ao espírito da Regra. É verdade que ao princípio não tínhamos pensado nelas; Deus levou-nos para a Obra dos Negros: no entanto sentimos necessidade de generalizar mais no sentido em que a Regra fala dos mais pobres e abnodados (ND 298).

"constatou que muitos pobres da Europa se encontravam tão abandonados como os dos "países de missão."

A Mons. Truffet, o primeiro bispo espiritano, Libermann fala dos "pobres operários e negros da Europa".

E A M Germainville Libermann escreve: " Eu queria fundar uma obra que se estendesse a todas as classes pobres: uma obra que atingisse os operários, os marinheiros, os soldados, os reclusos e os próprios mendigos. Para isso gostaria de fundar casas em algumas das nossas principais cidades marítimas: Bordeus, Toulon, Marselha, Brest, etc. Aí poderíamos criar uma obra es-

pecífica para cada uma destas classes " (ND IX p. 147).

M. Germainville não foi o único correspondente a quem Libermann fala dos seus projectos de obras sociais: ele desejava ligar à Congregação a obra social de M Guibou de Nantes e colaborar com o abbé Cajeleux na obra social que ele fundara em Amiens; queria abrir casas para orfãos e operários em Marselha, Toulon, Nantes, Lorient para colaborar na evangelização das classes pobres. Mesmo fora da França ele pensou numa obra na África do Sul, outra em Nova Orleães, nos Estados Unidos e mesmo uma em Tunes. Temos referências na sua correspondência a todos estes projectos.

Mas o texto chave do seu pensamento a este respeito é uma carta do ano de 1851: quando ele se tornou o 11º superior geral da Congregação do Espírito Santo. Nessa altura, já tinha então terminado todo o trabalho de reflexão para completar a integração do Sagrado Coração de Maria na Congregação do Espirito Santo, efectuada juridicamente em 1848.

No início do ano de 1951, ele recebe uma carta do seu amigo de sempre D.Jean Salier. Este encontra-se na cartuxa de Montrieux, no Var. Muita gente ia encontrar-se com os monges que não eram insensíveis às misérias espirituais dessa região, onde então ainda se faziam sentir as consequências anti-religiosas da Revolução.

. Diz D.Salier: "Depois de alguns anos que estou na nossa cartuxa de Montrieux, departamento do Var. Gostaria muito que viésseis fundar uma das vossas casas na região no meio da França. Para tanto não possuo recursos mas se o bom Deus inspirasse a vossa vontade, eu espero podê-los encontrar. É necessário que me digais: 1. Se os vossos missionários durante o tempo que se encontram na França, se dedicam à santificação das populações, pregando missões nas paróquias: 2 Se nos lugares da sua residência eles se dedicam à santificação das almas. 3 Se a sua igreja permanece aberta. 4. Se pregam retiros à porta fechada, tanto a eclesiásticos como a outros.5. A que lugares viríeis de preferência. 6 Se preferis estar numa cidade, perto ou longe. 7. Se é suficiente oferecer-vos um local e em que condições. 8. Se vos contentareis do uso do local e por quantos anos. 9 Quais seriam, além do local, os outros meios de subsistência a oferecer-vos; e as outras condições que podeis prever melhor que eu (...) Venha meu caro Libermann trazer às nossas pobres cidades e aldeias a imensa caridade de Jesus e a humilde, a amável, a doce, a muito desejável maternidade de Maria."

A resposta de Libermann, datada de 30 de Maio de 1851, pode ser considerada como a sua última palavra sobre esta questão, quase um testamento, conforme diz Paul Coulon,

porque ele está a nove meses da sua morte, mas também porque é o que há de mais sintético sobre este assunto. Aí encontramos todos os elementos que fundamentam a sua reflexão a este respeito. Diz ele: "A proposta que me fazeis está em harmonia com o espírito da nossa Congregação. Evangelizar os pobres, é o nosso objectivo geral. Por isso, as missões são o objectivo principal ao qual visamos e nas nossas missões escolhemos as almas miseráveis e abandonadas. A divina Providência deu-nos a Obra dos Negros tanto na África como nas colónias; estas são sem sombra de dúvida, até agora, as populações mais miseráveis e mais abandonadas.

"Gostaríamos também de trabalhar na França pela salvação das almas, mas tendo sempre como objectivo principal os pobres"

Gostaríamos também de trabalhar na França pela salvação das almas, mas tendo sempre como objectivo principal os pobres sem no entanto abandonar os que o não são. Na França, proporíamos as missões nas paróquias rurais e outras e sobretudo, o trabalho junto das almas das classes operárias e pobres das cidades, cujas necessidades, no momento actual, nos parecem as maiores. Por isso, será sempre preferível morar numa cidade populosa e tanto quanto possível industrializada, onde existe um número maior de operários e onde a corrupção e a ausência de religião são maiores do que o normal. Aí atrairíamos a nós esta classe e exerceríamos sobre ela as influências que pudéssemos: estes homens em geral não são atingidos pelo clero das paróquias porque eles não vêm à igreja.

As nossas obras, portanto, seriam extra-paroquiais. Nós receberíamos as pessoas nas nossas igrejas, se tal fosse a vontade do bispo. Se Deus quiser dar-nos trabalho na sua vinha na França, teremos por princípio agir sempre em perfeita conformidade com a vontade dos bispos e viver em perfeita harmonia e união com o clero."

Em conclusão Libermann diz: "A proposta que me fazeis está em harmonia com o espírito da congregação. A escolha fundamental é evangelizar os pobres e, entre eles, os mais pobres e os mais abandonados. No momento são os negros, tanto da África como das colónias e historicamente a Divina Providência nos fez para isso.

Mas a nossa vocação vale também para os pobres que são evangelizados na França e particularmente os operários: daí a preferência pelo mundo das cidades. E da classe operária...

As obras na Europa serão extra-paroquiais. Isto quer dizer que não se deve fazer concorrência ao clero diocesano nem colocar-se no lugar das paróquias, mas fazer aquilo que o clero diocesano não pode atingir: as margens e as fronteiras

## Uma viagem pela história e pela tradição espiritana

Façamos agora uma segunda viagem, esta pela história e pela tradição espiritana, focando alguns dos momentos mais emblemáticos do itinerário espiritano nos espaços da Justiça e Paz.

**1.** Uma primeira experiência desta caminhada foi a aventura dos Espiritanos nas **missões longínquas da Acádia e da Nova Escócia,** entre os índios miquemaques. Foi no ambiente da guerra colonial do século XVIII em que a Inglaterra e a França disputavam a posse daqueles territórios. Foi essa a primeira aventura missionária dos Espiritanos em terras longínquas e foi uma das gestas mais extraordinárias da história espiritana. O P. Koren recorda alguns desses pioneiros: o mais eminente de todos foi o P. Pedro Maillard, que se identificou de tal maneira com os índios miquemaques, vivendo com eles e partilhando as suas alegrias e sofrimentos que o seu nome entrou no vocabulário e na memória daquele povo. Cem anos depois da sua morte corria ainda entre eles a lenda de que o P. Maillard aprendera a sua língua de forma milagrosa. Foi ele o primeiro a descodificar a língua daquele povo e durante mais de 170 anos o seu catecismo substituiu o missionário. Maillard acompanhou sempre o povo em todas as campanhas na luta pela posse do seu território.

"Cem anos depois da sua morte corria ainda entre eles a lenda de que o P. Maillard aprendera a sua língua de forma milagrosa."

Recebeu como reforço o P.João Le Loutre, mais tarde conhecido pelo «pai dos Acádios». Também o P.Le Loutre acompanhou as movimentações dos refugiados em busca da sua liberdade, vindo a ficar prisioneiro dos ingleses. Assumiu abertamente a defesa dos índios e dos acádios, sendo considerado o seu verdadeiro pai. Havia de prosseguir a sua obra o P. Manach, que se empenhou na mesma causa dos índios.

A 1 de Agosto de 1755 foi dada ordem de prisão a todos os missionários, tendo estes dispersado, cada um conforme lhe foi possível. Ficou com os índios o P. L. Guennec, acompanhando os refugiados na chamada «grande deportação» até à costa marítima, com a esperança de alcançarem a ilha de S.João. A maior parte morreria, frente ao mar, de epidemia e de fome, reduzidos que foram à extrema miséria. Le Loutre viria a morrer em odor de santidade. Outros nomes poderíamos acrescentar a estes primeiros mártires espiritanos da justiça e da paz: o P. Coquard, exilado por ter dado guarida a 400 famílias de deportados na Carolina do Sul, o P. Antoine Scmodry, o pioneiro luisiano para os Afro-Asiáticos. Irmanou-se de tal maneira com o povo confiado ao seu cuidado que vivia num quarto ao fundo de um barracão. Os rapazes vinham trazer-lhe a comida, caminhando com a água até aos joelhos. Era conhecido como o "pai dos desamparados".

O P. Jean van den Gubghuen acompanhou o Prefeito Apostólico numa visita ao rio Jutaí, na Amazónia. Aí viveu, com os seringueiros, durante trinta anos, ao longo do rio Amazonas. O que mais o fazia sofrer era o facto de nada poder fazer para os tirar da miséria e qualquer tentativa que fizesse era imediatamente anulada pelos seus exploradores. A sua total identificação com o povo não ficou esquecida e em 1962 a rainha Juliana da Holanda conferiu-lhe o grau de «Cavaleiro de Orange.Nassau». Nunca usou as insígnias e provavelmente deu-as a algum pobre, visto que nunca mais foram vistas.

**2. Um segundo espaço da Justiça e da Paz dos Espiritanos, tem a sua geografia no mundo dos escravos das colónias.**

O «Código do Negros» estabelecido por Colbert em 1685, nos seus 60 artigos coloca os escravos na situação de não humanos. Paradoxalmente, é-lhes reconhecida uma alma: para a salvar é preciso ensinar-lhes a obediência e o medo do inferno. Durante muito tempo, a Igreja preocupou-se mais com humanizar esta situação do que em a abolir.

Conhecemos hoje a rota dos escravos da África para as Américas e os números de uma das mais tristes histórias da humanidade. Calcula-se em pelo menos 16 milhões por ano, o número dos deportados no Senegal, na Costa da Mina, ou Costa dos Escravos, no Gabão, no Loango, no Zaire, em Angola. 12 por cento terão morrido durante a travessia. Durante os três séculos em que este comércio esteve activo, devem ter sido 60 a 70 milhões de escravos deportados. Certos portos da costa africana ficaram célebres como polos de referência deste comércio: S. Jorge da Mina, a ilha Goreia em Dakar, onde ainda hoje existe a Casa dos Escravos, que João Paulo II apelidou de «santuário da dor negra», a ilha de Zanzibar, em frente a Bagamoio, um dos principais centros do comércio dos negros na África Oriental.

""A abolição do tráfico dos escravos foi um processo lento"

A abolição do tráfico dos escravos foi um processo lento que começou pelos meados do século XVIII e levou quase cem anos a implementar.

Nesta luta anti-esclavagista entraram várias forças políticas, humanitárias e religiosas: os liberais e os filósofos da Enciclopédia, saídos da Revolução Francesa, defensores dos direitos do homem; os governos europeus interessados em defender a sua imagem e as suas colónias, as potências protestantes apostadas em difundir o seu credo religioso e a Santa Sé, que depois de não poucas hesitações, condenava em 1839 o comércio dos escravos.

A retoma da missão no século XIX inscreve-se neste movimento de confluências anti-esclavagistas. A Obra dos Negros que Le Vavasseur sugeriria a Libermann, emerge neste contexto. A necessidade de uma mobilização em particular a favor

dos escravos negros era uma prioridade sentida por muitas forças da sociedade envolvente. O testemunho vivo dos dois crioulos do seminário de S. Sulpício, um da ilha Bourbon e outro do Haiti, duas ilhas de má memória esclavagista, eram para Libermann um aguilhão que não podia deixar de doer. O projecto de Libermann aparece assim como ponto de confluência de iniciativas convergentes que davam conteúdo a uma mística de serviço aos mais pobres e abandonados que está na base da Obra dos Negros. Vai ser a partir dos escravos libertos da América que regressam à sua África natal, Libéria, Serra Leoa e Senegal, o que dará origem ao Vicariato das Duas Guinés, que Mons Barron, enviado pela igreja de Filadélfia, vai abrir o caminho aos missionários de Libermann.

**3. Os negros** foram outra periferia que marcou a missão espiritana. A opção pelos negros insere-se num contexto cultural marcante de toda uma época. Antes de descobrir a África, Libermann pensa sobretudo nos escravos do Haiti, de Bourbon e da Maurícia. Estes é que eram os negros em que Libermann pensava, que de facto, não eram negros. Na terminologia do tempo, os negros não eram necessariamente os da raça negra. Negros eram os mais desprezados daquele tempo, sem qualquer conotação de côr. Serão os abolicionistas que substituirão a palavra «negro por preto» precisamente por causa dessa conotação negativa. A África só será descoberta por Libermann depois de, por motivos políticos, as portas do Haiti, na América e das outras colónias no Oceano Índico, se terem fechado aos franceses. Será então que providencialmente Mons. Barron virá pedir missionários para as Duas Guinés, quando os seus missionários não tinham terra para onde ir.

"Os negros foram outra periferia que marcou a missão espiritana."

A opção de Libermann pelos negros não era simples adesão intelectual a uma causa, mas uma identificação efectiva com os mais abandonados."O nosso projecto, escreveu ele, é entregarmo-nos a Nosso Senhor pela salvação dos negros". Aos seus confrades da comunidade de Dakar, Libermann, numa das suas mais célebres directivas, recomendará que se «façam negros com os negros». É a teologia de S.Paulo quando nos diz que «Cristo se humilhou a si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se obediente até à morte e morte da cruz».

"A opção de Libermann pelos negros não era simples adesão intelectual a uma causa, mas uma identificação efectiva com os mais abandonados."

**4. As crianças da rua.** A experiência mais marcante nesta vertente é sem dúvida a Obra dos Orfãos Aprendizes de Auteuil, que se tornou uma obra emblemática, devido à alma que o Beato P. Brottier lhe imprimiu. Era uma obra, fundada em 1874 pelo Abbé Roussel, para o acolhimento das crianças abandonadas, ou problematizadas. Em 1923 a Obra encon-

trava-se numa situação particularmente crítica, em perigo de rotura, e o arcebispo de Paris pediu ao Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, Mons. Le Roy, para a Congregação assumir a orientação desta obra. Nessa altura a casa da Rua La Fontaine, em Auteuil, contava 300 crianças. O novo director que o superior geral escolheu foi o hoje beato Daniel Brottier. Desde 1923 a 1936 o P.Brottier renovou completamente a Obra, toda ela consagrada ao acolhimento das crianças da rua. Partindo da construção da igreja de Santa Teresinha, a quem confia esta obra, o P.Brottier constrói lugares de acolhimento e multiplica as secções profissionais. Abre novas casas na região parisiense e na província. Escreve milhares de cartas a pedir ajuda para a sua obra. Afectado por contínuas dores de cabeça, o P.Brottier escreveu: "Os médicos procuram a origem do meu mal. Se conhecessem todas as misérias que me batem à porta e a minha incapacidade em aliviá-las, saberiam a causa do mal que me dilacera". Em 12 anos multiplicou por dez o número das crianças e adolescentes que recolheu. Em 1950 a Obra tinha já 3 mil alunos A seguir ao P.Brottier, o seu segundo sucessor o P. Marc Duval abriu 16 casas por toda a França e algumas nas colónias francesas. Hoje a Obra dos Orfãos de Auteuil é dirigida por uma equipa de leigos, mas nela trabalham 23 espiritanos e conta uma população de cerca de 4 mil jovens, de 23 nacionalidades, quase todos emigrantes, distribuídos por 28 casas. Só a Casa Mãe, na Rua Fontaine, em Paris conta 340 jovens. São 1300 os homens e mulheres que garantem a educação e a formação destes jovens.

Obras semelhantes de apoio às crianças da rua serão lançadas pelos espiritanos noutros países ao longo dos tempos, nomeadamente a Casa dos Rapazes de Luanda fundada pelo P. Mário Silva e a Casa dos Rapazes de Nova Lisboa, lançada pelo P. António Ferreira da Silva.

"Particularmente relevantes são as iniciativas levadas a cabo pelos Espiritanos nas situações de conflito armado."

**5.** Particularmente relevantes são as iniciativas levadas a cabo pelos Espiritanos nas **situações de conflito armado.** Em Angola, na Serra Leoa, na República Democrática do Congo, na Nigéria, na Argélia e noutros países por onde a guerra passou. Lembremos apenas o caso de Angola. Em Angola foi com o reclodir da guerra colonial em 1992, na sua forma mais violenta, que o problema dos deslocados se tornou mais agudo e premente. Centenas de milhares de pessoas tiveram que abandonar as suas aldeias, as habitações, as pequenas cidades. Mesmo nas grandes cidades muitos se refugiaram nos bairros periféricos, perseguidos pelos soldados do movimento oposto. A guerra assolou muitas periferias urbanas, ceifando inumeráveis vítimas. Acudir a esta gente tornou-se uma urgência para a Igreja angolana.

Assim, em Malanje, os espiritanos tomaram como lema do seu apostolado "salvar vidas". A sua grande tarefa consistiu fundamentalmente, em recuperar em suas casas as crianças abandonadas, cujos familiares haviam sido mortos ou colhidos pela guerra; e o acolhimento aos refugiados da guerra que chegavam a todo o momento. Com a ajuda da Caritas e da Pam, o P. Manuel Viana e o P. Inácio lançaram as «cozinhas comunitárias» com creche e uma refeição diária para as crianças. Em Outubro de 1993, começaram com dois centros, um com 500 crianças e outro com 250. O projecto chegou a 27 cozinhas com a refeição diária a 28 mil crianças.

**"em Malanje, os espiritanos tomaram como lema do seu apostolado "salvar vidas."**

Em Luanda, um espiritano empenhou-se em fazer contactos com organizações humanitárias para socorrer milhares de famílias refugiadas na capital. Conseguiu-se o alojamento em tendas de mais de mil famílias como a ajuda para alimentar 30 mil pessoas por dia.

Em Benguela, um confrade da paróquia do Pópulo dá-se corpo e alma para aliviar as carências materiais e espirituais de milhares de deslocados, concentrados em acampamentos e aldeias construídas para o efeito.

Em Ndalatando, o P. Benedito Sanchez tomou a iniciativa de acolher as crianças abandonadas e os orfãos. «Ana Itungu» assim se chamava a iniciativa, querendo designar com essa palavra bantu os que ficaram sem pai e sem mãe. Só em Dalatando foram acolhidos 850 orfãos, dos 4 aos 14 anos. O lema desta inicitiva era: «construir a esperança».

No Lubango foi necessário abrir centros de emergência para dar diariamente uma refeição a 600 pessoas.

A missão do Cuando acolheu só de uma assentada sete mil refugiados, a morrer de fome, desespero e cansaço.

Em Cazengo, a missão viu-se na necessidade de alimentar mil orfãos por dia; no Lucala 450. Ao todo 1500 orfãos, em 35 grupos de bairros e aldeias.

**6.** Uma outra experiência de tipo social, da missão espiritana é a **SERVOL na Trindade.** Em 1970 a Trindade passou por momentos de grande turbulência e instabilidade social. Como resposta a este sinal dos tempos um espiritano, o P. Gerry Pantin, deixou o seu colégio de Santa Maria e começou a percorrer os lugares quentes da discórdia, encontrando-se com o povo e procurando descobrir as suas verdadeiras necessidades. Assim nasceram as equipas de SERVOL, cuja finalidade era trabalhar com os jovens para construir a reconciliação e a paz. Trata-se de um movimento para melhorar as condições da sociedade e poder ter influência na vida das populações: é o processo chamado de «intervenção respeitosa». Hoje a SER-

Duquesne University Gumberg Library

VOL tem 132 centros de atendimento, cuida de mais de 6 mil crianças. E 40 centros que atendem 3 mil adolescentes por ano. O movimento está espalhado pelas 11 ilhas das Caraibas.

**7. Nos hostels da África do Sul.** Depois de um longo período de discernimento, a Congregação enviou em 1992 uma equipa de três espiritanos para iniciarem um trabalho pastoral, em Durban, na África do Sul, para o qual a igreja local tinha grande dificuldade em encontrar obreiros, o projecto dos hostels. O governo racista sul-africano tinha libertado Nelson Mandela. Estava-se num período tenso de transição política para a democracia e o fim do sistema aparteid. Os brancos precisavam de mão-de-obra barata para as suas fábricas e construções, mas não queriam que os trabalhadores negros se instalassem nas cidades com as suas famílias. Inventaram para isso os hostels, grandes prédios, de 3 ou 4 andares, dormitórios para grandes aglomerados. Os hostels tinham sido palco de contestação viva e por vezes violenta, ao regime. Eles tinham sido criados para albergar a mão-de-obra negra não longe da cidade. E das indústrias. Eram os grandes dormitórios sexistas que chegavam albergar 10 a 25 mil homens em quartos com 4, 6 ou mais indivíduos. Nos arredores de Durban 100 mil pessoas viviam em hostels. A segregação e acantonamento separava a unidade familiar, pondo o marido num lado e a mulher noutro. Os hostels tornaram-se um local de uma subcultura humilhante, onde os homens interessavam apenas como mão-de-obra barata e próximo dos locais de trabalho, mas ao mesmo tempo, controlados por um sistema policial rígido e apertado. Cada homem e cada mulher era conhecido pelo número do quarto e da cama, podendo ter como vizinho alguém completamente desconhecido. Quando os espiritanos ali chegaram em 1992 os hostels eram antros de violência, crime, alcoolismo, promiscuidade, droga, desemprego e sida. Os missionários eram os únicos brancos que se atreviam a viver naquele mundo.

"Os hostels tinham sido palco de contestação viva e por vezes violenta, ao regime."

Muito semelhante é o apostolado dos espiritanos nas favelas do Rio de Janeiro, S. Paulo, Assunção, Dublin, Londres, e outras periferias das grandes cidades

8. Outro espaço da missão espiritana de fronteira é o **mundo dos deslocados e refugiados.**

Desde Outubro de 1966 que estão, na Guiné Conakri, com os refugiados da Serra Leoa, três espiritanos. São cerca de 250 mil os refugiados da Serra Leoa neste país, repartidos por 45 campos. Os missionários estão ali não para desempenhar tarefas, mas para estar com as pessoas, acompanhá-las, escutá-las e partilhar com elas a fé. São refugiados completamente

desnorteados e desanimados, muitos deles mutilados, todos traumatizados. A maior parte deles não tem qualquer notícia dos seus familiares porque as famílias foram desfeitas e dispersas por causa da guerra. O estar com eles é necessário para que eles acreditem ainda na sua dignidade. Os missionários intervêm junto do Alto Comissariado para os Refugiados e procuram lançar projectos de recuperação, formação para a paz e cura dos traumatismos

Também desde 1995 uma outra equipa espiritana com 5 confrades trabalha com os refugiados na Tanzânia oriental. Aqui nove campos de refugiados são para mais de 300 mil pessoas fugirem da violência no Burundi e na República Democrática do Congo. A maior parte das pessoas provêm das pequenas aldeias do Burundi. Os três campos que estão confiados aos espiritanos têm uma população aproximadamente de 85 mil refugiados. Devido às regras impostas pelo Alto Comissariado e pelo Governo da Tanzânia ninguém, excepto os refugiados registados, pode viver no campo dos refugiados. Os nossos confrades vivem numa casa que dista aproximadamente quatro quilómetros do campo. Diariamente vão para o campo e voltam para casa. A principal actividade dos nossos confrades é a presença e a escuta. Escutam as suas histórias de privações, de miséria, de confusão, de falta de esperança.

**"A principal actividade dos nossos confrades é a presença e a escuta."**

**9. Das experiências com emigrantes,** levadas a cabo em Paris, Amesterdão, Dublin, Londres, recordarei apenas a experiência de Manchester. Em Julho do ano 2000 a Província da Inglaterra realizou uma Assembleia Especial em Aylesford para a qual foi convidado também um Associado Espiritano. Estavam presentes confrades vindos de várias nações e durante uma semana partilhou-se os pontos de vista, as esperanças, as dúvidas e a fé no futuro e a constante presença do Espírito Santo nas nossas vidas. Daqui nasceu o projecto «REVIVE» em ordem a acolher no aeroporto de Manchester imigrantes detidos ou ilegais. Visitam os requerentes de asilo político e os refugiados, oferecem defesa perante a lei e serviços de apoio consoante as necessidades. Acompanham as pessoas nas entrevistas, informações e outros serviços de apoio. O grupo visita, convive, encoraja e assiste os que são expulsos do país ou que não são acolhidos. Dão-lhe apoio legal, dialogam com as autoridades. Quase todos os dias passa por este centro gente de todo o mundo: Congo, Angola Siri Lanka, Afeganistão, Iraque.

**10.** Uma outra vertente do empenho social dos Espiritanos é a **Rede Fé Justiça África.** É uma organização fundada em 1988 que reune congregações religiosas e missionárias, in-

cluindo a congregação do Espírito Santo, que trabalham na África ou na Europa ou que se preocupam com a África. Procura criar relações mais justas e equitativas entre os povos da África e os povos do Norte. Os seus objectivos são: reunir e difundir informação sobre os problemas relacionados com a justiça em África e sobre a política europeia que afecta o continente africano; fazer recomendações aos institutos participantes para mobilizar a opinião pública e organizar acções eficazes; influenciar positivamente as decisões da União Europeia que afectam a vida dos africanos. Une mais de mil contactos, tanto na África como na Europa, fornece ao Secretariado toda a informação sobre os problemas que vivem os africanos. É uma rede aberta a todas as igrejas e organismos que se comprometem com uma procura constante de uma maior justiça para a África.

"É uma rede aberta a todas as igrejas e organismos"

## 11. É neste contexto que nasce o CENTRO PADRE ALVES CORREIA

Portugal foi tradicionalmente um país de emigração. Mas a partir da década de 60 passou a ser também um país de acolhimento aos imigrantes. Os fluxos migratórios em demanda do nosso país têm ritmos diversos: destes, destacamos os africanos, nomeadamente os Caboverdianos, Guinenese, S.Tomenses, Angolanos e Moçambicanos e a partir da década de 90 os europeus de Leste e os Brasileiros. Vivem em geral em situações precárias, sem as condições de vida a que têm direito, por vezes são excluídos da sociedade em que tentam integrar-se.

Interpelado por esta situação, o Capítulo Provincial dos Espiritanos de 1990, depois de constatar o "insuficiente empenhamento da Província espiritana junto dos imigrantes africanos" (nº538), particularmente com os dos países onde os espiritanos tinham missões, propôs à Província que se apostasse mais na pastoral dos imigrantes (nº604) libertando pessoal e meios para esse fim.

"em 28 de Março de 1992, nasceu o Centro Padre Alves Correia (CEPAC)"

Foi neste contexto que em 28 de Março de 1992, como complemento à Capelania dos Africanos, nasceu o Centro Padre Alves Correia (CEPAC), passando a ter a sua sede no nº. 43 da Rua de Santo Amaro. À Estrela.

O Centro tomou o nome de P. Joaquim Alves Correia, missionário espiritano, por este padre ter sido na primeira parte do século XX uma voz que se fez ouvir na defesa dos direitos humanos e dos valores da liberdade e da democracia. É conhecido pelo seu zelo apostólico e pela sua dedicação à causa dos pobres, e os seus escritos, por onde perpassa já a imagem

da igreja samaritana que o Vaticano II proclamaria, tornam-no presente e actual. O P. Alves Correia veio a falecer, exilado nos Estados Unidos no tempo de Salazar, a 1 de Junho de 1951.

O CEPAC tem procurado viver na esteira do P.Alves Correia. Visitar este Centro é uma peregrinação pelo mundo da luta pelos direitos humanos e pela dignidade da pessoa, bem patente nas histórias de imigrantes sem documentos, sem direito a uma casa, a cuidados de saúde e a viver com a família e muitas vezes explorado e marginalizado. O seu objectivo fundamental é ajudar os imigrantes a uma integração total que lhes respeite a identidade e os faça sentir pessoas numa sociedade pluricultural. É este Centro que tem a sua sede na Rua de Santo Amaro à Estrela, nº 43 Lisboa.

**"O CEPAC tem procurado viver na esteira do P.Alves Correia."**

Biblioteca Gulbenkian Library

# *os espiritanos em gibraltar* (1870-1872)

*Mons. Scandella tem na mente a preocupação do seu vicariato, e em particular a questão do Colégio que ele abriu em Gibraltar pouco depois da sua entronização episcopal no Rochedo. Na partilha das preocupações aparece inevitavelmente o Colégio e os problemas a ele ligados. O contacto transforma-se em pedido de missionários para Gibraltar.*

*O P. Levavasseur toma conhecimento do relatório sobre Gibraltar e a 24 de Abril envia-o a Roma, ao P. Schwindenhammer, tendo o cuidado de emitir o seu parecer sobre a eventual aceitação do colégio de Gibraltar. A Congregação ficaria encarregada da direcção imediata do Colégio e de tudo o que diz respeito à disciplina, ao ensino e à administração dos fundos. Os benefícios e as despesas do Colégio serão por conta e risco do Vigário Apostólico que se obrigaria quer a dar uma gratificação mensal fixa à Congregação, quer deixando-lhe uma parte fixa dos benefícios do Colégio. Em caso de necessidade, o Vigário Apostólico cooperará para o bem do Colégio em tudo o que lhe for possível. O Vicariato apostólico não se poderá opor a que a Congregação funde em Espanha ou noutros lugares os colégios que ela julgue úteis para o bem da Religião e das almas.*

*O Colégio foi fundado em 1858 por Mons. Scandella. A princípio o Colégio estava situado à beira-mar, mas em 1864 foi transferido para o local actual. O Colégio tomou o nome da montanha, agradável pela beleza do lugar e pelo clima ameno; nada melhor*

* *René Charrier é um espiritano francês, actualmente administrador da Revista "Mémorie Spiritaine" e investigador da história da Congregação do Espirito Santo.*

*para "Padres, vindos de Missões, fatigados ou doentes".*
*Os espiritanos, no seu desejo de juntar o mais depressa possível candidatos para o seu Instituto, têm em vista a criação dum postulantado no interior do Colégio ou muito perto para que os principiantes possam seguir aí os cursos. O P. Eigenmann no verão de 1871 interroga-se sobre o futuro do Colégio e o seguimento da implantação espiritana na Península. O ponto mais importante dos desacordos, para não dizer o mais central, será a questão das finanças. Os acordos aparentemente muito claros e transparentes para as autoridades espiritanas não o são para Mons. Scandella. Mons. Scandella nega os termos do acordo com o P. Schwindenhammer. É a 23 de Outubro de 1871, que o Conselho Geral se interroga sobre a continuação ou o abandono do Colégio S. Bernardo em Gibraltar. Mesmo nos momentos em que fica a sonhar em perpetuar o compromisso espiritano em Gibraltar, o P. Eigenmann teve sempre em vista uma fundação na Espanha ou em Portugal.*

"os espiritanos trabalharam algum tempo em Gibraltar."

Nas comunidades espiritanas de hoje, é ignorado em grande parte, talvez exceptuando a Província de Portugal, que os espiritanos trabalharam algum tempo em Gibraltar. As circunstâncias que os levaram ao «Rochedo» (Gibraltar) são diversas: ligação entre a missão do Congo e Portugal, dificuldades na Espanha, mas também preocupações de Mons. Scandella, Vigário Apostólico de Gibraltar nos anos 1860-1870.

João Baptista Scandella, nascido em Gibraltar a 19 de Setembro de 1821 numa velha família de origem suíça (Genebra), é enviado por Mons. Hughes[2], Vigário Apostólico de Gibraltar desde 1839, para o seminário da Propaganda em Roma onde depois de brilhantes estudos alcança o doutoramento em teologia. Ordenado padre a 25 de Março de 1845, com a idade de 23 anos e meio, é enviado para Corfou para trabalhar com o arcebispo Mons. Nostrano[3], fisicamente diminuído há alguns anos

[2] *Henry Hughes (1788-1860): nascido a 26 de Junho de 1788 em Wexford na Irlanda, entra nos Franciscanos, torna-se bispo in partibus de Héliopolis e vigário apostólico de Gibraltar a 15 de Março de 1839, pede a demissão em 1856 com a idade de 67 anos e morre a 12 de Outubro de 1860 (site Internet Catholic Hieraachy).*
[3] *Mons. Piero António NOSTRANO (1768-1852) é arcebispo de Corfou de 1830 a 1850.*

como consequência de uma congestão cerebral. É ao mesmo tempo chanceler e secretário do arcebispo coadjutor, o carmelita irlandês Mons. Nicholson[4].

Pelos fins de 1848, conhece o espiritano Jean-Baptiste Lœvenbruck[5] quando este desembarca em Corfou, onde acaba de ser enviado pela Propaganda para tentar resolver uma situação delicada. Quando, por razões muito longas para explicar aqui, Mons. Jean-Baptiste Scandella pede a demissão das suas funções de chanceler, ele experimenta dificuldades por razões financeiras, e Lœvenbruck, tendo pena deste jovem colega que se cansa de pedir ajuda à Propaganda, dá-lhe alguma ajuda financeira[6].

Pouco depois os seus caminhos são diferentes. Tendo ido para França a procurar religiosas para se ocuparem das jovens de Corfou, Lœvenbruck não pode regressar a Corfou e deixa-se arrastar a partir de Angers para a engrenagem das missões paroquiais. Por sua vez, depois do seu regresso a Gibraltar ter sido solicitado em vão por muitas vezes, Mons. Scandella para aí volta em 1855 à morte de Mons. Nicholson. É secretário de Mons. Hughes e sucede-lhe como vigário apostólico a 28 de Abril de 1857[7]. Com o título de bispo de Antinoë, é sagrado

[4] *Mons. François-Josepf NICHOLSON (1803-1855), carmelita irlandês primeiramente arcebispo coadjutor sucede a Mons. Nostrano em 1850 e morre em 1855.*

[5] *Jean-Baptiste LŒVENBRUCK (Kemplich, 1795 - Angers, 1876) é enviado para Corfou pela Propaganda em Novembro de 1848.*

[6] *Lœvenbruck encontra o seu jovem colega ambicioso e mundano, cheio de dívidas; contudo tem pena dele e diz fornecer-lhe alimento e dinheiro; exige para ele junto das autoridades da Propaganda um auxílio melhor, sugerindo-lhe fazer economias pela lembrança de Scandella em Gibraltar ou seu enviado numa nunciatura (Cf. René CHARRIER, Le P - Jean Baptiste Lœvenbruck, un lorrain aux semelles de feu, capítulo IX L'aventure de Corfou (Novembro de 1848 - Março de 1849).*

[7] *Mons. Jean-Baptiste SCANDELLA (1821-1880): nascido a 19 de Setembro de 1821 em Gibraltar numa velha família de origem suíça; aluno dos Irmãos das Escolas Cristãs; estudante dotado e desejoso do sacerdócio, é enviado pelo seu bispo Mons. Hughes para o seminário da Propaganda onde alcança um doutoramento em teologia magna cum laude; é ordenado padre a 25 de Março de 1845 com a idade de 23 anos e meio; a título da Propaganda, passa dez anos em Corfou como secretário de Mons. Nicholson; volta à sua terra natal em 1855 e assegura o secretariado de Mons. Hughes, a quem sucede aos 35 anos como vigário apostólico de Gibraltar a 20 de Abril de 1857 com o título de bispo in partibus de Antinoë (aos 35 anos); morre a 27 de Agosto de 1880 com 59 anos. Falando o espanhol e o inglês, dedicou-se particularmente à educação; recrutou novos professores, abriu uma escola em Rosia Parade, e quando em 1860 fundou a Conferência de S. Vicente de Paulo pediu-lhe para dar prioridade à educação das crianças; o que levou a abrir duas escolas, enquanto outras duas se abrem em 1865 na cripta da Igreja de S. José. Na mesma linha, foi ele que favoreceu o regresso dos Irmãos das Escolas Cristãs a Gibraltar (site Internet Catholic Hierarchy e site diocese de Gibraltar, histórico).*

[8] *Nicolas Patrick Stephen (Patrício Estêvão) WISEMANN (1802-1865): nascido em*

em Londres a 30 de Novembro de 1857 pelo Cardeal Wiseman[8], que nasceu em Sevilha não longe de Gibraltar.

Em 1870, Mons. Scandella vem a Roma participar no Concílio do Vaticano, que, como se sabe, debaterá, entre outras a questão da infalibilidade pontifícia[9]. Os bispos que respondem às convocatórias conciliares levam também consigo as preocupações da sua jurisdição e aproveitam a ocasião para as partilhar não só com as congregações, mas também com os seus irmãos no episcopado vindos de todas as partes.

Mons. Scandella tem portanto na mente a preocupação do seu vicariato, e em particular a questão do Colégio que ele abriu em Gibraltar pouco depois da sua entronização episcopal no Rochedo. No início este colégio foi confiado aos padres do Vicariato. Dificuldades provenientes do superior, obrigam Mons. Scandella em 1869 a bater à porta dos Jesuítas[10]. Eles aceitam, mas algumas das suas exigências, que desgostam o Vigário Apostólico, fazem que ao convite expresso do cardeal Barnabó, ele não aceite os seus serviços. Deve então recorrer a soluções improvisadas chamando o bispo de Cádis em sua ajuda para lhe encontrar um padre director. Como a situação piorava em vez de melhorar, o conselho episcopal aconselha Mons. Scandella a dirigir-se a uma congregação religiosa.

"No início este colégio foi confiado aos padres do Vicariato."

Em Janeiro de 1870, em Roma, o Vigário Apostólico de Gibraltar partilha as suas preocupações com um bispo missionário, vindo do Extremo Oriente, Mons. Louis Gabriel Delaplace, Vigário apostólico em Pequim[11]. Na partilha das pre-

---

*Sevilha a 2 de Agosto de 1802; padre a 11 de Março de 1825, com 22 anos e meio; professor de hebreu e de siríaco na Universidade de Roma; reitor do colégio inglês de Roma em 1828; influencia Newman e Manning; arcebispo de Westminter a 29 de Setembro de 1850 e cardeal a 30 de Setembro de1850; autor de Fabiola ou l'Eglise des Catacombes em 1854; morre em Londres a 15 de Fevereiro de 1865.*

[9] *Concílio Vaticano I; 20º Concílio ecuménico convocado por Pio IX em 1869 e suspenso a seguir à entrada das tropas francesas em Roma em 1870.*

[10] *Já tinha sido dirigido um pedido aos espiritanos em 1867 da parte de M.Georges de Salverte, responsável pelos requerimentos no Conselho de Estado (92, rua da Universidade em Paris); ele tinha vindo à Casa Mãe pedir missionários para Gibraltar da parte do bispo do lugar (Mons. Scandella) com o qual estava relacionado; era mais particularmente para uma casa de educação; o P. Léon Levavasseur que tinha sido encarregado de o receber tinha respondido que por insuficiência de pessoal, a congregação não podia aceitar a proposta (nota do P. Barillec com data de 28 de Janeiro de 1867, A. CSSp 10 G 1.2.3).*

[11] *DELAPLACE Louis Gabriel (1820-1884): nascido a 21 de Janeiro de 1820 em Auxerre (França); padre em 1843 a título da Congregação da Missão (Lazaristas); bispo titular de Hadrianopolis e vigário apostólico de Ki,angsi (China) em 1852; vigário apostólico de Se-Kiang oriental (China) em 1854; vigário apostólico de Pequim (China) em 1870; † a 24 de Maio de 1884 (site Catholic Hierarchy).*

ocupações aparece inevitavelmente o Colégio e os problemas a ele ligados. Pelos fins de Janeiro, vindo ao Seminário francês, Mons. Delaplace sente como um dever de caridade falar disso a Mons. Kobès, também ele vindo da Senegâmbia para o Concílio. Ele pensa sem dúvida que haveria uma solução possível da parte da Congregação do Espírito Santo que tão bem se ocupa do seminário romano há quase vinte anos. Mons. Kobès[12], naturalmente apressa-se a falar do assunto ao P. Inácio Schwindenhammer, o Superior Geral dos espiritanos, chegado muito recentemente (em fins de Dezembro de 1869) ao Seminário francês. O contacto transforma-se em pedido de missionários para Gibraltar. Pouco depois, Mons. Delaplace pede uma resposta do P. Schwindenhammer[13], porque, diz ele, Mons. Scandella tem pressa. O P. Schwindenhammer responde-lhe que se ele tem pressa, a solução é procurar por outro lado. Entretanto, os padres Joseph e Augustin Lémann[14], judeus convertidos vindos para falar com os padres conciliares sobre a conversão dos judeus, encontram Mons. Scandella que lhes confia a sua questão e a sua decepção. Os padres dão conhecimento

**"O contacto transforma-se em pedido de missionários para Gibraltar."**

[12] *Aloyse KOBÈS (1820-1872): nascido a 17 de Abril de 1820 em Fessenheime (Alsácia); padre em Estrasburgo a 21 de Dezembro de 1844; entra na Sociedade do S.C. de Maria (La Neuville) em Julho de 1846; consagração a 25 de Março de 1847; ecónomo e professor no Gard; nomeado a 22 de Setembro de 1848 coadjutor do vigário apostólico das Duas Guinés (Mons. Remis Bessieux), ordenado bispo titular de Modon a 30 de Setembro de 1848; passa a vigário apostólico da Senegâmbia a 9 de Fevereiro de 1863; † em Dacar a 11 de Outubro de 1872.*

[13] *P. Inácio Schwindenhammer (1818-1881): 12º superior geral da Congregação do Espírito Santo, de 2 de Fevereiro de 1852 a 6 de Março de 1881. O P. Schwindenhammer, doente desde o início de 1869, pode, apesar de tudo, partir para Roma por ocasião do Concílio. Chega ao Seminário francês de Roma a 6 de Dezembro de 1869, acompanhado do P. Barillec e do Ir. Joseph Thuet (Cf. BG 1869-1870).*

[14] *Edouard Joseph LÉMANN (1836-1915) e Achille Augustin LÉMANN (1836-1909): irmãos gémeos nascidos em Dijon a 18 de Fevereiro de 1836 numa família judia; órfãos, estudam em Lyon, e aí se convertem; baptizados em 1854, entram no Seminário de Issy; padres a 22 de Dezembro de 1860 para a diocese de Lyon; consagram a sua vida sobretudo à conversão dos seus irmãos judeus; vindos a Roma em 1870, redigem para os padres do Concílio um "Postulatum pro Hebraeis" em favor da conversão dos judeus; o documento recolhe 510 assinaturas episcopais mas não será promulgado por causa da interrupção do Concílio. Eles são autores de vários livros versando quase todos à volta do mesmo tema. Joseph foi sobretudo pregador e Augustin professor de Sagrada Escritura na Católica de Lyon. Os dois morrem em Lyon: Agustin a 16 de Junho de 1909 e Joseph a 8 de Fevereiro de 1914.*

[15] *Melchior FREYD (1819-1875): nascido a 2 de Janeiro de 1819 em Geiposheim (Baixo Reno);seminário maior de Estrasburgo (condiscípulo de Schwindenhammer, Aloyse Kobès e Stumpf); padre a 21 de Dezembro de 1844 (com Aloyse Kobès); vigário em Ste Marie aux Mines depois na catedral de Estrasburgo; entra no Gard a 9 de Março de 1854; consagração em Paris a 27 de Agosto de 1854; superior do Seminário francês de Roma depois da morte do P. Lannurien (5 de Setembro de 1854); ao mesmo*

do assunto ao P. Freyd[15], reitor do Seminário francês, que informa disso o seu Superior Geral e o convence a receber Mons. Scandella. Na tarde de quarta-feira a 23 de Março de 1870, Mons. Scandella é recebido na via Santa Chiara e aí encontra o P. Schwindenhammer. Expõe-lhe as suas necessidades relativas ao Colégio S. Bernardo de Gibraltar e entrega-lhe um pequeno relatório sobre a questão. A 4 de Abril o P. Barillec, secretário do Superior Geral que o acompanhara a Roma, recebe ordens para transmitir directamente o pequeno relatório ao P. Eigenmann, espiritano de origem suíça então em Portugal, em Santarém, numa casa de educação orientada para a missão do Congo[16].

"Tinha-se tomado conta do colégio de Santarém, como Seminário das Missões do Congo onde estavam os PP. Duparquet e Carrie."

O Superior Geral sabe que a situação em Portugal onde a Congregação entrevia largas esperanças, se tem deteriorado. Tinha-se tomado conta do colégio de Santarém, como Seminário das Missões do Congo onde estavam os PP. Duparquet e Carrie. As circunstâncias levam a que se tenha a intenção de abandonar a missão do Congo e que se encaminhem os esforços mais para o sul, do lado do Cabo da Boa Esperança. Isso põe em causa a fundação de Santarém, visto que presentemente em Portugal não há vocações suficientes exigidas pelas missões do Congo. Além disso, a política do país por agora não é nada favorável às fundações religiosas. Eis porque foi recentemente decidido abandonar o colégio de Santarém, assumido há três anos. Contudo, numa ocasião favorável, esperando melhores dias, não poderia ele reviver não longe de lá, em Gibraltar? A proximidade de Espanha poderia sem dúvida enviar estas vocações, de que a África tem tanta necessidade. Certamente, a Espanha, ao longo da sua história recente conheceu uma série de períodos contraditórios: as perseguições sob a regência de Maria Cristina e sob o governo do general Espatero, alternaram com as restaurações religiosas facilitadas pelas intervenções firmes do Papa Gregório XVI e pela vinda de Isabel II. A Espanha conheceu duas concordatas (1851 e 1859). Mas muito recentemente, pouco depois da insurreição militar de Prim e o regresso pacífico de Narvaez, a revolução de 1868, que tinha tido a sua origem em Cádis, forçou Isabel II a fugir; daí resultam: a constituição democrática de 1869, o protesto dos bispos ao anúncio da liberdade de cultos, o voto pelas Cortes do casamento civil, a

*tempo procurador junto da Santa Sé; demissão em 1859; professor e director do seminário colonial em Paris em 1860-1862; reitor do Seminário francês em 1863; morre em Roma a 6 de Março de 1875 aos 56 anos. (A.CSSp, dossier pessoal AG 9).*

[16] *Todo este parágrafo se baseia em vários documentos localizados em A.CSSp 10 G 1.2.3.*

supressão dos honorários eclesiásticos pelo governo. O momento não é propício à paz religiosa.

A ocasião de Gibraltar no entanto aparece favorável, quase uma pechincha. Ao menos como solução de expectativa. Por prudência, o P. Schwindenhammer pediu ao superior de Santarém para ir ao local examinar os lugares e as possibilidades oferecidas. Só depois, ele consultará o seu Conselho. O P. Joseph Eigenmann[17] vai efectivamente a Gibraltar, nos primeiros dias de Abril. Chega lá a 14 de Abril, Quinta-feira Santa. Acolhido pelo P. Thomas Mac Auliffe, secretário do Vigário Apostólico, encontra no dia seguinte, (Sexta-feira Santa), o P. Narciso Pallares, vigário geral, e os outros três membros do Conselho episcopal: o P. Ferdinand Moreno, segundo pároco de Gibraltar, o secretário do Bispo e o pároco de S. José, a paróquia exterior. Estas quatro pessoas são as únicas a estar ao corrente do assunto[18].

"O P. Joseph Eigenmann vai efectivamente a Gibraltar, nos primeiros dias de Abril."

O P. Eigenmann não perde tempo. A 17 de Abril de 1870, (dia de Páscoa) endereça ao P. Schwindenhammer um longo e detalhado relatório com conclusões preferentemente positivas[19]. Envia este relatório para Paris onde o P. Frederico Levavasseur, provincial de França e assistente geral assegura a

[17] *Joseph Gebhard EIGENMANN (1841-1910): nascido em Rorschah (cantão de St Gall, Suíça) a 2 de Junho de 1841; estudos em St Gall, Coire, e Schwyz, depois em Einsielden; Chevilly 25 de Janeiro de 1860; seminário francês em Roma 1863; licenciatura e doutoramento em teologia; ordenado padre em Roma, Sábado 23 de Setembro de 1865 pelo Cardeal Patrizi; noviciado em Chevilly, profissão a 21 de Novembro de 1886; professor em Chevilly (filosofia); Lisboa Outubro de 1868. 1870 Santarém, superior do seminário do Congo; colégio S. Bernardo em Gibraltar, Julho 1870-Abril 1872 (nomeado superior a 18 de Julho de 1870); votos perpétuos em Paris a 27 de Agosto de 1871; chegada a Lisboa em Abril de 1872, tifóide; Julho de 1872 prospecção no norte de Portugal; fundação em Braga em Julho de 1872-Novembro de 1888; provincial de Portugal 1887-1896; Porto Novembro 1888-Setembro 1896; no Capítulo Geral de 1896 eleito conselheiro geral; Brasil Outubro 1896-Fevereiro 1897: visitador; USA Fevereiro 1897-Setembro 1898: visitador e provincial par interim; Paris Setembro 1898, conselheiro geral; aposenta-se em Braga: doença do coração; em 1909 aposentação em Friburgo (Suíça); morre em Friburgo a 27 de Junho de 1910. Falava sete línguas: alemão, francês, inglês, italiano, espanhol, português, holandês (A. CSSp Dossier pessoal AF 10 – BG, vol. 25).*

[18] *A.CSSp 10 G 1.2.4.*

[19] *Este relatório apresenta-se como um pequeno livrinho, formato 18 cm x 11 de 56 páginas de uma delicada escrita com alguns desenhos e planos; depois do relato da sua viagem evoca a situação de Gibraltar (descrição, população, línguas, clero, conventos), a do Colégio (histórico, sítio, terreno, interior, mobiliário, pessoal, alunos, vocações, empregados, professores, cursos); como previsto, sem dúvida, pede ao P. Schwindenhammer para tratar com Mons. Scandella a questão das finanças e da retribuição e resume por fim, os motivos da aceitação do colégio seguidos dos motivos contra a aceitação. (A.CSSp 10 G 1.2.2).*

[20] *A.CSSp 10 G 1.2.2 e 10 G 1.2.3.*

interinidade do Superior Geral[20].

O P. Levavasseur toma conhecimento do relatório sobre Gibraltar e a 24 de Abril envia-o a Roma, ao P. Schwindenhammer, tendo o cuidado de emitir o seu parecer sobre a eventual aceitação do colégio de Gibraltar. Coloca entre outras algumas reservas:"olho a obra como muito difícil para nós... A intervenção e a vizinhança do bispo serão incómodas e darão sempre lugar, por mais que se faça, a inconvenientes aborrecidos". Não esquece também de lembrar ao seu superior a necessidade de saber que honorários o bispo conta dar aos professores.

As coisas esclarecem-se. No Domingo in albis 24 de Abril de 1870, Mons. Scandella envia um pedido escrito. Ainda tem tempo de conversar com o P. Schwindenhammer, que antes de qualquer decisão tem de auscultar a opinião do seu Conselho. O P. Schwindenhammer não se demora em Roma; a 12 de Maio embarca em Civittà-Vechia no Pausilippe. Na quarta-feira, 18 de Maio, está de regresso a Paris[21]. Com vistas a tomar uma decisão, põe os membros do seu conselho ao corrente das suas negociações romanas.

A 1 de Junho, por correio, Mons. Scandella submete à Casa Mãe um projecto de convenção, cujo texto original é em italiano:

"Na hipótese da Congregação do Espírito Santo e do Sagrado Coração de Maria se encarregar da direcção do Colégio S. Bernardo de Gibraltar, são propostas as seguintes condições como base fundamental duma convenção:

1 - O Vicariato apostólico conservaria o direito de propriedade sobre os edifícios e sobre todo o seu mobiliário, bem como sobre tudo o que se vier a investir ou adquirir com os fundos da Missão. O Vicariato apostólico conserva igualmente a autoridade suprema sobre o Colégio.

2 - A Congregação ficaria encarregada da direcção imediata do Colégio e de tudo o que diz respeito à disciplina, ao ensino e à administração dos fundos. No entanto para as questões importantes, a Congregação consultaria o Vigário Apostólico.

3 - Duas vezes por ano, as contas do Colégio serão submetidas ao Vigário Apostólico.

4 - Os benefícios e as despesas do Colégio serão por conta e risco do Vigário Apostólico que se obrigaria quer a dar uma gratificação mensal fixa à Congregação, quer deixando-lhe uma

[21] *O P. Schwindenhammer deixa Roma na quinta-feira, 12 de Maio, embarca em Civittà-Vechia a bordo do Pausilippe, navio regular dos Senhores imperiais e desembarca em Marselha na tarde de Sexta-feira 13 de Maio. Visita então as comunidades espiritanas de Toulon (Var) e de Cellule (Puy-de-Dôme) e entra na casa mãe na quarta-feira 18 de Maio ao romper da manhã. (BG .vol.7.p.570-573).*

parte fixa dos benefícios do Colégio. Tanto num como noutro caso, o Vigário Apostólico está pronto para se conformar, tanto em quantidade como em qualidade, com o modo adoptado pela Congregação nos outros colégios.
5 - Em caso de necessidade, o Vigário Apostólico cooperará para o bem do Colégio em tudo o que lhe for possível. Quando a Congregação o desejar procederá de modo que, sobretudo na questão da qualidade dos professores, os eclesiásticos do Vicariato ajudem a Congregação; medida que será provavelmente necessária nos primeiros tempos.
6 - O Vicariato apostólico não se poderá opor a que a Congregação funde em Espanha ou noutros lugares os colégios que ela julgue úteis para o bem da Religião e das almas.
7 - Esta convenção deverá ser submetida para aprovação à Congregação da Propaganda como também o deverá ser qualquer mudança ou modificação que se fizer no futuro[22]".

Nesta carta de 1 de Junho, ele insiste no facto de que ele e o P. Schwindenhammer devem submeter a questão à Propaganda. Acrescenta que oferece à Congregação a possibilidade de fundar em Gibraltar um escolasticado e um postulantado.

A 3 de Junho de 1870, o P. Schwindenhammer reúne o Conselho Geral na casa Mãe. Depois da exposição e exame de todos os dados (excepto o projecto de convenção que certamente não chegou), pergunta-se ao Conselho "se não se pode efectuar a retirada de Santarém em Portugal e de aceitar a direcção do colégio de Gibraltar que nos é proposta pelo Vigário Apostólico do lugar". A discussão dos elementos do dossier leva à seguinte conclusão: "a proposta de Mons. Scandella é aceite, mas com certas condições: "atendendo a que as propostas feitas em Março último por Mons. Scandella e à carta de 17 de Abril de 1870 do P. Eigenmann, atendendo também que é prudente não deixar esta parte da Europa, sempre a pensar no Congo, atendendo igualmente que seria bom ficar "às portas de Portugal e sobretudo da Espanha onde agora não há mais colégios dirigidos por religiosos", atendendo a que apesar da falta de pessoal, é preciso trabalhar na extensão do Instituto, foi decidido por unanimidade aceitar a direcção do colégio S. Bernardo de Gibraltar "somente a título experimental e por conseguinte com a faculdade de nos retirarmos se a obra não realizar as esperanças concebidas", e com a condição de aí se poder ajuntar um escolasticado[23].

"seria bom ficar "às portas de Portugal e sobretudo da Espanha onde agora não há mais colégios dirigidos por religiosos"."

Como se esta decisão de 3 de Junho não fosse sufi-

[22] *A.CSSp 10 G 1.2.3.*
[23] *A.CSSp. registo das Sessões do Conselho geral: conselho nº 9 de 3 de Junho de 1870.*

ciente, o Conselho de 7 de Junho de 1870 volta à questão. Pode-se pensar que o projecto de convenção enviado por Mons. Scandella acaba de chegar a Paris, e que pareceu bom examinar se este elemento podia pôr em questão a decisão. Na realidade, agora que cada um pôde ainda reflectir sobre isso, o Conselho confirma as conclusões de 3 de Junho[24]. O P. Schwindenhammer pôde então escrever a 10 de Junho a Mons. Scandella, sempre em Roma, uma carta de aceitação[25].

Numa carta com data de 16 de Junho de 1870, Mons. Scandella agradece. Julga bom acrescentar: " a questão da infalibilidade vai progredindo". O atraso da decisão conciliar leva-o a dizer que a visita prevista para a Rua Lhomond em Paris é igualmente retardada. A 24 de Junho, o P. Schwindenhammer responde-lhe: estando o assunto concluído, é necessário agora pô-lo em execução; a visita a Paris é mais que desejável; será o momento de redigir e concluir uma convenção[26]. A 7 de Julho ainda de Roma, Mons. Scandella pede desculpas ao Superior Geral pelo seu atraso. O Concílio está a terminar.

"a visita a Paris é mais que desejável; será o momento de redigir e concluir uma convenção."

A 15 de Julho, o P. Schwindenhammer escreve ao Cardeal Barnabò, Prefeito da Propaganda dizendo-lhe que Mons. Scandella lhe submeterá as condições do compromisso da Congregação em Gibraltar. No mesmo dia comunica a Mons. Scandella a sua tristeza por não o poder ver em Paris; envia-lhe as convenções assinadas em duplicado, pedindo-lhe para as submeter à Propaganda, para as assinar e lhe reenviar um exemplar; ele mesmo entregou o texto à Propaganda.

A 16 de Julho tem lugar a última Congregação geral do Concílio, e na segunda-feira seguinte, 18 de Julho, realiza-se a Sessão solene em que é definida a infalibilidade pontifícia. Mons. Scandella ficou até lá. O tempo passou. As relações franco-alemãs deterioraram-se; a 19 de Julho, a França e a Prússia entram em guerra; a 6 de Agosto, as tropas francesas, vindas a Roma ao apelo de Pio IX, vão-se retirar da cidade eterna; pouco depois as tropas piemontesas entrarão em Roma. Devido a todos estes acontecimentos, a segunda Sessão do Con-

[24] *A.CSSp. registo das Sessões do Conselho geral: conselho nº 10 de 7 de Junho de 1870.*

[25] *A.CSSp. Registo das Sessões do Conselho geral: conselho nº 11 de 10 de Junho de 1870.*

[26] *Cf. BG,vol.8, nº 61, Julho de 1871, p.2-4. Decreto relativo ao abandono da casa de Santarém, em Portugal e a aceitação do Seminário-colégio de S. Bernardo em Gibraltar (11 de Agosto de 1870); nº 64, Novembro 1871, p. 451-458: crónica da Comunidade de Gibraltar.*

cílio prevista em princípio para 11 de Novembro, não se realizará.

Olhando às circunstâncias, Mons. Scandella não vem a Paris e regressa directamente a Gibraltar. E é de Gibraltar que ele escreve para Paris a 9 de Agosto de 1870, para apresentar as suas desculpas e dizer o que foi combinado com a Propaganda[27]. A convenção seguirá as recomendações do Dicastério romano. O decreto de aplicação é publicado pela Casa Mãe a 11 de Agosto de 1870[28]. Ele retoma os dados da situação em Portugal e em Gibraltar, demonstra que o abandono da missão do Congo arrasta a retirada de Santarém, resume os modos de tratar com Mons. Scandella "muito bem disposto a nosso respeito" o oferecendo-se para "nos ajudar no respeitante aos professores... sobretudo nos começos". Tudo bem examinado, o Conselho concluiu pela tomada do encargo do colégio S. Bernardo em Gibraltar. O relato do Boletim Geral acrescenta:

**"o Conselho concluiu pela tomada do encargo do colégio S. Bernardo em Gibraltar."**

"Por outro lado está expressamente entendido com Monsenhor que nós poderemos à nossa vontade, juntar ao colégio um Escolasticado e um Noviciado de Irmãos, como nos outros nossos estabelecimentos de educação, conforme aparecerem pessoas. O projecto de convenção foi submetido de comum acordo, por Mons. Scandella e o nosso Superior Geral, à aprovação da S. C. da Propaganda[29].

Não é inútil apresentar aqui o texto integral da Convenção. Os detalhes aí referidos ajudarão a melhor compreender a abertura do compromisso espiritano no "Rochedo".

1º A propriedade do Estabelecimento e do seu mobiliário fica pertença do Vicariato Apostólico. O mesmo acontece com tudo o que puder ser acrescentado ou adquirido de novo com os fundos da Missão. Mas tudo o que for adquirido pela Congregação e ela pertencerá.

2º A Congregação fica encarregada, como norma geral, de tudo o que diz respeito à disciplina, à direcção imediata do Estabelecimento e ao ensino, bem como à administração do temporal. No entanto, o Vigário Apostólico conserva a autoridade superior, e nos casos de maior importância, o Superior do Estabelecimento deve-o consultar.

3º A escolha do pessoal a empregar no Estabelecimento, as mudanças a fazer e a repartição das funções ficam a cargo dos Superiores da Congregação; eles poderão empregar aí, conforme for oportuno, tanto Padres como Irmãos, tanto escolásticos como pessoas estranhas de confiança, eclesiásticos ou lei-

[27] *A.CSSp 10 G 1.2.4.*
[28] *BG, vol. 8, p. 2*
[29] *BG, vol. 8, p.4.*

gos. O Vigário Apostólico procurará se for necessário e a Congregação o desejar, o concurso dos eclesiásticos do Vicariato ou doutros professores, medida que será necessária no começo.

4º Os membros da Comunidade terão plena e inteira liberdade para tudo o que diz respeito à observância das suas Regras, sob a dependência dos Superiores Maiores. E para que eles possam guardar exactamente a observância regular, tal como lhes é prescrita, haverá para eles no Estabelecimento os lugares exigidos pelas Regras, tais como: quartos convenientes e em número suficiente, sala de comunidade, sala de visitas para uso da comunidade diferente da dos alunos, etc.

5º Quanto ao regulamento da casa este deve ser organizado de tal maneira, que salvaguardando os interesses dos alunos e a boa disciplina, deixe também aos membros da comunidade facilidade para cumprir as suas próprias Regras. Mas este regulamento uma vez aprovado pelo Vigário Apostólico, não poderá ser modificado sem a sua aprovação.

6º Ao lado do Colégio, a Congregação poderá formar à sua custa, segundo o que julgar oportuno, os jovens que quiserem entrar no seu seio, e do mesmo modo poderá fundar em Espanha os Estabelecimentos que julgar úteis para o bem da Religião. O Vigário Apostólico garante à Congregação a sua acolhedora benevolência para apoiar estas vocações.

"O Vigário Apostólico garante à Congregação a sua acolhedora benevolência para apoiar estas vocações."

7º Todas as despesas do Colégio são por conta e risco do Vicariato mas também as receitas e os benefícios. Por sua vez, o Vicariato Apostólico compromete-se a dar ao pessoal docente fornecido pela Congregação, os honorários anuais seguintes, segundo as condições estabelecidas para os outros colégios confiados ao Instituto, a saber: 3.000 francos para o Superior, 2.000 para cada professor, 600 para cada Irmão auxiliar. As despesas de viagem das pessoas a enviar ficam a cargo do Estabelecimento, as despesas de regresso a cargo da Congregação.

8º Todos os anos, a situação financeira do colégio, bem como o orçamento do ano seguinte, serão submetidos ao Vigário Apostólico. A meio do ano apresentar-se-lhe-á o balancete financeiro. Qualquer despesa extraordinária fora do orçamento previsto, não se fará sem a aprovação do Vigário apostólico.

9º Se eventualmente qualquer membro da Congregação empregado no Estabelecimento, vier a ser infiel à sua vocação, quiser deixar o Instituto e permanecer no Vicariato como padre secular, não o poderá fazer, para prevenir qualquer outra tentação deste género e cortar cerce os inconvenientes que daí possam resultar.

10º As partes contratantes assinam estas convenções, tanto em seu nome como no dos seus sucessores. Cada uma

das partes, se julgar a propósito por razões importantes, poderá no entanto rescindi-las, mas advertindo a outra com um ano de antecedência a fim de lhe deixar a facilidade de se precaver doutro modo.

11º Estas convenções serão submetidas à aprovação de Sua Eminência o Cardeal Prefeito da S. C. da Propaganda. Não serão feitas modificações em pontos importantes sem a sua autorização[30].

Lidas assim, estas convenções parecem claras e precisas. Elas não deveriam ocasionar litígios. Contudo não serão aplicadas em todas as suas determinações, e por diversas razões, sendo certamente a principal o envio destas decisões finais à Propaganda, colocada aí como árbitro.

**********

Para melhor compreender o que se segue, é bom notar aqui alguns elementos do dossier guardado nos nossos arquivos espiritanos de Chevilly e que seria possível confirmar por extractos paralelos feitos nos arquivos da Propaganda em Roma.

O P. Freyd transmite extractos duma carta de Mons. Scandella à Propaganda, carta de que toma conhecimento por ocasião dos seus contactos de Procurador da Congregação junto da Santa Sé. Mons. Scandella queixa-se da falta de dinheiro e das condições financeiras exigidas pelo P. Schwindenhammer na convenção da tomada do encargo do colégio: 3.000 francos para o Superior, 2.000 para cada professor, 600 para cada Irmão, além do alojamento e alimentação, eis como arruinar o Colégio[31].

A 14 de Setembro de 1870, quando o P. Eigenmann já está em Gibraltar, o P. Freyd envia para a Casa Mãe extractos duma outra carta de Mons. Scandella à Propaganda. Este tenta explicar as dificuldades que encontra com os espiritanos; tudo o que ele aí escreve anda à volta dos seus excessivos pedidos financeiros. No entanto pretende deixar-lhes plena liberdade de acção; assim "desaparecerão todas as ocasiões de criar dificuldades entre nós... o meu único desejo é que os padres estejam contentes e o colégio não sofra". E o P. Freyd acrescenta: "na Propaganda há a convicção de que vocês ou aceitam a proposta do Bispo ou modificarão os honorários pedidos para os padres, porque parecem um pouco exagerados se a alimentação lhes for fornecida pelo Bispo[32]".

[30] *A.CSSp 10 G .1.2.2. Sentido das abreviaturas contidas no documento: S.C.= Sagrada Congregação.*
[31] *A.CSSp.10 G 1.2.3.*
[32] *A.CSSp 10 G 1.2.3.*

***********

"Uma nova comunidade está portanto fundada em Gibraltar."

Uma nova comunidade está portanto fundada em Gibraltar[33]. O P. Eigenmann, cujo relatório permitiu a tomada de decisão, é nomeado superior da pequena comunidade à qual é dado como padroeiro tutelar S. Bernardo. Chegam com ele de Santarém dois escolásticos: Jean Rulhe[34] e Policarpo dos Santos[35] aos quais, para ficar completo, é preciso ajuntar quatro aspirantes: Antunes[36], Mendes, Francisco da Silva e Paulo Pereira[37].

[33] *A diocese de Gibraltar tem dois padroeiros tutelares: Nossa Senhora da Europa e S. Bernardo.*

[34] *BG vol. 8, p. 4 e 9 (decisão de 10 de Julho de 1870: -Jean Alexandre RULHE (1849-1909): nascido em Castelnau de Montralier (Lot) a 24 de Fevereiro de 1849; seminário menor de Moissac; Langonnet 19 de Outubro de 1864; Santarém 1867, com os PP. Duparquet e Carrie; prefeito; estudos secundários e teológicos no seminário patriarcal de Lisboa; Gibraltar em 1870 com o P. Eigenmann; professor e prefeito; regresso a França em Abril de 1872: fim da teologia e noviciado; padre a 21 de Setembro de 1872; profissão a 24 de Agosto de 1873; Braga 1873-1892, com uma viagem de exploração aos Açores em 1890; Porto colégio de Santa Maria em 1892; Formiga 1894, superior; 1896 superior provincial em Lisboa, depois do P. Eigenmann; doença do coração; França Julho 1900; repouso em Bordeaux e Pierroton; Campo Maior; † 11 de Abril de 1904 em Campo Maior (A.CSSp. Dossier pessoal CA 9 – BG 22, p. 637).*

[35] *Policarpo DOS SANTOS: nascido a 30 de Novembro de 1837 em Santa Maria de Casevel (concelho de Santarém); Santarém seminário menor 28 de Janeiro de 1868; Gibraltar 1 de Agosto de 1870 prefeito; ordenação das Ordens Menores por Mons. Scandella em 5 de Março de 1872; Chevilly Noviciado 7 de Abril de 1872; sub-diácono 25 de Maio de 1872; profissão Chevilly 25 de Agosto de 1872; Braga 1872-1877; Campo Maior; sonha fundar um instituto de missões para a evangelização de Portugal; saída em 1900 (secularizado a 16 de Julho de 1900); encardinado na diocese de Viseu (A.CSSp. Dossier pessoal DB 6).*

[36] *José Maria ANTUNES (1856-1928): nascido em Santarém a 28 de Maio de 1856; amador apaixonado de várias ciências (meteorologia, geologia, botânica, zoologia...); seminário do Congo em Santarém 1867 (ano da fundação por Duparquet e Carrie); Gibraltar 1870-1872; Langonnet Abril de 1872; em Chevilly: Noviciado em Chevilly 1878-1879), padre 21 de Dezembro de 1878, profissão 24 de Agosto de 1879; Braga 1879: colégio do Espírito Santo com o P. Eigenmann; 1881 Angola. Moçâmedes: duros trabalhos materiais (instalação, produção, desenvolvimento); Huíla: colégio, seminário diocesano, orfanato, oficinas, plantação de eucaliptos, pomar; chegada das Irmãs de S. José em 1887; grande desenvolvimento material e espiritual: 1 seminário maior, 2 seminários menores, 4 hospitais...; 1904 provincial de Portugal em lugar do P. Eigenmann: fundação da Formiga e Sintra, pequeno escolasticado, oficinas para os Irmãos, noviciado para os clérigos, grande escolasticado, mas último ano de teologia em Chevilly: 1910 a revolução portuguesa = 9 anos difíceis; 1920 procurador das missões portuguesas; 1925 casa mãe em Paris; † 16 de Dezembro de 1928 em Paris (A.CSSp Dossier pessoal AA4 – BG. vol.34, p. 25).*

[37] *Ir. PAULO MARIA PEREIRA (Paulo): nascido em Rio Maior (Santarém) a 23 de Fevereiro de 1851; Santarém pequeno escolasticado 19 de Abril de 1868; Gibraltar:*

Esta equipa parte de Santarém a 27 de Julho de 1870 e chega a Gibraltar a 31, tendo como única peripécia um controle de passaportes em Badajoz. Mons. Scandella, vindo do Concílio, acaba justamente de chegar via Marselha, Córdoba e Málaga. Recebe os viajantes à sua mesa, e no fim duma alegre refeição, manda o seu secretário, Mac Auliffe, conduzi-los ao colégio S. Bernardo. Tudo está preparado para os acolher.

O Colégio, nota o cronista espiritano,"foi fundado em 1858 por Mons. Scandella. O fim verdadeiramente católico que se propunha, a sua grandeza, era permitir que muitos jovens ficassem no seu país para fazer os estudos, em vez de irem para Inglaterra onde estavam expostos a perder a fé".

A princípio o Colégio estava situado à beira-mar, mas em 1864 foi transferido para o local actual e em edifícios adquiridos por arrendamento renovável. Em 1865, Mons. Scandella coloca aí um convento de Irmãs de Nossa Senhora do Loreto que aí têm um pensionato para as melhores famílias. O Vigário Apostólico reserva-se para residência "um apartamento muito elegante e uma dependência apenas com rés-do-chão, que ocupam, com um jardim, uma posição intermediária entre o Colégio e o Convento".O Colégio que tomou o nome da montanha onde ele está assente, "abrange cinco construções diferentes separadas por pátios ou jardins. Todo o terreno é cortado por terraços sobrepostos. No mais elevado ficava a bela capela dedicada a Nossa Senhora da Europa[38]."Quadro agradável pela beleza do lugar e por um clima ameno; nada melhor, acrescenta o cronista, para "Padres, vindos de Missões,

**"O Colégio abrange cinco construções diferentes separadas por pátios ou jardins."**

*postulante irmão 1 de Junho de 1870, colégio S. Bernardo 1870-1872; Chevilly: entrada no noviciado dos Irmãos em Abril de 1872, admissão 1 de Setembro de 1872, profissão (decisão de 26 de Dezembro de 1872; emissão 19 de Março de 1873; nome = Maria); Braga 19 de Fevereiro de 1873 = roupeiro (BG, Março 1873, p. 345 – recebe o nome de Ir. Paulo Maria; pede para sair para ajudar seu pai, acordada a saída (A.CSSp. Dossier pessoal DG 9).*

*Ir. ÁLVAREZ DA SILVA (Francisco): nascido em Santarém a 4 de Abril de 1854; Santarém: postulante no Seminário do Congo 10 de Abril de 1868; por dificuldades nos estudos, opta pelo noviciado dos Irmãos 2 de Fevereiro de 1869; Gibraltar: Julho 1870-Março 1872 = prefeito e sacristão; Chevilly noviciado dos irmãos 1 de 1872 = horticultor; enviado para Braga 11 de Outubro 1872-1886 = roupeiro; profissão em Braga (decisão de 26 de Dezembro de 1872, emissão 19 de Março de 1873); votos perpétuos Chevilly 8 de Setembro 1884; Cunene durante 14 anos 1886-1900; Huíla 1886 – Kihita 1894; Portugal, Campo Maior 1902-1904; regresso a Angola 1904; procuradoria de Luanda 1904-1918; Malange 1918-1923; † 2 de Junho de 1923, em Malange com 69 anos (A.CSSp. Dossier pessoal FA 2).*

*De Mendes não se sabe nada, a não ser que foi despedido em Dezembro de 1871.*

[38] *BG, vol..8.p.452. O site internet da diocese de Gibraltar, numa breve notícia sobre*

fatigados ou doentes", vantagem a que se junta a proximidade da Espanha e de Portugal, os dois países mantidos na mira da Congregação, e isto sempre em vista da Missão do Congo.

Gibraltar, chamada por vezes "o Rochedo" (Djebel Tarik, 425 metros), é desde 1704 um minúsculo território britânico com cerca de 6 km2, com uma população de 18.000 a 20.000 habitantes, "não incluindo a guarnição militar de 6.000 homens". É "um ponto de escala extremamente importante para os navios de todas as nacionalidades que se cruzam entre o Oceano Atlântico e o Mediterrâneo". Porto naturalmente aberto a todos os comércios, honestos ou mafiosos, "asilo de todos os refugiados e de todas as pessoas que saem da sua pátria para o bem do seu país", Gibraltar, apesar do seu carácter de fortaleza estratégica, favorece o contrabando, as conspirações e os falsificadores. "A cidade estende-se sobretudo em largura no sentido do talude da montanha, o que lhe dá o aspecto dum anfiteatro[39].

No seu relatório do mês de Abril de 1870, o P. Eigenmann apresenta também a sua descrição. Eis o princípio:

"A quase ilhota de Gibraltar não passa de um imenso rochedo transformado em fortaleza"

*"A quase ilhota de Gibraltar não passa de um imenso rochedo transformado em fortaleza; pode ter uma légua de comprimento e uma meia légua de largura. Do lado da Espanha só há uma estreita planície que forma o braço unindo a ilhota à terra firme. A montanha ergue-se quase a pique do mar do lado voltado para o Mediterrâneo enquanto que a encosta é mais suave do lado do Atlântico...[40]".*

As pessoas que vivem na cidade são de origens muito diversas; Ingleses de preferência anglicanos e Espanhóis de preferência católicos caminham ao lado de uma grande comunidade judia, e algumas famílias são de origem suíça. Como lugares de culto, têm ao seu dispor duas igrejas católicas, uma sinagoga e capelas protestantes. Fala-se o inglês e o espanhol[41].

******************

*Mons. Scandella, indica que a estátua original de Nossa Senhora da Europa estava na posse dos cristãos de Algeciras desde 1704, e que para a fazer voltar para a capela construída sobre a colina S. Bernardo, acima do colégio, Mons. Scandella mandou fazer uma réplica da estátua que deixou aos cristãos de Algeciras. A estátua autêntica volta para Gibraltar em 1864 e o santuário de Nossa Senhora da Europa foi inaugurado em 1866.*

[39] *Cf. vol. 8 do Grande Dicionário Universal do XIX século, editado por Pierre LAROUSSE, em Paris em 1872.*

[40] *A.CSSp 10 G 10 1.2.2.*

[41] *Todas as informações e citações deste parágrafo são tiradas do vol. 8 do Grande Dicionário Universal do XIX século, editado por Pierre LAROUSSE, em Paris em 1872.*

Os começos são sempre difíceis. "Só o Superior falava espanhol e muito imperfeitamente". É preciso ocupar-se da instalação, mas também"do estudo do meio em que íamos viver e dos primeiros elementos da língua espanhola".

A entrada aproxima-se[42]. O pessoal que ficou encontra-se reduzido a três pessoas: M Rubis, padre francês de Beaucaire, o Sr. Bueno José, clérigo menor, originário da diocese de Grenade e o Sr. Cheappe, leigo de Gibraltar. Os outros professores e o Superior tinham partido no mês de Junho.

Um reforço esperado chega a tempo. A 19 de Setembro, antevéspera da entrada, o P. Nicolas Stoll, recentemente vindo da Serra Leoa para tratar da saúde, vem encarregar-se do economato, mas como escreve o P. Eigenmann anunciando em Paris a sua chegada: "é muito pouco e ele não sabe o espanhol[43]. Falta um professor de ciências. Joseph Bueno persuade seu irmão, António Bueno, licenciado em ciências, a vir remediar esta deficiência. A 14 de Outubro, um mês depois da abertura das aulas, o P. Edward Conyngham, sem passar pela França aparece na altura própria vindo da Irlanda[44].

A equipa de professores está agora quase completa. Durante o mês de Fevereiro de 1871 chegará, como em suplemento, um outro escolástico, M. O´Dwyer, também ele irlandês, vindo por razões de saúde[45].

---

[42] *A 17 de Setembro de 1870, o P. Freyd que tinha sido posto ao corrente das negociações pelas duas partes, dá conhecimento do ponto da situação ao P. Schwindenhammer e conta o que tinha sido combinado com e pela Propaganda.*

[43] *Nicolas STOLL (1842-1906): "ecónomo desde o começo até ao fim" (escrito por ele mesmo numa ficha de informações para a casa mãe); nascido a 31 de Maio de 1842 em Kaysersberg (Alto Reno); Gourin 1856; Langonnet 27 de Maio de 1860; Paris beco das Vinhas 27 de Setembro de 1861; Bathurst Janeiro de 1867; Serra Leoa Agosto de 1867; Gibraltar 1870-1872; Saint Pierre et Miquelon 1872; Bourbon 1877; Chandernagor 1878; Pondichéry 1881; Cellule 2 anos; Chevilly 1883, votos perpétuos a 26 de Agosto de 1883; Serra Leoa 1883, Monrovia 1884, Freetown 1887; Cellule 1890; Portugal 1891: Porto (1 ano), Sintra (2 anos), Campo Maior (4 anos), Lisboa (procurador provincial 3 anos); † 24 de Setembro de 1906 em Kaysersberg (A.CSSp Dossier pessoal CC 2 – BG, vol. 23, p.831).*

[44] *Edward CONYNGHAM (1842-1889): nascido a 13 de Outubro de 1842 em Kellorglin (condado de Kerry, Irlanda); Langonnet 14 de Agosto de 1859; padre em Paris a 14 de Novembro de 1869; professo em Chevilly a 28 de Agosto de 1870; Gibraltar 1870; Trindade 1871-1875; Guadalupe 1875-1880; Rockwell Fevereiro de 1882; Mesnière Outubro de 1882; Langonnet Setembro de 1883; Beauvais Setembro de 1889; † 17 de Novembro de 1889 em Beauvais. (A.CSSp Dossier pessoal AD 9 – BG, vol 15, p.521).*

[45] *BG. vol. 8, p. 16. John O´DWYER: nascido em Killorgan (diocese de Tuan) a 29*

Os alunos não são muitos, 33 internos e 6 externos, o que à priori não admira olhando à extensão do território. Eram cerca de sessenta no ano anterior. "Quase todos pertencem à aristocracia espanhola; alguns são de famílias ricas de negociantes". A princípio mostram-se bastante reservados com relação à nova equipa de professores. Talvez os tenham posto de sobreaviso contra intrusos, estrangeiros; talvez alguns pais tenham medo da febre-amarela que ronda naquelas paragens. Alguns mostram-se indisciplinados, tendo pena do deixar-correr do ano precedente. É preciso resolver-se a clarificar a situação excluindo alguns cabeçudos. Estas medidas enérgicas trazem a calma e a ordem, mas diminuem o número dos alunos.

"O primeiro interesse dos alunos parece ser a aprendizagem do inglês, tido por necessário se se quer um emprego."

O primeiro interesse dos alunos parece ser a aprendizagem do inglês, tido por necessário se se quer um emprego. Uma parte considerável segue o curso comercial dado por M.Cheappe. Outros enfim sonham com carreiras especiais, como a da marinha.

O relacionamento com o clero, parecido com o de Mons. Scandella, é bom. Parece satisfeito por ter encontrado uma solução para o Colégio. Mons. Scandella prega o retiro dos alunos e a 1 de Novembro benze a nova capela. Como para reforçar este bom relacionamento, por ocasião da festa da Imaculada Conceição, os antigos professores do estabelecimento são todos convidados para a mesa da comunidade, rodeando Mons. Scandella e o seu Conselho episcopal. Por sua vez, a 2 de Fevereiro, data tão importante para os espiritanos, é convidado para "uma piedosa festa de família", onde o P. Eigenmann cumpre a tradição fazendo aos aspirantes e à comunidade uma conferência sobre os últimos momentos do P. Libermann.

---

*de Julho de 1847 (ou nascido em Killorglin (Killaney) a 17 de Junho de 1846); Blackrock 19 de Outubro de 1860; escolástico 8 de Dezembro de 1861 – escolasticado maior Chevilly 15 de Agosto de 1866; professor em Blackrock 12 de Setembro de 1870; Gibraltar 9 de Fevereiro de 1871; ordenado diácono por Mons. Scandella em 1871; dificuldades em Gibraltar; o seu superior não esteve contente com ele, muito pouco piedoso, muito preocupado com a sua saúde; noviciado Chevilly 22 de Setembro de 1871; carta de 12 de Agosto de 1872 em Chevilly: sobrecarregado, caio doente, febre, escarro sangue; atormentado pelo superior; durante este tempo "padres passam o tempo a tocar piano, a andar a cavalo, a estudar arquitectura... vida insuportável"; recusa por isso a profissão prevista para 25 de Agosto de 1872; Setembro de 1872, carta má ao P. Leman; despedido no fim de 1872; parte para a América, depois para Nova Zelândia em 1873; controvérsia entre ele (pedido de documentos) e os responsáveis espiritanos (pedido de indemnização financeira para despesas durante a sua formação). (A.CSSp. Dossier pessoal EF 11).*

Por sua vez, a festa de S. José reveste um carácter mais festivo. "Todos os espanhóis, depois de Santa Teresa, têm uma grande devoção a este santo". E como além disso, é a festa patronal do P. Superior, pode-se imaginar a importância dada a este 19 de Março de 1871. Isso vale um feriado extraordinário dado aos alunos pelo P. Superior, feriado que se torna para os espiritanos ocasião de uma arriscada saída de barco:

*"Dois barcos foram dar aos bancos de areia e foi a muito custo que se desencalharam. Mas tínhamos perdido tempo e não estávamos ainda de regresso quando ecoou o impiedoso tiro de canhão que fecha o porto de Gibraltar. No entanto às dez horas da noite depois de uma longa espera, pudemos entrar. Foi graças a uma permissão especial dada pelo governo*[46]."

A Semana Santa é vivida na paróquia de S. José, onde fica o colégio. É o próprio Mons. Scandella que vem preparar os alunos para a comunhão pascal e Segunda-feira de Páscoa, ordena diáconos José Bueno e O`Dwyer, não estando este último de boa saúde. Mais tarde, no Domingo de Pentecostes, na capela Nossa Senhora da Europa, confere as Ordens menores a M. Rulhe e a Ordenação sacerdotal a José Bueno, depois confirma alunos do colégio bem como os aspirantes portugueses[47].

**"A Semana Santa é vivida na paróquia de S. José, onde fica o colégio."**

Pelos fins de Junho têm lugar os exames do fim do ano e foram satisfatórios. E o ano escolar termina com uma solene distribuição de prémios, presidida por Mons. Scandella, satisfeito por uma feliz conclusão. Há 14 alunos à espera de partir para Sevilha em companhia do P. Eigenmann para fazerem exames universitários; de trinta e sete apresentados trinta são admitidos, resultado bastante bom para um primeiro ano. Esta deslocação permite ao P. Eigenmann contactar várias famílias de alunos, tanto em Sevilha como em Jeriz, Porto de Santa Maria e Cádis. A 9 de Julho é o fim do ano escolar e o começo das férias para os alunos[48]. M. Rubis que resolveu estabelecer-se noutra parte, parte do colégio a 30 de Junho[49].

---

[46] *BG. Vol.8, p.456-457. Cf." Um tiro de canhão dado pela bateria baixa e regulado para a hora do pôr do sol... anuncia o encerramento das portas" da cidade e o início das patrulhas de noite (Pierre LAROUSSE, Grande Dicionário Universal do XIX, vol. 8, Paris, 1872, p. 1246-1248, artigo Gibraltar.*

[47] *BG, vol. 8, p. 450.*

[48] *Eis o estado do pessoal do Colégio fornecido pelo P. Eigenmann a 6 de Julho de 1871: Rubis, padre francês;. José Bueno, padre de Granada;. António Bueno, leigo de Granada; Jean Cheappe, leigo de Gibraltar; Rulhe; Policarpo; P. Stoll; P. Conyngham; M. Dwyer; e naturalmente P. Eigenmann.*

[49] *BG, vol. 8, p. 458*

"Os alunos espanhóis com os quais se contava recusaram continuar no Colégio"

A equipa espiritana muito depressa encontrou várias dificuldades, mais ou menos graves. Os alunos espanhóis com os quais se contava recusaram continuar no Colégio e o fraco número de estudantes parece claramente insuficiente, tanto sob o ponto de vista financeiro como o da emulação e da planificação do pessoal. A partir de 27 de Abril, o P. Eigenmann manifesta ao Superior Geral algumas das suas apreensões. Depois de ter defendido a posição local sob o porte do hábito religioso (isso será tratado mais adiante), procura demonstrar como é fraca a sua posição em Gibraltar, em particular no que diz respeito às finanças e à clausura. E conclui: "Mas não conhecendo bastante o que pensa a Casa Mãe sobre esta obra, até que ponto a mantém, se a quer incondicionalmente, se a quer até ao ponto de condescender em tudo com Mons., se numa palavra ela a mantém, eu não posso, digo eu, falar disso clara e francamente com Monsenhor. "Se devia ser tomada uma decisão, seria preciso lembrar-se que foi estabelecido um laço entre a conservação do colégio e o estabelecimento dum escolasticado[50].

Antes de partir para Sevilha no fim de Junho, o P. Eigenmann sente necessidade de voltar a dizer o seu pensar ao P. Schwindenhammer. Nós não podemos, explica ele, ficar na indecisão "que torna a nossa posição completamente falsa e precária". Com um pessoal mesclado, nunca faremos uma verdadeira comunidade. O nosso trabalho traz apenas um benefício insignificante para a Congregação. Para as vocações, os resultados só podem ser indirectos e longínquos. Visto que com Mons. Scandella "vários pontos importantes permanecem ainda num certo sentido em litígio...". O seu silêncio, acrescenta ele, põe a nossa paciência à prova[51]. No fim de Junho, na véspera da sua partida para Sevilha, retoma a mesma antífona como um lamento: sem notícias há dois meses, vivemos num "completo isolamento[52]".

Regressado de Sevilha informa a Casa Mãe. O Colégio é muito caro; e por outro lado não há bastante inglês no programa. "Se o inglês desaparece, desaparecerá igualmente o Colégio, porque o inglês é a língua própria do colégio". O que quer dizer com certeza que são precisos professores de inglês, e que

[50] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral 27 de Abril de 1871 (A.CSSp 1º. G 1.2.4.)*

[51] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 2 de Junho de 1871 (A.CSSp 10 G.1.2.4).*

[52] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 20 de Junho de 1871 (A.CSSp 10 G.1.2.4).*

é preciso pedi-los ao P. Leman, na Irlanda. "O Colégio não é nosso, é de Mons e aceitando-o ficamos comprometidos com ele"; por contrato somos obrigados a fazer " o nosso possível para o fazer prosperar e realizar o seu programa". Os dois escolásticos presentes em Gibraltar, não sabendo o inglês, vale mais repatriá-los[53]. Por estas e outras razões, por exemplo a saúde, os senhores Rulhe e Dwyer partem a 14 de Setembro para Paris, seguidos pelo P. Conyngham dois dias depois[54].

Muito depressa apareceu um outro ponto de controvérsia entre os espiritanos (ou antes a Casa Mãe) e o Vigário Apostólico: a questão do hábito religioso. As autoridades espiritanas de Paris mantêm-no por vontade de uniformidade e fidelidade a uma tradição, enquanto que o Vigário Apostólico os convida a seguir a actual maneira de fazer em Espanha e mesmo em Gibraltar. A 27 de Abril, o P. Eigenmann, notou-se já, tenta fazer compreender ao Superior Geral que os dados locais deveriam levar os espiritanos a submeter-se e a não usar o hábito religioso a não ser no interior da comunidade e no colégio. A 29 de Abril, Mons. Scandella escreve ao Superior Geral procurando convencê-lo duma necessária adaptação: na Espanha, fora de casa, deixa-se o hábito religioso para vestir o hábito secular; os fiéis "acham isso muito natural"; e acrescenta este comentário: "afinal de contas Gibraltar não passa dum pequeno arrabalde de Londres ou Dublin, em tudo o que diz respeito aos costumes dos eclesiásticos, seculares ou religiosos[55]". Nada a fazer, parece, até ao momento em que, depois de muitas insistências, é dada a permissão de andar sem batina na rua e nas viagens a Espanha.

Outro obstáculo, a questão das línguas. A maioria dos espiritanos, à sua chegada, deve tomar algum tempo para aprender o espanhol. Por outro lado, como o inglês é ainda assim a língua oficial no "Rochedo", é preciso prioritariamente arranjar professores anglófonos a vir da Irlanda, e o P. Leman que neste tempo "reina" na fundação irlandesa maneja os seus enviados e parece enviar de preferência pessoas cuja saúde poderia aproveitar bem do sol meridional. As trocas epistolares entre o P. Leman e o P. Eigenmann não ficam sempre no nível ideal das relações fraternas. Várias vezes seguidas o reitor de S.

**"A maioria dos espiritanos, à sua chegada, deve tomar algum tempo para aprender o espanhol."**

[53] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 5 de Julho de 1871 (A.CSSp 10 G.1.2.4).*

[54] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 17 de Setembro de 1871 (A.CSSp 10 G.1.2.4).*

[55] *Carta de Mons. Scandella ao P. Schwindenhammer a 29 de Abril de 1871 (A.CSSp 10 G.1.2.4).*

Bernardo se queixa das deficiências dos seus colaboradores irlandeses; várias vezes também recusa tal ou tal reforço anunciado[56].

Por outro lado, as relações com a "direcção suprema" do Colégio que Mons. Scandella escolhe, passam por tensões que se vão intensificar para atingir o seu auge em Novembro de 1871 e conduzir à retirada dos espiritanos em Março de 1872. As divergências assentam sobre quatro pontos de desigual importância, dos quais alguns já foram abordados: a clausura religiosa, a implantação dum postulantado e dum escolasticado, o hábito religioso e o "pagamento" dito de outro modo a retribuição dos espiritanos.

O desacordo sobre a casa de formação provém da incerteza na aplicação duma possibilidade oferecida pela convenção. Os espiritanos, no seu desejo de juntar o mais depressa possível candidatos para o seu Instituto, têm em vista a criação dum postulantado no interior do Colégio ou muito perto para que os principiantes possam seguir aí os cursos. Para Mons. Scandella uma obra desta natureza tem que ser totalmente distinta do estabelecimento. De facto, as discussões vão levar muito tempo, não conseguindo a Casa Mãe, os espiritanos de Gibraltar e o vigário apostólico pôr-se de acordo sobre uma posição comum. Por outro lado a questão evoluirá a partir das dificuldades nascentes ou latentes em Gibraltar, da ausência de vocações vindas de Espanha, onde a situação não é favorável e enfim a evolução do pensar do P. Eigenmann a partir das suas incursões na Espanha e em Portugal, principalmente por ocasião da viagem que ele faz no Verão de 1871.

Na sua carta de 21 de Dezembro de 1870 ao P. Schwindenhammer, o P. Eigenmann assinala já que é no norte de Espanha e no norte de Portugal que se poderiam encontrar vocações. Ele imagina já um escolasticado separado do colégio, mas utilizando os fundos de Gibraltar. Fundando em Espanha e em Portugal, daria em resultado, comenta ele, "uma formação mais fácil, melhor e mais segura[56]" porque aqui "é muito africano, andaluz, mole e sem energia". Valeria mais fundar em Portugal porque "na minha opinião o carácter português para

[56] *Cf. Carta do P. Leman ao Superior Geral a 24 de Setembro de 1870; cartas do P. Eigenmann ao Superior Geral a 3 de Novembro de 1870, a 12 de Fevereiro de 1871, a 17 de Abril de 1871, a 5 de Julho de 1871, a 12 de Julho de 1871, a 17 de Setembro de 1871, a 23 de Outubro de 1871. (A.CSSp 10 G 1.2.4).*

[56] *As palavras impressas em negrito. no interior das citações são no original sublinhadas com um traço, algumas vezes com dois. Acontecerá o mesmo a partir daqui.*

a vida religiosa é melhor que o espanhol, mais maleável e menos orgulhoso[57]. Esta opinião tornou-se ainda mais firme depois da sua viagem no verão de 1871.

"Não haverá verdadeiro postulantado espiritano em Gibraltar"

Não haverá verdadeiro postulantado espiritano em Gibraltar e a presença de alguns escolásticos e de alguns postulantes irmãos vindos de Portugal e da Irlanda não pode ser tida como um embrião de estabelecimento de formação espiritana tal como foi visto à partida. No fim do ano escolar 1870-1871, fica resolvido reenviar para França os escolásticos, excepto o Sr. Policarpo retido devido aos seus conhecimentos das línguas ibéricas.

É atendendo a esta questão que é preciso situar a "longa e difícil viagem" do P. Eigenmann no verão de 1871. Ele tinha-a planeado há vários meses, quando as realidades de Gibraltar o levam a interrogar-se sobre o futuro do Colégio e o seguimento da implantação espiritana na Península. Para obter a necessária autorização para esta importante deslocação, apresenta igualmente o facto de ter de emitir os votos perpétuos em Agosto de 1871. A 12 de Julho de 1871, pede claramente à Casa Mãe para se pronunciar sobre a continuação ou o fim do compromisso em Gibraltar, a fim de poder dizer "uma palavra segura ao Mons." Na mesma carta diz ter falado com os seus confrades sobre a sua viagem a França e a conclusão é que esta viagem que passaria pelo norte de Espanha, foi tida como "não só oportuna mas necessária, motivada como era pelos interesses, as necessidades e as dificuldades da sua comunidade. Enumera então as etapas do seu itinerário: Galiza, extremo norte de Espanha, Madrid, Barcelona, Perpinhão, Narbona. Nîmes, Lião, Paris[58].

Tendo sido dada a autorização, incluindo mesmo uma visita à família, parte a 20 de Julho, mas não realiza ponto por ponto o itinerário projectado. Escreve de Pamplona a 25 de

[57] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 21 de Dezembro de 1870 (A.CSSp 10 G 1.2.4). Cf carta do mesmo ao mesmo a 24 de Janeiro de 1871: a minha ideia duma implantação dum escolasticado em Espanha ou em Portugal não é "uma especulação irrealizável; acredito que ela é tão prática como a outra e no fundo mais vantajosa". Cf também carta do mesmo ao mesmo a 12 de Fevereiro de 1871: seria procurar no Norte de Espanha, por exemplo em Salamanca (Leão) ou na Galiza, porque "o jardim da Galiza goza dum clima muito ameno e muito saudável". Ver também as cartas de Ou-tubro de 1871 a Fevereiro de 1872, isto é da decisão de deixar Gibraltar até à partida de Gibraltar (A.CSSp 10 G 1.2.4).*

[58] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 12 e 14 de Julho de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4).*

Julho: deixou a Galiza, Lião e as Astúrias, passou por Madrid, Valhadolide e Burgos; tenciona seguir por Marcilla em Aragão, Saragoça, Barcelona e a Catalunha, enfim por Lião para Bâle e Paris. Entra em Gibraltar a 16 de Setembro, depois de ter parado em Sevilha onde vieram alguns alunos do Colégio para os exames oficiais.

"O ponto mais importante dos desacordos será a questão das finanças"

O ponto mais importante dos desacordos, para não dizer o mais central, será a questão das finanças, o famoso "pagamento", isto é a retribuição dos responsáveis espiritanos. Este ponto merece ser desenvolvido, pois vai-se tornando mais crucial. Os acordos aparentemente muito claros e transparentes para as autoridades espiritanas não o são para Mons. Scandella, que desde o começo das negociações, encontra excessivos os pedidos espiritanos, e se entrincheira por detrás da arbitragem da Propaganda. Imaginem!

A 20 de Agosto de 1870, antes portanto da primeira entrada dos espiritanos no Colégio, o P. Eigenmann levanta a lebre: "Honorários – quando toco este ponto, diz-me que na verdade tinha notado que os nossos honorários eram um pouco elevados, mas acrescenta, nós entregamos este assunto à Propaganda; aceitarei o que ela decidir". Monsenhor, continua o P. Eigenmann, está bem disposto a nosso respeito e pronto a aceitar muito. No entanto ele propõe que os recursos do colégio sejam divididos em três partes, uma para os espiritanos, uma para os fundos do estabelecimento e uma para ele. Faz notar que os professores antigos eram menos pagos, pois, diz ele, o reitor recebia 2.000 francos e os professores 1.500 ou 1.200. O P. Eigenmann pensa portanto que os honorários pedidos para os espiritanos são muito elevados, particularmente os 600 francos concedidos aos Irmãos[59]. A 3 de Novembro, tem o cuidado de notar que a divisão dos recursos em três partes é apenas um projecto e que é preciso por agora ater-se ao que foi fixado, portanto aos termos da convenção[60].

A 20 de Setembro, véspera da abertura das aulas, diz que está "totalmente envergonhado" por não ter todo o pessoal necessário: "como é possível, protesta ele junto do Superior Geral, tomar a responsabilidade dum colégio, se não se pode, ou não se quer ou não se sabe enviar para lá o pessoal necessário...Que não se demore; as preocupações, os aborreci-

[59] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 20 de Agosto 1870 (A.CSSp 10 G 1.2.4).*

[60] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 3 de Novembro de 1870 (A.CSSp 10 G 1.2.4).*

mentos, os mil trabalhos tornar-me-ão doente" e ainda por cima as notícias de França chegam-nos sempre más, ai de mim![61]. A 3 de Novembro ajunta estas palavras, cheias de caridade para um suíço: "Possa ao menos a SS. Virgem abrir os olhos a esta pobre França e fazê-la voltar para Deus sua verdadeira força e sua esperança[62]".

Numa carta ao P. Levavasseur, que assegura interinamente as funções do Superior Geral durante a sua estadia em Roma, o P. Eigenmann ajunta elementos ao dossier. Monsenhor, escreve ele, diz-se sempre "primeiro director do Colégio", conservando por conseguinte os seus direitos de intervenção, mas cuidando, por delicadeza, não intervir presentemente. No entanto, "ele acaba de construir uma casita com terraço" que dá para o Colégio; pode portanto vir passear a seu gosto e levar aí à vontade cavalheiros e senhoras e disse-me claramente que é o que ele pensa". Isto não é a clausura religiosa como está prevista nas regras espiritanas. Mas Mons. Scandella não quer prestar nenhuma atenção às nossas observações sobre este ponto.

*"É impossível falar com ele. Diz-nos que temos a clausura nos nossos quartos, que falar de clausura num colégio é ridículo, que de resto o colégio é seu e que a Propaganda lhe impôs que ficasse perto para dirigir e vigiar superiormente... Receio e lamento que tudo não tenha sido suficientemente assente com ele em Roma... Por outro lado é difícil conversar claramente com Monsenhor; ele tem o hábito de deixar apenas a palavra ao seu interlocutor, de não prestar atenção ao que ele diz e de seguir as suas ideias. Monsenhor em Gibraltar é mestre de tudo o que diz respeito ao vicariato; está habituado a isso e parece-me que dificilmente se poderá privar da sua influência imediata no Colégio".*

No que toca à retribuição, "o ponto mais delicado não está ainda esclarecido e é difícil por agora esclarecê-lo". Monsenhor espera a resposta da Propaganda e diz "que mais depressa contrairá dívidas do que deixar de nos pagar[63].

No início do ano escolar a 15 de Setembro de 1871, o efectivo dos alunos é insuficiente[64]. Por várias razões, das quais

[61] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 20 de Setembro de 1870 (A.CSSp 10 G 1.2.4).*
[62] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 3 de Novembro de 1870 (A.CSSp 10 G 1.2.4).*
[63] *Carta do P. Eigenmann ao P. F. Levavasseur a 21 de Dezembro de 1870 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

"As esperanças postas nesta solução de Gibraltar não deram os resultados esperados"

a entrada em quarentena devido à cólera coincidindo com a entrada, a multiplicação dos estabelecimentos escolares em Cádis e Sevilha, bem como a falta de recursos em algumas famílias. As esperanças postas nesta solução de Gibraltar não deram os resultados esperados; vista a situação desastrosa na Espanha, uma melhoria presentemente é apenas hipotética. As condições expressas quando tomámos o encargo do colégio S. Bernardo estão longe de serem cumpridas. Não é preciso esperar ultrapassar o número de 34 alunos "número verdadeiramente insignificante". O que leva o P. Eigenmann a escrever a 28 de Setembro: "vejo que temos muito pouca segurança neste colégio, pouca probabilidade para ficar e diria quase outro tanto do pagamento". Sendo restritas as necessidades de pessoal, limitar-se ao "estritamente necessário". A situação financeira não é brilhante. A 18 de Setembro, o P. Stoll, ecónomo da comunidade, fez chegar ao P. Peureux, procurador na Casa Mãe, as economias do ano escolar 1870-1871, ou seja uma quantia não desprezível de 1.500 francos[65]; mas com este esforço a comunidade encontra-se deficitária. Porque os 2.000 francos dos professores foram reduzidos a 1.800, os 3.000 do director a 2.600. Monsenhor pagar-nos-á? E como e quanto? "O que sei é que por agora ele não parece ter muito dinheiro". Se a situação se mantiver, "nós trabalharemos para o rei da Prússia. Monsenhor não nos pagará nada ou pagar-nos-á incompletamente". Eis porque, confessa o P. Eigenmann, aceitei baixar os salários[66].

Mons. Scandella por outro lado nega os termos do acordo com o P. Schwindenhammer. Diz não se lembrar nada deles, o que foi a ocasião duma grande discussão entre o Vigário Apostólico e o Director do Colégio. Mons. Scandella pretende ter pago aos Jesuítas segundo uma tarifa muito inferior, 1.000 francos. De seguida ele enterra o cravo e acusa ajuntando: "eu não posso entrar nos vossos cálculos ou nas vossas especulações; vocês sabem que no colégio não procuro para mim o mínimo proveito material. Querendo dizer que nós o procuramos... Eu estou preso, não posso fazer nada sem a Propaganda; o vosso Geral sabe-o; a este respeito ele esteve de acordo comigo". Conclusão do P. Eigenmann para o seu Superior Geral: nós podemos retirar-nos, e se Mons. não paga, poderíamos partir sem um ano de aviso. Ele alarga esta conclusão com palavras que misturam a insinuação à bisbilhotice

[64] *Cf. BG, crónica de Gibraltar: "o número dos alunos... não passou de 24 durante os meses seguintes".*

[65] *Carta do P. Stoll ao P. Peureux a 18 de Setembro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4*

[66] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 28 de Setembro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

não forçosamente pacífica: "Eu teria muitas coisas a acrescentar... Tenho ouvido dizer tanto sobre o Mons. e sei que os seus padres de modo nenhum o amam e que nenhum espanhol pode ficar com ele". Ele espera uma "pronta resposta" da casa mãe[67].

A rectidão do P. Eigenmann e a sua irritação forçam-no a emitir um juízo muito duro numa carta de 18 de Outubro de 1871 ao seu Superior Geral. Para ser claro, é preciso esclarecer que o P. Eigenmann acaba de anunciar a Mons. Scandella que Paris decidiu abandonar o Colégio, porque esta obra não corresponde aos objectivos do Instituto. Contrariamente às previsões, Mons. admitiu isso "mais rapidamente e mais pacificamente do que se teria podido imaginar". Não teve "para nós uma palavra de censura". Mas ele precisava tratar bem do "nosso pagamento", que nunca tinha sido regulado segundo a convenção e tinha sido baixado um pouco. Esta solução, lembra o P. Eigenmann ao P. Schwindenhammer, tinha sido por si encarada com Monsenhor pois que para ele a quantia de 1.800 francos era muito elevada. Ai! meu Deus!...

"o P. Eigenmann acaba de anunciar a Mons. Scandella que Paris decidiu abandonar o Colégio"

"Mons. negava (e mantém a sua negação, mas discutir com ele é tempo perdido)... ele me afirma mesmo que nunca houve questão entre ele e você de uma quantia bem fixada como pagamento e que tudo tinha sido entregue à Propaganda, etc. Ele nega e afirma tudo isso sem se chocar minimamente com as contradições flagrantes que ressaltam duma tal maneira de agir e de expor as coisas". Ele disse-me logo à minha chegada que a sua diferente maneira de ver sobre o pagamento seria a pedra de choque "citando-me a quantia exigida e encontrando-a muito elevada... embora ele pretenda não se lembrar mais nada de tudo isso..." Sem querer dizer mal de Mons., dir-lhe-ei simplesmente uma das mil coisas que ouvi sobre ele, e que anda na boca de toda a gente; é o seguinte: Mons. é filho dum comerciante, irmão dum comerciante e ele próprio é comerciante até à medula dos ossos. É o que ele deveria ter sido em vez de ser bispo. Tudo o que ele faz, todas as obras que levanta é feito e fundado antes de tudo num **interesse mercantil.** Tem belas palavras para dizer que não, é a voz de todo o Gibraltar. Ele dispõe por ano de quase 50.000 francos e ninguém sabe para onde vai este dinheiro. Paga apenas a três padres e um ainda espera há **um ano** o seu pagamento. Para as dívidas faz esperar os credores anos e anos. Tem tido ainda muito do Colégio. Em lugar de construir sempre não se

[67] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 28 de Setembro de 1871 (A.CSSp 1º G 1.2.4).*

sabe por que razão, faria melhor pagar a quem deve e activar mais a missão. Há aqui 1.200 **barqueiros portugueses** dos quais absolutamente ninguém se ocupa, dever-se-ia dizer outro tanto dos **Genoveses e Malteses...** [68]"

Monsenhor entrincheira-se sempre detrás da Propaganda; de Roma, deu-se-lhe a entender que tudo se acertará; é por isso que ele teima em dizer e redizer que espera a decisão prometida.

"O que para mim ressalta claramente de tudo isto, é

a) que Mons. pretende que os fundos do Colégio nos devem pagar e não **a sua bolsa;**

b) que se não há fundos, segundo toda a probabilidade, nós não receberemos nada;

c) que ele procura através de subterfúgios e rodeios ridículos, adiar ou **prolongar** o que não está definido porque à nossa partida (uma vez que tivermos partido) ele encontrará os meios de que a Propaganda lhe perdoe toda a dívida para connosco;

d) que ele procura evidentemente dar-nos o menos possível sem nenhum respeito pelos acordos ou promessas precedentes. E como resultado final, se ele **não tem nada em caixa** nós **não teremos** nada!...Evidentemente se nós partíssemos antes do fim do ano escolar (fins de Junho) não teríamos mesmo tanto (cerca de 200-4.000 f) e poderíamos estar inteiramente à mercê de Mons. se tomarmos a decisão de lhe deixar as dívidas e de nós mesmos pagarmos, pelo menos em parte. Eis a realidade... (na resposta a Mons.) não creio que haja lugar para grandes concessões, ele não será mais agradecido[69]".

A 18 de Outubro, tem já passado um mês depois da entrada do novo ano escolar. Durante o verão, a casa mãe enviou reforço para a comunidade S. Bernardo. Um novo escolástico irlandês, Christopher Rooney[70], veio certamente por razões de saúde, pois acredita-se que o clima meridional é mais favorável,

---

[67] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 28 de Setembro de 1871 (A.CSSp 1º G 1.2.4).*

[68] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 18 de Outubro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

[69] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 18 de Outubro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

[70] *Christopher ROONEY (1847-1919): nascido em Rathmines (Dublin) a 3 de Junho de 1847; Blackrock 8 de Fevereiro de 1864, escolástico em Dezembro de 1864; professor em Blackrock 1870 e em Rockwell 1871; Gibraltar 27 de Setembro de 1875 – professo 27 de Agosto de 1876; Braga 1876-188; Sintra 1887 superior; Lisboa 1892 superior e procurador das missões portuguesas; Angola 1897, visitador 1907; Prior Park, Bath 1907; Portsmouth 1910; † a 31de Maio de 1919 em Dublin (A.CSSp Dossier pessoal CA 8 – BG, vol.29, p.370)*

mas pode ajudar nos cursos de inglês. Substituirá o P. Conyngham que recebeu uma nova obediência para a Trindade. Apesar de um telegrama a dizer que nas actuais circunstâncias não é necessário enviá-lo, um outro irlandês, Timothy Coonyam, junta-se também ao colégio a 20 de Outubro, e ainda por razões de saúde[71]. Isto pode causar admiração visto que a maior parte das notícias sobre Gibraltar não apresentam este lugar como o melhor para a saúde: referem-se sempre a chamada febre de Gibraltar originando o estado endémico no interior das casas "pouco arejado e muito insalubre", e provindo dum clima "muitas vezes desagradável" e da estreiteza das ruas[72].

Como já se assinalou, o Vigário Apostólico registou a decisão espiritana de deixar o Colégio S. Bernardo; ele compreende muito bem as nossas reticências, rende-se também à evidência e consente numa partida quase brusca dos espiritanos. Subsiste no entanto o problema financeiro.

**"o Vigário Apostólico registou a decisão espiritana de deixar o Colégio S. Bernardo"**

A 24 de Outubro o P. Eigenmann volta de novo ao assunto e conta ao seu superior as diversas permutas, mais ou menos agitadas com o vigário apostólico. Por ocasião dum recente encontro para relembrar problemas em suspenso, Mons. Scandella mostrou-se "excitado e nervoso como ele é por natureza". Disse estar descontente com uma crítica do P. Stoll sobre as suas próprias intervenções no Colégio. O P. Eigenmann procurou minimizar a questão e não deixou de reconhecer que é bem ele que conserva a "direcção suprema do Colégio". Monsenhor, comenta o P. Eigenmann, "parece também impaciente por nos ver partir como esteve impaciente por nos ter"; insistiu para que os espiritanos deixem o Colégio na Páscoa, isto é a 31 de Março; isso permitir-lhe-ia reorganizar o seu pessoal e também fazer algumas economias. O P. Eigenmann propôs avançar a data da partida para 1 de Março, o que seria mais vantajoso para as contas. Quanto ao pagamento dos espiritanos, Mons. Scandella emitiu a hipótese disso se poder fazer depois da sua partida com letras de 100 dólares, até ao abatimento da quantia tratada com eles e com a Propaganda[73].

As relações entre os Espiritanos e o Vigário apostólico tendem a azedar-se. A Casa Mãe decidiu e fixou a data da par-

[71] *Timothy COONYHAM: nascido em Laughtfooder (condado de Kerry) a 8 de Setembro de 1850; Blackrock 1867-1868; enviado a Gibraltar por razões de saúde; Gibraltar 1870-1872; Trindade 1872; despedido em 1875 (A.CSSp. Dossier pessoal não classificado)*

[72] *Cf. Grande Dicionário Universal do séc. XIX, artigo Gibraltar, como acima*

[73] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 24 de Outubro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

tida; será na Páscoa, portanto no fim de Março, o que está de acordo com a proposta de Mons. Scandella. No entanto, a 7 de Novembro, o P. Eigenmann manifesta a sua indignação e a sua pena" vendo a maneira desleal com que Mons, agiu ou procura agir a nosso respeito". Ele acolheu bem o anúncio da data da partida, mas permanece sempre intratável sobre a questão do pagamento. O P. Eigenmann foi de novo conversar com ele sobre este assunto; ele nega o que foi combinado em Roma e agora e sempre reenvia para a Propaganda. Este debate ocasiona uma cena deplorável.

"Este debate ocasiona uma cena deplorável."

"... e de repente muito encolerizado, levanta-se da sua cadeira, lança-me os olhos furioso (gostaria de dizer de judeu) e começa a gritar: não falemos mais deste assunto, porquê querer subtrair-se à Propaganda. Eis três cartas que há pouco lhe escrevi e espero de dia para dia a decisão; é por uma convenção formal que nós entregamos à Propaganda a fixação do vencimento; eu não posso fazê-lo sem ela e o vosso Geral também não... E tudo isto dito gritando muito encolerizado... É à Propaganda que tudo está entregue; porque é que o vosso Geral quer subtrair-se a ela... Dir-se-ia que a verdade o ofende e gritando cada vez mais forte: não, não, não é verdade, nunca lhe disse para escrever sobre este assunto ao seu superior (mas somente sobre a data da vossa partida). Tenho palavra de bispo e juraria se valesse a pena. Basta, basta! E retiro-me indignado, envergonhado, não por mim, mas pelo bispo, e desconcertado. Que fazer diante duma tal pessoa que nega tudo, que não reconhece nada, para a qual não há palavra, nem fé!!"

O P. Eigenmann constata nisso "muita deslealdade e outro tanto de ingratidão". Por outro lado ele informou-se sobre os honorários dados por Mons. Scandella aos seus predecessores bem como aos professores espanhóis: todos tinham sido pagos copiosamente e mesmo para além do que tinha sido combinado para os espiritanos. É com amargura e resignação que ele conclui para ser agradável ao P. Schwindenhammer:

"A pedido de Monsenhor partimos cinco meses antes, não exigimos nada por este tempo e Mons. recusa-nos o que a simples honestidade lhe deveria impor. O que Mons. faz a nosso respeito é simplesmente injusto e revoltante[74]"

Contudo o conflito não está terminado. Mons. Scandella

[74] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 7 de Novembro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

parte para Tânger, para um retiro, pelo menos é o que se diz. Durante a sua ausência e em seu nome, o seu secretário o P. Mac Auliffe faz chegar ao P. Eigenmann uma queixa formal: se o colégio está em decadência todas as culpas vêm dos espiritanos[75].

A resposta da Propaganda chega finalmente; ela é totalmente favorável ao Vigário Apostólico, visto que ele só deverá pagar aos que partem 7.000 francos dos 11.000 previstos. A 9 de Dezembro, o P. Eigenmann não resiste a comentar a notícia ao seu Superior Geral: "ele deve rir à socapa". Agora pode fazer as contas: depois de regular as dívidas e despesas, ficará apenas com 100 francos. Por outro lado teve direito a uma segunda queixa, transmitida como antes pelo secretário.

No entanto "depois de algum tempo Mons. está bastante abatido e concentrado em si mesmo. As coisas não vão à medida dos seus desejos[76]". Apesar disso mantém, ao que pretende, toda a simpatia para com os espiritanos, não deixa de dizer à sua volta e junto das autoridades do Vaticano, todo o bem que diz pensar acerca deles. Segundo um desejo do P. Schwindenhammer, aceita "elevar às ordens menores" Policarpo dos Santos o que faz a 5 de Março de 1872 na sua capela privada[77]. Com lucidez decide sem demora unir o colégio S. Bernardo e a Instituição das Irmãs num único estabelecimento. Anuncia isso aos seus diocesanos numa circular com data de 30 de Maio de 1872. Nesta data, a equipa espiritana tinha já partido, acompanhada do afecto dos alunos e das queixas expressas pelos pais.

O decreto espiritano que marca o abandono do Colégio é de 19 de Março de 1872, portanto menos de dois anos depois do decreto de aceitação (11 de Agosto de 1870). De facto, a decisão que terá sido retida, foi tomada alguns meses antes. Com efeito, é a 23 de Outubro de 1871, que o Conselho Geral se interroga sobre a continuação ou o abandono do Colégio S. Bernardo em Gibraltar. Os dados fornecidos pelo P. Eigenmann[78] no fim do ano escolar 1870-1871 levaram os conselheiros a decidir por unanimidade deixar Gibraltar quer no

"a 23 de Outubro de 1871 o Conselho Geral se interroga sobre a continuação ou o abandono do Colégio S. Bernardo em Gibraltar."

[75] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 28 de Novembro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

[76] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 9 de Dezembro de 1871 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

[77] *Cf Cartas do P. Eigenmann ao Superior Geral a 22 de Janeiro, 2 de Fevereiro e 2 de Março de 1872 (A.CSSp 10 G 1.2.4)*

[78] *.CSSp Registo das sessões do Conselho Geral: conselho de 28 de Outubro de 1871: nos considerandos precedendo a decisão, referem-se as cartas do P. Eigenmann de 28 de Setembro de 1871 e de 4,17,18 de Outubro de 1871.*

fim do ano escolar 1871-1872, quer na Páscoa de 1872.

A 7 de Fevereiro de 1871, o Vigário Apostólico informa o Cardeal Prefeito da Propaganda das mudanças previstas e das últimas negociações com os espiritanos. "Faz o elogio da boa administração do Colégio e da generosidade mostrada... a respeito dos arranjos materiais" e conclui: "Além disso, assim como tenho de agradecer ao Superior Geral a generosidade com que quis aceitar as minhas propostas, também lhe sou muito reconhecido, a ele e a toda a Congregação, pelo zelo e ardor que puseram em me vir ajudar[79].

Entretanto, as autoridades espiritanas voltaram a reflectir sobre a decisão de deixar o Congo pela região do Cabo. Pode-se portanto esperar agora uma nova tentativa na Península ibérica. Mesmo nos momentos em que fica a sonhar em perpetuar o compromisso espiritano em Gibraltar, o P. Eigenmann teve sempre em vista uma fundação na Espanha ou em Portugal. Quando ele sonhava abrir um escolasticado ligado ao Colégio S. Bernardo em Dezembro de 1870, comparava o carácter português e o carácter espanhol. A 12 de Fevereiro de 1871, interroga-se se não seria preciso procurar antes na Espanha do Norte, por exemplo do lado de Salamanca, ou "no jardim da Galiza com um clima muito ameno e muito saudável[80]". A viagem que empreende em Julho de 1871 quer que seja exploratória: deseja explorar na Espanha do Norte, depois na Galiza até à Catalunha; na realidade limita-se ao nordeste com tomadas de contactos em Madrid, Valhadolide, Burgos, Pamplona, Saragoça e Barcelona.

Quando em Outubro é tomada a decisão de deixar Gibraltar, as duas principais preocupações que aparecem constantemente no correio enviado pelo P. Eigenmann à Casa Mãe e especialmente ao Superior Geral, são "o pagamento" e "o nosso futuro". Está à espreita do que se passa em Portugal e na Espanha. Recebe notícias daqueles que contactou em Julho de 1871; investiga, interroga-os. A 24 de Outubro de 1871, pergunta: partindo, que fazemos nós? Ele dá a resposta: queremos estabelecer-nos em Portugal ou na Espanha. As suas preferências iriam para Portugal, porque "neste momento a Espanha é muito revolucionária, há muito pouca segurança e é muito hostil à religião..." A Espanha está pouco relacionada com o mundo negro, os espanhóis mostram-se muito desconfiados para com os estrangeiros". Sem referir o facto de não termos

[79] *BG. vol.9, p.112*

[80] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 12 de Fevereiro de 1871(A.CSSp. 10 G 1.2.4)*

nenhum espanhol na Congregação. Além disso "o carácter espanhol é menos flexível e oferece menos facilidades para se moldar, e mais independente, mais orgulhoso". Todavia, a opção portuguesa deixa pairar alguns elementos de incerteza: que diplomas é preciso ter para abrir e ensinar? Onde é melhor estabelecer-se? De que pessoas conhecedoras da língua podemos dispor? No estado actual das pessoas, não se pode transportar a nossa comunidade em bloco para Portugal. Também não se trata de voltar para Santarém[81].

A 22 de Dezembro de 1871, responde a uma carta do P. Schwindenhammer lembrando-lhe que tinha sido enviado a Gibraltar para explorar a Espanha: "sem fundos ir fundar um colégio na Espanha? Não sei se a minha imaginação se tornou mais fria, mas um tal projecto actualmente parece-me arriscado". Avança de novo com as suas razões: o espanhol é orgulhoso e em geral manifesta uma grande desconfiança e frieza para com o estrangeiro; na Espanha mais que noutra parte, é preciso que alguém se faça espanhol e que a marca de estrangeiro seja coberta por uma espessa camada de verniz castelhano... Que fazer? Agora que dispomos apenas de 2.000 francos se o bispo não nos paga, de 5.000 se nos pagar? Estamos ainda no a b c, ou no primeiro escalão – e isso sob qualquer ponto de vista". A nível de pessoal, dispomos apenas de dois padres aptos para Espanha e Portugal, e ainda assim? É evidentemente muito pouco. O que não impede de estudar as condições de implantação.

Para concluir, em resumo:

1) no imediato, nada de colégio na Espanha ou Portugal;

2) para a Espanha esperar uma situação mais clara, bem como pessoal mais preparado;

3) se se deseja ficar na Península, deixar os dois padres para estudar os dados com vista a um estabelecimento sólido; voltar a nossa atenção sobretudo para Portugal, principalmente por causa das missões de África; última recomendação: fazer tudo para evitar "uma tentativa inútil semelhante à de Santarém"; necessário será o apoio da Casa Mãe nos começos, isto é "até que se tenha uma base sólida". Tudo isto é exposto, diz ele, "na minha incapacidade e pobreza"; o que o leva em último lugar a pedir para ser dispensado do projecto: "parece-me de mau augúrio entregar uma nova tentativa nas mãos duma pessoa que só sabe destruir, mas que ainda não deu provas de saber construir (sic)[82].

[81] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 24 de Outubro de 1871 (A.CSSp. 10 G 1.2.4)*

O P. Eigenmann recebe enfim informações de todas as partes: uma carta do superior dos Lazaristas de Lisboa, pelo menos duas do cónego Calderon de Santarém que o convida à necessária paciência, uma da região de Oviedo nas Astúrias, uma muito documentada do P. Zeferino Gonzalez, reitor dominicano dos arredores de Paris e outras ainda que o convidam a uma procura prudente e paciente, e orientam progressivamente para uma solução[83]. A Espanha está muito perturbada para aí se estabelecer; Portugal está certamente mais tranquilo "mas há aí também o pressentimento de profundas mudanças a chegar e por outro lado encontrar-se-á arrastado pelo turbilhão geral... Só o amor pela missão de África e do Congo em particular me pode aliviar deste grande sacrifício[84]." A 5 de Fevereiro de 1872, o Conselho geral decide por unanimidade que se deve procurar uma casa na Espanha ou em Portugal[85]. O P. Eigenmann é mandatado para este efeito. A 8 de Março de 1872, quinze dias antes de deixar Gibraltar, solicita do Superior Geral "um documento escrito em que conste que eu permaneço em Portugal sob as suas ordens e pelos interesses da Congregação". O documento ser-lhe-á transmitido. Pede além disso a autorização para viajar em traje secular. É-lhe concedida.

"A 5 de Fevereiro de 1872, o Conselho geral decide por unanimidade que se deve procurar uma casa na Espanha ou em Portugal"

Na véspera da partida para Lisboa e Havre, o P. Eigenmann envia uma última carta de Gibraltar para o P. Schwindenhammer. "Mons. acabou por nos fazer justiça diante de nós e dos outros, reconhecendo tudo o que nós fizemos para o restabelecimento da disciplina e da ordem. Diz que fará tudo o que puder para manter esse estado actual... Não se sur-

[82] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral, 22 de Dezembro de 1871 (A.CSSp. 10 G 1.2.4). A 22 de Janeiro de 1872, pede para ser dispensado do cargo de superior "para retomar, deseja ele, a minha humilde posição em Chevilly ou para ir para os pobres negros", mas igualmente diz estar pronto para fazer o bem na Península (A.CSSp. 10 G 1.2.4).*

[83] *Cartas do P. Eigenmann ao Superior Geral a 3 de Dezembro de 1871; a 22 de Janeiro, 12 de Fevereiro, 17 de Fevereiro de 1872 (A.CSSp. 10 G 1.2.4). O P. Gonzalez apresenta como mais favoráveis para uma implantação, a Catalunha, o país basco, Navarra, as Astúrias "excluindo a Galiza cujas vocações de ordinário não são constantes e os jovens desta última província têm um carácter excêntrico; em último lugar com a Galiza coloca Valência, a Estremadura, Múrcia e Andaluzia; ele teria um fraco pela Catalunha actualmente sem casa para missionários, sobretudo Lérida e Gerona.*

[84] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 2 de Março de 1872 (A.CSSp. 10 G 1.2.4)*

[85] *A.CSSp, livro das sessões do Conselho Geral: reunião de 5 de Fevereiro de 1872 1º ponto; referem-se as informações recebidas pelo P. Eigenmann e comunicadas nas suas cartas de 23 e 31 de Dezembro de 1871.*

preendeu com as nossas ocupações materiais que com 24 alunos não só pagamos todas as nossas despesas sem deixar um cêntimo de dívidas e sem ter modificado o regime dos alunos, mas que nós além disso lhe deixávamos um benefício de mais de 5.000 francos. Mas o tempo urge. Até aqui as nossas relações com Mons. são boas. Espero que partiremos amanhã em paz[86].

A 24 de Março de 1872, aproveitando um navio, sete espiritanos deixam Gibraltar. São os Padres Eigenmann e Stoll, os dois escolásticos Santos e Rooney, o aspirante Antunes e os dois candidatos ao Noviciado dos Irmãos, Silva e Paulo Pereira. Fazem escala em Cádis e chegam a Lisboa a 29 de Março. O P. Eigenmann, como combinado com a Casa Mãe, desembarca em Lisboa e deixando os seus companheiros parte a "visitar o norte de Portugal e de Espanha". Deixando Lisboa a 31 de Março, dia de Páscoa, o resto do grupo chega finalmente ao Havre a 8 de Abril. Coonyham tinha deixado Gibraltar alguns dias mais cedo a fim de se juntar à comunidade de Blackrock na Irlanda.

**"A 24 de Março de 1872, aproveitando um navio, sete espiritanos deixam Gibraltar e chegam a Lisboa a 29 de Março."**

Na realidade a viagem de exploração confiada ao P. Eigenmann não se realizou imediatamente, porque ele ficou várias semanas em Lisboa, devido a uma febre tifóide. É só em Julho que ele inicia a sua viagem de exploração. Dois meses depois, as suas muitas diligências, pedidos de informações e prospecções no norte de Portugal e no norte de Espanha, chegam finalmente ao fim. A 26 de Agosto de 1872, o Conselho Geral regista a decisão de fundar um colégio-seminário em Braga, no norte de Portugal[87]. O P. Eigenmann é considerado o fundador da Província espiritana de Portugal.

Como analisar esta curta passagem dos espiritanos em Gibraltar? Como uma apreciação infeliz duma situação votada ao fracasso? Como um tempo de espera imposto por um ambiente desfavorável, mas devendo necessariamente conduzir a

[86] *Carta do P. Eigenmann ao Superior Geral a 22 de Março de 1872 (A.CSSp. 10 G 1.2.4)*

[87] *A CSSp, livro das sessões do Conselho Geral: reunião de 26 de Agosto de 1872; referem-se as cartas do P. Eigemann de 25, 27, 29 de Julho de 1872 e de 8 e 15 de Agosto de 1872 – BG. vol. 9, BG. vol. 8 nº 70, Dezembro de 1871, p. 739-740; decreto sobre o abandono do Colégio S. Bernardo de Gibraltar (19 de Março de 1871) – BG. vol. 9, nº 76, Setembro de 1872, p. 58-59: decreto sobre a erecção de uma casa em Braga, Portugal, tendo por patrono S. Geraldo, em substituição das de Santarém e de Gibraltar (26 de Agosto de 1872); p. 109-113: crónica da comunidade de Gibraltar (de Setembro de 1870 a Março de 1872); nº 84, Abril de 1873, p.430-440: crónica da comunidade de Braga (de Março de 1872 a Maio de 1873).*

uma solução de futuro: a fundação portuguesa, como base da evangelização do Congo[88]? As razões invocadas para uma partida são suficientes para merecer uma retirada no decorrer dum ano escolar? As razões apresentadas, tanto para a chegada como para a partida, não serão exageradas, embora muito reais? A opinião severa do P. Eigenmann, homem de rigor e de transparência, sobre o Vigário Apostólico de Gibraltar, verdadeiro mediterrâneo e cidadão do "Rochedo", não deveria ser posta em bom lugar nas razões de abandono, mesmo que de modo nenhum seja posta antes das determinações oficiais? Ela certamente ajudou a tomar a inevitável decisão de acabar o breve episódio da aventura espiritana em Gibraltar. Sem dúvida era preciso passar por este vaivém para que se estabelecesse a Província espiritana de Portugal e as Missões espiritanas do Oeste Africano em Angola.

*(Chevilly-Larue, 25 de Setembro de 2005)*
*Tradução de Domingos Neiva*

[88] *O Congo em questão é hoje Angola.*

José Edgar Pinto Barbosa*

# *a largeza do reino de Deus e seus fundamentos em Pe. Joaquim Alves Correia*

*O Reino de Deus e não o reino dos homens, o Reino da «Largueza» e não o reino «estreito» da pequenez humana!*
*Quantas vezes o anúncio do Reino de Deus se realizou e realiza, ainda hoje, sob formas estreitas: piétismo etéreo, mero humanismo, moralismo farisaico, nacional-catolicismo. Uma Nova Evangelização é o grande desafio da Igreja para o mundo hodierno: anunciar o Reino na fidelidade ao seu Rei e Senhor e ao homem do nosso tempo.*
*O Reino de Deus é a comunhão entre Deus e os homens: todos são convidados a participar no mistério de Cristo e do Seu Reino.*
*O homem é filho de Deus e é em Deus que encontra a verdadeira raiz da sua dignidade pessoal.Não existe antagonismo entre Deus e o homem, entre, os Seus direitos e os do homem.Eis as ambiguidades possíveis: ser da Igreja e não ser do Reino, ser do Reino e não ser da Igreja; ou, por outras palavras, estar no corpo e não estar no espírito, estar no espírito e não estar no corpo.*

## INTRODUÇÃO

Venha a nós o vosso Reino» - é a oração que o Senhor Jesus nos ensinou.

O Reino de Deus e não o reino dos homens, o Reino da «Largueza» e não o reino «estreito» da pequenez humana!

Quantas vezes o anúncio do Reino de Deus se realizou e realiza, ainda hoje, sob formas estreitas: piétismo etéreo, mero humanismo, moralismo farisaico, nacional-catolicismo ...

* *Padre da Diocese de Vila Real. Este artigo é parte da sua tese de licenciatura.*

O rol de atentados contra a dignidade da pessoa humana vê-se perto e longe de nós e passa todos os dias, mesmo à nossa frente, através dos meios de comunicação social.

Uma Nova Evangelização é o grande desafio da Igreja para o mundo hodierno: anunciar o Reino na fidelidade ao seu Rei e Senhor e ao homem do nosso tempo.

"O Reino de Deus é a comunhão entre Deus e os homens."

O Reino de Deus é a comunhão entre Deus e os homens: todos são convidados a participar no mistério de Cristo e do Seu Reino.

Esta Boa Nova não é posta em causa por uma multidão de homens e mulheres que não fazem Igreja, forma evangélica, explícita e privilegiada do anúncio da vinda do Reino, e definida pelas suas formas históricas concretas.

Embora uma grande maioria da população mundial não pertença à igreja, o Espírito de Deus não tem fronteiras, "sopra onde quer"(Jo. 3,8) e tem caminhos misteriosos através dos quais convida a todos para o Banquete do Reino que é um Reino de amor, de justiça, de verdade e de paz.

Esta larga visão teológica do Reino de Deus está já bem patente no pensamento do Pe. Alves Correia. Ela emerge de entre outros, principalmente, de dois fundamentos: a Bondade de Deus e a dignidade da pessoa humana.

Nestas duas verdades, o máximo e englobante atributo de Deus e a inviolável dignidade da pessoa humana, que a Igreja tem de proclamar e gritar bem alto, encontrar-se-ão as respostas às profundas aspirações dos homens do nosso tempo e os considerandos indispensáveis para compreender a «Largueza» do Reino.

A realização deste trabalho tem subjacente o seu valor temático - o Reino de Deus é o anúncio fundamental do Evangelho, mas ainda a curiosidade de alguém que um dia ouvia falar no padre das «larguezas» um missionário, um exilado, cujos livros antes do 25 de Abril eram leitura espiritual mesmo para gente agnóstica.

O título é o mesmo da obra mais conhecida e divulgada do nosso autor, mas a reflexão resulta do estudo e análise dessa e de outras, principalmente *De Que Espírito Somos, Vida Mais Alta, Consciência Cristã e O Ideal Cristão.*

O primeiro capítulo, «O Homem, o Sacerdote e o Es-

critor», terá o seguinte desenvolvimento:

O ponto 1, "Notícia Biográfica", advém do tratamento de uma série de informações recolhidas em documentação escrita e em diálogo informal com contemporâneos do Pe. Alves Correia.

O ponto 2, "Influência de seu irmão Pe Manuel Alves Correia", é uma referência indispensável a alguém que muito contribuiu para uma larga e vasta perspectiva de pensamento. Um fortuito achado documental assim o mostra.

O ponto 3, "As Celebrações ou Efemérides" após a sua morte, no contexto deste capítulo, talvez de um modo ex abrupto, faz menção desses acontecimentos que mostram a ressonância da sua vida na Igreja e no País.

O ponto 4, "Elenco Bibliográfico", é uma «breve visita» ou um «bater à porta» de todos os livros e artigos do Pe. Alves Correia a que tive acesso, com a finalidade de dar a conhecer a sua vastíssima obra. É um breve estudo, mas singular e único!

O segundo capítulo, "Os fundamentos da teologia do Reino de Deus", é «grosso modo» a citação ordenada de vários textos das diversas obras do autor e a minha reflexão pessoal.

O terceiro capítulo, "O Reino de Deus", é uma reflexão teológica acerca da qual se pode afirmar «non nova, sed nove».

O Pe. Alves Correia merecia melhor, mas faltou-me o tempo, o «engenho e a arte».

## CAPÍTULO I

## O HOMEM, O SACERDOTE E O ESCRITOR

### 1. NOTÍCIA BIOGRÁFICA

Joaquim Alves Correia, nasceu a 5 de Maio de 1886, na freguesia de Aguiar de Sousa, concelho de Paredes, distrito do Porto.

"nasceu a 5 de Maio de 1886"

A sua vocação missionária e sacerdotal, revela-se num ambiente familiar verdadeiramente cristão e na sequência da opção vocacional do seu próprio irmão, Manuel Alves Correia, que, um pouco mais velho, frequentava o Seminário Franciscano de Montariol, na cidade de Braga.

Ao terminar a escola primária, em Aguiar de Sousa, vai para o Seminário do Espírito Santo da Formiga, em Ermesinde. Posteriormente frequenta em Carnide e em Sintra os estudos secundários e filosóficos. O Curso de Teológico realiza-se no Seminário Internacional dos Padres do Espírito Santo, em Chevilly - Paris, França. Ordenado sacerdote a 28 de Outubro de 1910, queria ir para Angola, mas o radicalismo republicano

de então não o permitiu. Foi para as missões da Nigéria, colónia britânica, exercer a sua actividade missionária.

Regressa a Portugal, em 1919, para restabelecer a saúde tão debilitada pelo clima e pelas canseiras apostólicas. Terminada a fase persecutória e aprovado o decreto de Rodrigues Gaspar, que autorizava a reabertura das casas de formação sacerdotal e missionária, Pe. Moisés Alves de Pinho, C. S. Sp. incentivou-o a dar a conhecer, a promover e a animar o trabalho missionário. Nasce o escritor: funda e dirige durante vários anos a revista *Missões de Angola e Congo*.

Em 1922 assume as funções de Procurador das Missões, em Lisboa, onde permanecerá até 1945, exceptuando o triénio de 1932-35, durante o qual foi director e professor no Seminário das Missões em Viana do Castelo, em acumulação com a Procuradoria, com a direcção da revista e a prolífica actividade de escritor para as mais diversas revistas e jornais.

Na sua longa estadia em Lisboa relacionou-se com muitas figuras representativas da oposição ao regime salazarista.

"Os seus escritos incomodavam"

Os seus escritos incomodavam, porque na fidelidade ao Evangelho e no respeito pela dignidade da pessoa humana, denunciava profeticamente o erro, a mentira e a injustiça. A este propósito disse o Pe. Nogueira da Rocha na comemoração do 1° centenário do nascimento do Pe. Joaquim Alves Correia: "Foi esta ousadia profética e um certo aproveitamento mal-intencionado que alguns quiseram fazer da sua boa-fé, que ditaram o seu exílio para os Estados Unidos".

""O mal e a caramunha" esteve na origem do seu exílio."

A publicação de um artigo no jornal *República* a 23 de Outubro de 1945, titulado *"O mal e a caramunha"* esteve na origem do seu exílio. A motivação deste artigo não está isenta da influência de alguns dos amigos republicanos da Tertúlia do Café Chiado, de que era também um habitual conviva, mas, principalmente, da persuasão da viúva de Carlos Maia que o visitava muitas vezes.

A sua publicação não tem um contexto favorável: estava em preparação um acto eleitoral, eram abundantes as acusações mútuas entre o governo e a oposição, a oposição lutava pelo adiamento das eleições para um maior recenseamento de eleitores e um necessário esclarecimento que tornasse possível uma opção livre.

Além disso, esse escrito que fora enviado para o *Jornal do Comércio* (das Colónias), mas, porque foi recusado, o portador, Raúl Rego, foi apresentá-lo ao jornal da oposição, *República*. Nesse artigo, entre outras considerações pertinentes e audazes, questionava acerca dos motivos que levaram a arquivar o processo dos bárbaros assassinatos na «Noite San-

grenta» de 19 de Outubro de 1921, em que foram vítimas António Granjo, Carlos Maia e Machado Santos.

O Ministro da Justiça imediatamente mandou reabrir o processo e verificou que este tinha sido arquivado em 1924, antes de 28 de Maio. Um processo judicial contra o Pe. Alves Correia estava iminente, mas as diligências do Provincial evitaram essa situação.

Um sacerdote da Congregação do Espírito Santo, o Pe. Firmino Cardoso, que fora aluno do Pe. Alves Correia, interpreta assim a sua saída para os Estados Unidos:

"O Pe. Alves Correia ao constatar que a sua presença era um incómodo, decide ir para a América, o seu exílio. A sua bondade não admitia prejuízo algum, concretamente para a Congregação. Foi grande a satisfação e o alívio para o Governo de então". A sua adesão ao Movimento Democrático «Eleições Livres» e o referido artigo criavam problemas a um regime ditatorial. A sua insofismável bondade veio satisfazer as exigências do então Ministro da Justiça segundo as quais, como refere José Geraldes Freire, "se o Pe. Alves Correia partisse para a América não seria processado".

"A sua adesão ao Movimento Democrático «Eleições Livres» e o referido artigo criavam problemas a um regime ditatorial."

Em 17 de Fevereiro de 1946 partiu subitamente para os E.U.A. com um visto temporário. Acompanharam-no ao aeroporto somente o Tenente Coronel Azevedo, amigo verdadeiro, o irmão Nuno da Costa, C.S. Sp., as órfãs do Orfanato de Santa Isabel, em Lisboa, de quem era Capelão e a regente D.ª Lúcia Maracoto. A presença das crianças, que ele muito amava, na sua simplicidade e gratuitidade, parece uma denúncia dos interesses que se sobrepõem à amizade verdadeira, e da cobardia que não quer aceitar a cruz por valores mais altos.

A colónia portuguesa de San Diego, nos Estados Unidos, é, agora a sua terra de missão. Aí anuncia o evangelho e granjeia amigos. Descoberto o seu valor intelectual, passado pouco tempo, é nomeado professor de Sociologia na Universidade de Duquesne, em Pittsburg, no Massachussets. Terminado o prazo do visto, andou pelo México e pelo Haiti, até conseguir um retorno permanente à Universidade.

A docência não o impediu de continuar a escrever. A imprensa portuguesa dos Estados Unidos ou a imprensa de língua francesa e inglesa recebem a sua preciosa colaboração. Escreveu, durante aqueles quatro anos que esteve em Pittsburg, mais de 500 artigos. O último "*Political Christianity*" foi publicado, duas semanas antes da sua morte, no "*Catholic Worker*" . Os seus artigos publicados no *Diário de Notícias de New Bedford*, apesar da distância, incomodavam o Governo Português que fez diligências para que se calasse.

Acometido de grave doença, vem a falecer em 1 de

Junho de 1951, nos Estados Unidos. O Jornal da Congregação do Espírito Santo noticia assim a sua morte e enaltece a sua vida:

"Aqueles que o conheceram, aqueles que com ele conviveram, sobretudo os seus amigos, não poderão esquecer a sua vida e a sua morte. O nome do Pe. Correia é e permanece o de um exemplo de coragem e rectidão moral, de sinceridade e lealdade, de abnegação e desinteresse, de inteira dedicação a Cristo e ao seu Evangelho" .

## 2. A INFLUÊNCIA DE SEU IRMÃO, PE. MANUEL ALVES CORREIA

A vocação e a vida do irmão, marcaram bastante a primeira vintena de anos do Pe. Alves Correia. Quis ir para o Seminário Franciscano de Montariol, porque o seu irmão Manuel, aí andava a estudar. Não foi, porque a mãe o impediu. Não queria ter dois filhos tão longe. Foi então para o Seminário do Espírito Santo, na Formiga, que ficava mais perto. No artigo *"O terrível irmão que me desafiou a alma"* do Boletim das Edições Metanoia - Janeiro de 1949 - "Boletim especial dedicado ao Pe. Manuel Alves Correia, falecido a 23 de Novembro de 1948" diz: "Foi a sua emoção que me revelou muitas lágrimas do Evangelho, que eu lera até aí como anódina prosa". Recorda o encontro, na casa paterna, dele a «sair dos cueiros do preparatório» e de seu irmão que regressava de Roma, após os estudos teológicos, e a quem declama um poema. Esta leitura tem uma apreciação: "O censor ouviu-me declamar aqueles ritmos e rimas. Paciência verdadeiramente heróica, misturada de compaixão sincera, mas incapaz de dissimular a irritação, que lhe punha os nervos em sangue, cada vez que a devoção do poeta degenerava demais em orgulho de sectário, em ódio aos homens, disfarçado em patriotismo estreito e feroz, O entusiasmo do declamador tinha ido amortecendo por si. No fim estava todo mudado em humilhações e vergonha e rematava num movimento de asco e de ... justiça, queimando o poema - que nunca mais despertou nem sequer sentimentais saudades".

Recorda ainda o acto pedagógico de seu irmão que, na sequência daquele episódio, foi à Biblioteca Pública do Porto requisitar: *"La vie de Monsieur Jesus"* de Renan a fim de o ensinar que à «honestidade intelectual» ninguém pode chamar «ódio sectário».

O «discípulo» de S. Francisco, na fidelidade à espiritualidade franciscana aproveitou bem a ocasião para mostrar que a aceitação da Bondade de Deus requer o respeito pela cons-

ciência dos demais e o diálogo com todos.

No mesmo artigo, não esquece o contributo do irmão na sua vida espiritual: "A minha conversação ... devo-a a Deus - diz -, por certo, mas o instrumento de Deus foi a energia daquele irmão solícito, cujo amor fraternal não recuava diante da necessidade de um cautério".

Este artigo, embora escrito, certamente sob forte emoção, não podia ser ignorado, porque ajuda a situar o autor e a descobrir a motivação de algumas perspectivas da sua mensagem.

No capítulo: "*Em Deus, Justiça é Amor*" do livro *De que Espírito somos* há uma transcrição de um «escrito breve e luminoso» (pgs. 61-68) do Pe. Manuel Alves Correia que fora publicado no Boletim Mensal dos Franciscanos Portugueses. O mesmo escrito está inserto em *Cristianismo e a Mensagem Evangélica* (pgs. 73-79).

## 3. AS CELEBRAÇÕES E EFEMÉRIDES

O Solene Oficio

Os missionários do Espírito Santo, no mês de Junho, poucos dias após a morte do Pe. Alves Correia, celebraram na capela de Santo Amaro à Estrela-Lisboa, em sua memória um Solene Oficio que cuidadosamente anunciaram nos jornais. Os seus confrades, delegações de outras congregações religiosas e missionárias, sacerdotes diocesanos estiveram presentes. Os «amigos» do foro civil e político, os oportunistas, esqueceram-no. Compareceram somente duas pessoas: Correia Marques, director do jornal A Voz e monárquico, e o Dr. Raul Rego, seu antigo aluno e republicano . Não se poderão invocar razões de fé, porque aquele acto solene é normalmente considerado como um gesto de solidariedade humana e de gratidão.

Uma sessão solene e a colocação de um busto

D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto e seu amigo, prestou-lhe homenagem, na Aula Magna da Faculdade de Letras do Porto, numa sessão solene e inaugurou o seu busto, na Senhora do Salto, freguesia de Aguiar de Sousa, a 6 de Maio de 1978, no 92º aniversário do seu nascimento .

**"D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto e seu amigo, prestou-lhe homenagem"**

A condecoração com a Ordem da Liberdade

A condecoração como grande-Oficial da Ordem da Liberdade atribuída, a título póstumo, pelo Presidente da República, no Alvará de 24 de Abril de 1980, publicado no *Diário da República*, nº148, 2ª série, de 30 de Junho. De 1980

e expedida pela Chancelaria das Ordens Portuguesas a 3 de Julho de 1980, nº10, foi uma singular ocasião para os meios de comunicação social fazerem eco da mensagem desta figura ímpar que, vivendo e anunciando o Evangelho, defendeu generosamente e corajosamente a liberdade e os demais direitos do homem. Infelizmente nem todos os meios de comunicação social o fizeram nesta perspectiva e apresentaram Pe. Alves Correia com uma terminologia que mais define um «guerreiro de liberdade» que o discípulo de Jesus Cristo, o sacerdote extremamente bondoso.

1º Centenário do seu nascimento (1886 - 1986)

A 5 de Maio, pelas 18.30, na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa, as comunidades da Congregação do Espírito Santo celebraram o 1º Centenário do seu nascimento para invocarem a personalidade, a sua vida e obra, que prestigia e enriquece pelo seu legado espiritual uma Congregação, uma Igreja, um País.

## CAPÍTULO II

## OS FUNDAMENTOS DA TEOLOGIA DO REINO DE DEUS

Toda a obra literária do Pe. Alves Correia está repassada das expressões e das ideias nucleares: a Bondade de Deus e a dignidade da pessoa humana.

### 1. A BONDADE INFINITA DE DEUS

A Bondade é o máximo e englobante atributo de Deus na Bíblia Sagrada. Encontra-se quase sempre unido a outros atributos: fidelidade *(emet)*, misericórdia *(rahamîm)*, etc. O termo bíblico é ***hesed***, que não tem uma tradução unívoca, pois exprime um conjunto de atitudes benéficas nas relações interpessoais. ***Hesed*** indica assim: bondade, misericórdia, providência. Os Setenta e a Vulgata traduzem este termo por ***eleos*** - misericórdia, lealdade.

"A obra literária do Pe. Alves Correia «mergulha» no mar imenso da Bondade de Deus"

A obra literária do Pe. Alves Correia, com raízes profundamente evangélicas, «mergulha» no seu mar imenso da Bondade de Deus, não só porque é o pressuposto primeiro e o baluarte seguro da sua mensagem, mas também pela repetida utilização do termo a que associa muitas vezes outros atributos, principalmente Misericórdia.

Os atributos mais utilizados e adjectivados, nem sempre do mesmo modo, são: Bondade, Bondade Infinita, Infinita Bondade, Amor, Absoluto Amor, Amor Omnipotente, Bem, Bem Infinito, Infinito Bem, Misericórdia, Divina Misericórdia, Misericórdia Divina, Verdade, Verdade Infinita, Suprema Verdade.

No Antigo Testamento o Hesed aplica-se a Deus no contexto da Aliança através da qual o povo passou a ser a «comunidade de Jave». Deus prometeu «observar a Aliança e o Hesed» (Dt.7, 9; 1 Rs. 8, 23). O povo confia no Hesed de Deus, na Sua Misericórdia e Providência que não desaparecem nunca, nem mesmo quando o povo é infiel, porque Deus é sempre fiel à Sua Aliança. Deus não se alegra com o castigo do pecador, mas com a sua conversão (Ez. 18, 23; cfr. Sl.103, 8-10. 13. 14).

No Novo Testamento a Misericórdia Divina é louvada no Magnificat (Lc. 1, 50. 54) e no Benedictus (Lc. 1, 72. 78). A ninguém é recusada, mas é concedida a todos, em especial aos mais débeis, aos mais fracos, aos pecadores (Mc. 5, 19). A sua grande finalidade é mesmo atrair os pecadores (Mt. 9, 13; 12, 7). Esta atitude no homem é louvada numa Bem-aventurança (Mt. 5, 7). A misericórdia do homem tem por modelo a Misericórdia de Deus e é pressuposto para a Sua Misericórdia.

A "largueza" de pensamento do Pe. Alves Correia e a sua vida, caracterizada por um profundo respeito e amor por pobres e ricos, católicos e não católicos, crentes ou não crentes, etc, têm subjacentes a Bondade e a Misericórdia de Deus. Muitas são as perícopas nas quais se faz referência explicita à bondade e Misericórdia de Deus. Eis uma breve amostra, em que para não ser demasiado extenso, se procura como constante o termo e o atributo Bondade:

**"A "largueza" de pensamento do Pe. Alves Correia e a sua vida têm subjacentes a Bondade e a Misericórdia de Deus."**

"Tais são os nossos irmãos, tais são verdadeiramente «os nossos», ainda divididos em aparência, por muito preconceito, muito modo estranho de ver, perspectivas diversas tomadas por contraditórias realidades, de facto unidos todos na comunhão invisível, pela mesma aspiração do Triunfo do Amor, da Bondade, ou de Deus, que é o próprio Bem e o próprio Amor" (Largueza do Reino de Deus, pg. 96).

"Deus é tão sábio e tão bom, que até «com linhas tortas escreve direito»" (De que Espírito somos, pg. 56).

"... o Pai Celeste, cujo amor e bondade nós, filhos, devemos seguir, manda seu sol e sua chuva aos campos dos justos e dos pecadores" (De que Espírito somos, pg. 177).

"Importa-nos, acima de tudo, harmonizar com as vistas de Deus, e com a Bondade Divina (a única só e substancialmente boa: «Nemo bonus, nisi solus Deus...") a sensibilidade moral da vossa alma tacteante" (De que Espírito somos, pg.

202).

"Apesar do humilhante peso do pecado, é necessário que os filhos de Deus e portadores do seu Espírito sejam, na terra, um reflexo da Infinita Bondade" (Vida mais alta, pg. 83).

"O Céu que nós, os filhos de Deus, os irmãos dos homens, sonhamos triunfalmente, é só este: - Deus, o Bem sem mescla; os nossos irmãos unidos a um Deus-Pai, as almas fieis ao Ideal e à Bondade ..." (Vida mais alta, pg. 170).

"O Deus que o Cristianismo revelou é Amor. O Poder em acção (o Acto Puro da linguagem escolástica) é Bondade. A revelação que só o filho podia fazer («Ninguém conhece o Pai, senão o Filho...»), foi porém ainda empanada e desfigurada, em muitos olhos de cristãos, pela obsessão da real majestade discricionária e terrível" (Prefácio do Pe. Joaquim Alves Correia, in Machado, Augusto Reis, A Realidade de Deus, Ed. S. E. T., 2ª, Lisboa 1949, pg. 15).

### 1.1. - A Bondade e a concepção Franciscana da vida

S. Francisco de Assis, o grande Santo da Bondade na Idade Média, procurou de todo o coração entregar-se a Deus, que concebia como Bem Supremo, Pai Amoroso e Providente e Senhor Magnânimo. A sua entrega a Deus era realizada através da conversão interior contínua e pela adesão amorosa a Cristo crucificado, na aceitação integral do seu evangelho como regra prática da vida, sem subtis distinções, ad litteram, sine glossa, como o dá a entender o Espírito Santo sob a orientação da Igreja.

O amor a Jesus Cristo e a sua contemplação dos mistérios que mais revelam o Amor de Deus aos homens (Natal, Eucaristia e Cruz) levam S. Francisco à compreensão e à vivência de três virtudes fundamentais que constituem a essência da sua resposta amorosa ao crucificado: a pobreza, a humildade e a caridade fraterna. Estas atitudes existenciais que, por um lado, são libertadoras da escravidão dos bens terrenos, da soberba e do egoísmo; por outro lado, são crucificantes, pois supõem dor na renúncia, e assimilativas a Cristo Jesus. Deste modo se compreende a estigmatização que tem um valor de símbolo profético, revelador do mistério da sua vida.

Estas três virtudes cristiformes encontram-se na raiz da concepção franciscana da vida: a pobreza e a humildade revelam Deus como Ser Supremo, Transcendente, Altíssimo, que ama as Suas criaturas, principalmente as mais pobres, e apresentam-nO como Pai de Bondade infinita.

O exemplo de S. Francisco e a espiritualidade franciscana, cujo fundamento é a Bondade Infinita de Deus, moti-

varam o aparecimento em 1927 de um livro "Em louvor de S. Francisco" - A Literatura Portuguesa (1926-1927), Ed. Boletim Mensal, Braga, 1927, colectânea de textos dos mais diversos escritores da altura, que, para isso, foram convidados pelo Pe. Alves Correia. Nesse empreendimento teve a colaboração de seu irmão Pe. Manuel Alves Correia e do Pe. Joaquim Capela, ambos franciscanos, que com ele assinam a nota editorial na página 271. Os textos e os seus autores, que se podem situar em franjas tão diferentes do pensamento português, mostram à sociedade como a Bondade de que S. Francisco foi sinal visível a todos cativa e congrega. Se assim não fosse seria paradoxal e estranho que para o mesmo empreendimento escrevessem, entre outras, as seguintes pessoas: António José de Almeida, Augusto Gil, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Teixeira de Pascoais, João de Barros, Júlio Dantas, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Afonso Lopes Vieira e Sousa Martins (Fra Angelico) e Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira.

A obra literária do Pe. Alves Correia tem múltiplas referências a S. Francisco das quais não se podem deixar de sublinhar, no livro A Largueza do Reino de Deus, o ponto II "Democracia Transcendente e S. Francisco de Assis" do capítulo "Os exemplares da Vida", pgs. 237-248, e no livro De que Espírito somos, o capítulo "A Visão Cristã da Vida", pgs. 139-148, no qual transcreve o texto apresentado por Leonardo Coimbra para o livro Em louvor de S. Francisco, pgs. 25-38.

**"A obra literária do Pe. Alves Correia tem múltiplas referências a S. Francisco"**

Não tem um cariz político, no sentido estrito do termo, a abordagem do tema "Democracia Transcendente e S. Francisco de Assis", porém sob o influxo do Bondoso Poverello apresenta a liberdade de espírito, a fraternidade, a igualdade, como valores democráticos:

**"Transcendente...** Não vem aqui o adjectivo para efeitos de grandiloquência. Exortando com ele a **Democracia,** pretendo significar que a de S. Francisco consiste na liberdade do espírito, na fraternidade e na igualdade vistas do alto, do coração do Pai, isto é, de Deus: não é questão de formas nem de fórmulas, que às vezes são ficções e podem ser superstições.

A atracção invencível que a alma de S. Francisco exerce sobre as almas livres dos modernos tempos, sobre aquelas mesmas que foram educadas em confissões diversas da católica, e até das que vivem em atmosfera espiritual de confissão nenhuma, é atribuível em grande parte ao ideal democrático, que penetrou de há muito o espírito dos homens e que não parece muito perto de se deixar secar pelas bufadas reaccionárias do racismo nitzchiano" (pág. 237).

Outras referências a S. Francisco podem também ver-se em: Largueza do Reino de Deus, pgs. 75, 181, 190, 200; em De

que Espírito Somos, pg. 205; em O Cristianismo e a Mensagem Evangélica, pág. 62, 109. Além disto há ainda referências indirectas: - o ponto III do supramencionado capítulo "Os exemplares da Vida" titulado "Um santo formidável, português e franciscano"; a apresentação ou citação, concretamente no livro De que Espírito Somos, dos teólogos franciscanos Duns Scoto, pgs. 54-55, 56, 60, 114 e S. Boaventura, pgs. 18, 36.

Esta menção ao franciscanismo do autor não advém de um estudo exausto, mas de uma breve análise dos livros acima referidos que aponta para uma influência.

Uma leitura atenta da obra do Pe. Alves Correia torna possível ver uma grande similitude ou identidade com a concepção de vida franciscana nos seguintes aspectos:

- Os homens são todos irmãos, filhos de Deus, por quem morreu Cristo Jesus;

- Todo o homem deve ser contemplado com humildade, amor; respeitado na sua liberdade, da qual procede o verdadeiro amor, e na sua personalidade; exigindo-se assim respeito para com aquele que pode pensar de um modo diferente e mesmo para aquele que erra;

- O binómio autoridade - obediência é concebido como um serviço humilde realizado no amor pelos que detêm o poder («os ministros sejam servos de todos os frades, Regra II, e. 10) e como sacrifício da própria vontade feita a Deus Pai, por amor a Cristo Jesus, pelo que obedece .

- O respeito pela individualidade e dignidade da pessoa humana é contrário a todo o autoritarismo que sufoca a iniciativa individual.

## 2. A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

"A Igreja não impõe a ninguém a verdade, como não a impunha Jesus."

A Igreja não impõe a ninguém a verdade, como não a impunha Jesus. Ela tem o dever de a proclamar, defender e servir, ainda que esta situação lhe traga incompreensão e sofrimento. A Jesus Cristo ficou-lhe bem cara a defesa da verdade: morreu na cruz como um malfeitor.

A Igreja será também mal interpretada e mesmo caluniada ao realizar a mesma tarefa: "o discípulo não é maior que o mestre" (Mt. 10,24).

Quando a Igreja defende com coragem os valores fundamentais da vida humana ou reclama o respeito pela dignidade da pessoa, porque está a defender algo sagrado, há-de estar disposta a ser caluniada e perseguida. "A verdade vos tornará livres"(Jo. 8,32) é a Palavra de Deus.

Se a história nos demonstra à saciedade o supramencionado, a vida do Pe. Alves Correia é um insigne testemunho.

Proclamar e defender apaixonadamente a verdade foi a sua grande tarefa. A sua obra literária está impregnada de «veneração» pela dignidade da pessoa humana:

"A dignidade da pessoa humana é tão alta que, diante dele, desaparecem, como fúteis, todas as dignidades que os homens inventaram. Diante de Deus - isto é, diante da Verdade, da Realidade Suprema, diz o mais claro interprete de Jesus, S. Paulo - «não há escravo e livre, não há grego e bárbaro, não há judeu e gentio, não há varão e mulher»; o que há é filhos de Deus, com direitos que, se forem lesados, se sentirá lesado o próprio Deus, tão justo, tão imparcial, tão largo, que não faz diferença entre o Seu Direito e o direito do mais pequenino dos seus" .

"A sua obra literária está impregnada de «veneração» pela dignidade da pessoa humana"

Todos os homens devem ser respeitados pelos demais, porque a sua dignidade lhes vem de Deus e não pode ser arrebatada ou ignorada por quem quer que seja. Uma ofensa contra um semelhante é uma ofensa contra Deus. O desprezo por qualquer pessoa é verdadeiro desprezo por Deus.

"Para se entender o apreço, como de coisa sagrada, com que o Cristianismo exalta a consciência humana, devemos atentar na dignidade atribuída por Cristo à pessoa, não à categoria dos homens... Em S. Mateus, em todo o capítulo 25, relatando o processo do Julgamento Universal, violar os direitos de quaisquer **filhos de Deus** é tão criminoso como violar os direitos do Filho Unigénito de Deus" .

Em suma, o homem é filho de Deus e é em Deus que encontra a verdadeira raiz da sua dignidade pessoal. "No Reino de Deus, não há pequeno nem grande, não há diferença de direitos entre mulher e varão. Filhos de Deus, e mais nada" .

### 2.1. - Os direitos do homem

A cultura actual exalta o homem de tal maneira que o converte em princípio de todas as coisas, independente de Deus, que limitaria pela Sua omnipotência a liberdade humana. A este humanismo moderno radical e materialista, contrapõe-se o humanismo cristão do Pe. Alves Correia:

"O humanismo renasceu, com efeito, porque tinha sido proclamado no mundo da forma mais solene e mais energética, quando o mundo foi pacificamente revolucionado pela palavra de Jesus; e nunca deixou de ser o sentimento ortodoxo da consciência cristã, por mais que lhe abafasse o eco a tempestade ensurdecedora das paixões humanas, o egoísmo insolente e clamoroso dos homens, e a própria ganga de filosofia vaidosa que o envolvia.

Os Direitos do Homem, promulgou-os o Evangelho, que

é uma pregação, de fio a pavio, da filiação divina do Homem! Pai é Deus - ainda dos pecadores, ainda dos pródigos - e por isso os direitos das consciências, das almas, dos indivíduos, são invioláveis, são autenticamente sagrados" .

"Não existe antagonismo entre Deus e o homem, entre os Seus direitos e os do homem."

Não existe antagonismo entre Deus e o homem, entre os Seus direitos e os do homem. O Cristianismo busca o amadurecimento e a perfeição da pessoa humana para que se cumpram os planos de Deus. É muito mais que um mero humanismo. Mas, sem dúvida, perfeitamente humano, porque defende, a grandeza e a dignidade da pessoa que é como a expressão da sua liberdade responsável. Jesus Cristo que prega o amor, a justiça e a paz, não suporta que as pessoas sejam oprimidas, instrumentalizadas ou desprezadas. A sua própria morte é um não à injustiça:

"A Cruz que Cristo tomou aos ombros é, com efeito, a solidariedade perfeita com os seus irmãos homens. Ele morreu por teimar até ao fim, contra as injunções de todos os tiranos - sacerdotes e leigos opressores - em que o Pai queria todos os homens irmãos: irmãos com direitos tão sagrados uns com os outros: irmãos com direitos iguais aos do Filho Unigénito de Deus!..." .

Dentro desta vertente humanista, precisamente como consequência da **paternidade de Deus,** pode afirmar-se categórica e solenemente: a fé em Deus não diminui o valor do homem, mas é garantia da sua dignidade e dos seus direitos.

### a) O direito à liberdade

A liberdade não é sinónimo de "fazer cada um o que lhe apetece", como é vulgar ouvir-se. É livre todo aquele que age em conformidade com a sua razão, em consonância com as necessidades da sociedade em que vive e tendo em conta as exigências da sua própria dignidade pessoal. É livre todo aquele que ama verdadeiramente e que está disposto a dar a vida pelos outros. Expressa assim o seu pensamento, o Pe Alves Correia: "A amizade que afasta da cruz redentora e de falsos amigos. A que Jesus quer de nós é a que nos mergulha na solidariedade fraternal, a que nos convencerá a morrer também pela liberdade" .

Todos temos o direito sagrado de defender a nossa liberdade e o dever sagrado de respeitar a liberdade dos demais. Direito e dever tão sagrados que, se implicam mutuamente e ninguém pode, em nome do direito da sua própria liberdade, oprimir a liberdade dos outros:

"O respeito pela pessoa humana, pela liberdade do indivíduo e da consciência, enquanto esta liberdade não se torne

agressiva e não conflita com outra liberdade e outras consciências - enquanto não for a liberdade da violência - é um respeito tão sagrado como o respeito por Deus, Pai de todos os homens" .

Coerente e fiel ao seu pensamento, o Pe. Alves Correia, em artigo publicado no Diário de Notícias de New Bedford e posteriormente na Voz Portucalense a 25 de Janeiro de 1975, refere a democracia como regime da liberdade:

"Quando exaltamos a democracia como a mais humana, perfeita e cristã das formas de organizar a vida social, ninguém nos tome por tão tolos que não vejamos defeitos nas várias democracias. Errar também é humano. De mais a mais sabemos que a democracia é um esforço da liberdade, na igualdade para a fraternidade".

"sabemos que a democracia é um esforço da liberdade, na igualdade para a fraternidade"

Apesar dos defeitos das Democracias é a Democracia o regime das liberdades ou da liberdade que é um bem irrenunciável, sempre que essas liberdades sejam um bem comum, favoreçam e defendam a igualdade de oportunidades e sirvam para a plena realização do homem e da sociedade.

**b) O direito a uma vida digna**

Perante o problema da pobreza que impede uma vida digna, é necessária uma resposta evangélica que há-de ter implicações morais e nos levará a ser não só nós, mas também os nossos bens, «pão partido», para um mundo novo.

Uma multidão incontável de irmãos de perto e de longe estão à espera das nossas mãos abertas para poderem sentir e proclamar que 'Deus é o Senhor, o único verdadeiro e indesapossável dos bens da Terra como de todos os bens" .

Já no seu tempo, o Pe. Alves Correia, atento à realidade social e política e às desigualdades sociais, denunciava e dizia a modos de profeta: "Não sabemos se seremos nós as testemunhas da queda, estrondosa e dolorosa, da civilização admirável que o capitalismo construiu. Mas, como vemos as vítimas cada vez mais desgraçadas e cada vez mais numerosas desta civilização, não precisamos de ser profetas para sentirmos a opressão da tempestade que vem" .

As palavras ontem proferidas estão a realizar-se hoje e a «procela» de pobres vai crescendo. Sem o concurso de todos, pobres e ricos, países subdesenvolvidos e países desenvolvidos, será impossível sair do círculo infernal da pobreza de massas.

O direito a uma vida digna não pode criar em nós um dever meramente a um ou outro irmão, para certo consolo espiritual e para justificar maior ou menor esbanjamento, que é crime. Não há justiça quando se gastam em coisas supérfluas

o que poderia remediar a fome de tantos irmãos. Não há justiça quando se deixa de fazer face às necessidades mais elementares dos outros para entrar numa onda de consumismo que obcessiona com o desejo de ter e possuir sempre mais, esquecendo que os bens materiais devem servir para todos os homens e não só para este ou para aquele .

"Ter fé em Jesus Cristo é viver e apresentar uma mensagem de um modo existencial"

Ter fé em Jesus Cristo não é ter capacidade de dizer ou fazer um discurso sobre um tema ou diversos temas mais ou menos atraentes, mas é viver e apresentar uma mensagem de um modo existencial que, encarnando no quotidiano da vida, consegue uma explosão da existência na qual o escândalo da pobreza se apresenta imediatamente aos nossos olhos. Se assim não for, não haverá autenticidade e um verdadeiro testemunho da vida cristã:

"Cristãos para a teoria, contentam-se, na prática, por serem tão exploradores do trabalho proletário como os outros potentados do capital ..."

A Igreja não pode comprometer-se numa acção política concreta, porém tem o seu múnus: julgar acerca da equidade e da justiça. A denúncia profética é missão da Igreja. O silêncio da Igreja, por medo ou oportunismo ou vaidade no convívio com os poderosos, não revela a «pedra angular», Cristo Jesus, Filho de Deus, mostra sim o seu paupérrimo apoio que é a «cana fendida» do poder humano.

A Igreja há-de ser luz: anunciar e denunciar a pobres e ricos é a sua missão. Esta missão é um imperativo, um dever:

"O que tem é o dever de dizer ao rico, ao poderoso, que se não escravize à riqueza, que não esqueça a Família Divina a que pertence, que administre os seus bens da terra como quem tem irmãos com os mesmos direitos à vida e à alegria. O que tem é de dizer ao pobre que ele também é homem, e livre, e filho de Deus, que nunca venda a sua alma e a sua liberdade, por ânsia de gozo e de pão; que é irmão dos outros homens, e não pode, sem se envilecer, ceder os seus direitos de filho de Deus pelo prato de lentilhas, de um pouco de pão e de circo".

As Encíclicas Rerum Novarum de Leão XIII e Quadragesimo Anno de Pio XI foram, neste âmbito, motivo de inspiração e de reflexão para o Pe. Alves Correia. É benfazejo ver o modo como, ao falar da solicitude da Igreja e da sua atenção «à exploração do trabalho do pobre», aborda aspectos importantes para uma vida digna como o lazer e as "possíveis disponibilidades para a invalidez e velhice" .

### c) O direito à participação na *«res publica»*

Um problema tão grande como a pobreza não pode ser

solucionado meramente por iniciativas individuais. É necessário um compromisso público, social e político. O compromisso dos cristãos poderá ter uma força extraordinária para obrigar os responsáveis a solucionar os problemas.

O direito à participação não pode ser ignorado pelos cristãos que sonegam um dever e desobedecem ao próprio Deus quando se colocam à margem da vida política e social. A este respeito diz o Pe. Alves Correia:

"É como cidadão e em nome dos seus interesses temporais que o homem cristão cuida da política com a eficiência que lhe dá a virtude, fá-lo sempre pronto a protestar, cada vez que é atropelado o direito... Vencido ou triunfante o seu ponto de vista político, colabora com os seus concidadãos, suporta os encargos da vida em sociedade, obedece às leis e aos representantes delas, na plena consciência de que obedece ao dever ou a Deus".

"É como cidadão que o homem cristão cuida da política com a eficiência que lhe dá a virtude."

A supramencionada citação tem subjacente o pensamento de tantos que angustiados julgavam que a sua participação no Reino de Deus era estranha à realidade terrena em que viviam inseridos. Cristãos na Igreja e seculares (profanos) na realidade da sua vida económica, social e política, julgavam estar sujeitos a uma dualidade de consciência que divide e atormenta. Não! A afirmação do compromisso político e social do homem é a afirmação da obediência a Deus que imperativamente manda construir o mundo (cf. Gn. 1,28).

### 2.2. - A consciência humana e a tolerância

A Igreja, acredita plenamente na Verdade que anuncia, mas não a impõe a ninguém. Em tempos idos julgava-se, e muitos de boa fé, que se podia impor a verdade inclusivé à força. Confrontado com esta situação, o Pe. Alves Correia dizia:

"Jesus não é destes mestres, que impõe obediência cega; não quer sequazes de consciência estuprada, dominados escravos: quer vontades decididas e amorosas, discípulos de olhos abertos, cândidos e sinceros...

Por esta sinceridade e liberdade das almas, pela sua redenção, para que sejam sempre livres, - para que não as tolha o medo dos que podem matar o corpo mas a elas não! - dizia o Bom Pastor - que estava pronto a dar a vida. E deu! Pela dignidade da consciência humana não recusou morrer como um rebelde, um sedutor das turbas! .

"Pela dignidade da consciência humana não recusou morrer como um rebelde"

A consciência humana reconhecida como regra imediata da moralidade exige respeito pelas próprias convicções. O homem é obrigado, mesmo livre e porque livre, a tender para aquilo que lhe aparece com aparência de bem, embora se en-

gane na apreciação deste: em vez da verdade o erro.

Talvez haja quem julgue inaceitável esta posição em relação aos irmãos que erram, mas é esta a mensagem de Jesus e da Sua Igreja que sempre afirmou que a consciência obriga mesmo quando se engana e erra, embora tenha havido ao longo da história um ou outro momento sombrio e triste em que se caiu na intolerância.

O Pe. Alves Correia, de um modo sábio, procura dissipar dúvidas e responder a objecções:

"O erro não tem direitos, vir-nos-á objectar alguém, tornando a intolerância como tese...

Pois não tem. E não os tem por uma razão bastante peremptória: o Erro ... não é ninguém. Erro é apenas a ausência, a carência de verdade. Mas, se não tem direitos o erro, têm-nos as pessoas que estão em erro. O único ataque justo que lhe podemos dirigir, é convencê-las. Se não chegarmos a tanto, se invencivelmente permanecem na sua opinião errática, ficam até com tantos direitos como nós, que temos a certeza da verdade; porque têm até o dever de seguir a sua consciência errónea invencível, como nós temos o dever de seguir a nossa consciência certa. Não há teólogo moralista que o não ensine (...). Tenhamos então paciência no zelo do Reino de Deus" .

"se não tem direitos o erro, têm-nos as pessoas que estão em erro."

A intolerância, em qualquer das dimensões da vida humana, é profundamente negativa. No que concerne à religião, embora pareça um paradoxo, ela não é uma manifestação de zelo, mas um nível revelador das próprias carências numa vida de fé. A tolerância é "o exercício de um dever rudimentar e estrito: o de respeitar uma consciência humana; o de prezar uma pessoa, que julgamos enganada, mas de que não conseguimos dissipar o engano ou o erro (...) Se só devêssemos ser bons e amáveis para quem tem ideias como as nossas, (ainda quando as tivéssemos concebido por virtude da palavra de Deus) não vejo como fossemos muito diferentes daqueles que amam os que lhe inspiram simpatia; os antipáticos, os repulsivos, não!" .

A intolerância e a violência são recursos dos fracos, dos curtos de vista, dos egoístas que querem dissimular as suas carências. Os discípulos de Cristo que assim se comportem dão um contra testemunho que é verdadeiro escândalo .

"A tolerância é um profundo respeito pelo "dever dos outros de serem sinceros e de obedecerem à consciência."

A tolerância não é infidelidade às próprias convicções, mas, porque se sabe que ninguém detém a verdade absolutamente e ninguém vive plenamente o Evangelho, é um profundo respeito pelo "dever dos outros de serem sinceros e de obedecerem à consciência" - refere o Pe. Alves Correia. Deste modo, se cada pessoa na sua adesão à verdade se deve guiar pela consciência, esta é a "condição sine qua non de salvação".

## 3. CONCLUSÃO

A dignidade da pessoa humana e os direitos do homem encontram o seu fundamento, sólido, radical e universal na paternidade de Deus e na nossa condição de filhos do mesmo Deus.

Quem acredita verdadeiramente em Deus Pai e Senhor ama os homens seus irmãos, apesar das diferenças ou mesmo do erro, expressão da nossa finitude e respeita-os nos seus «sagrados» direitos.

A tolerância é a nossa nobilíssima atitude perante toda e qualquer pessoa que permite a fidelidade às próprias convicções e possibilita a conquista de formas superiores de convivência humana.

**"Quem acredita verdadeiramente em Deus ama os homens e respeita-os nos seus «sagrados» direitos."**

# Capítulo III

# A LARGUEZA DO REINO DE DEUS

## 1. AS QUATRO EDIÇÕES

Este livro Largueza do Reino de Deus é, na quase totalidade, a reedição de uma série de artigos do Pe. Alves Correia. O seu aparecimento deve-se à satisfação de um pedido de gente amiga. Eis o que me foi dado saber:

Um dia, Dª Berta Maia e Dª Maria Teresa Almeida d'Eça apresentaram-se, na Rua de Santo Amaro à Estrela, na Casa Provincial da Congregação do Espírito Santo, para lhe proporem a impressão conjunta dos artigos que já tinham sido publicados no "Reinado Social do Coração de Jesus", uma publicação da paróquia dos Anjos de Lisboa, na revista Estudos da C. A. D. C. e na revista missionária Missões de Angola e Congo.

Na introdução ao livro, o Pe. Alves Correia faz mesmo referência ao desejo ou pedido de seus amigos:

"Um grupo de amigos, cheios de ardor intelectual de renovamento, acesos num fervor de apostolado de amor sem cálculos interesseiros, acharam que estas páginas tinham feito bem a almas generosas (...), quiseram aqueles amigos ver publicados num todo homogéneo os pontos de vista espalhados despreocupadamente por laudas de periódicos".

Este livro, singular na sua perspectiva de reflexão teológica, foi e é o mais conhecido, o mais lido. Teve quatro edições.

## 2. A LARGUEZA DO REINO DE DEUS NOS EVANGELHOS

A "Largueza do Reino de Deus" não é uma nova mensagem do Pe. Alves Correia, mas é a mensagem sempre nova do Evangelho apresentada de um modo novo. Quão largo é o Reino que Jesus anuncia!

### 2.1. A Largueza do Reino dentro do Povo de Israel

A pregação de Jesus não se dirige a um grupo de eleitos, de privilegiados, cumpridores da Lei, mas a todo o Povo de Israel. A Sua missão é a de procurar as ovelhas perdidas do rebanho de Israel que caminham sem pastor (Mt. 6,34), procurar os pecadores (Mt. 9,13) de tal modo "que haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converta do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão (Lc. 15,7)".

A Sua tolerância ajuda-O a suportar a infidelidade no grupo reduzido de amigos (Mc. 14,27-30).

Na Sua pregação não faz acepção de pessoas, a todos convida.

### 2.2. A Largueza do Reino de Deus para além do povo de Israel

Na consciência do Povo Judeu tinha-se sedimentado um orgulhoso sentimento de raça que levava a exagerar os privilégios de sangue, como se o Reino de Deus se transmitisse automaticamente pelo sangue de Abraão. João Baptista, o Precursor, tinha reagido na sua pregação, com palavras duras, contra esta concepção que se afastava da mais autêntica linha profética: "Não vos iludais a vós mesmos, dizendo: Temos por pai Abraão! Porque vos digo que Deus pode suscitar, destas pedras, filhos de Abraão"(Mt. 3,9).

Jesus vai mais longe. Não é o sangue, mas a fé que faz filhos de Abraão. Jesus não fala de uma possibilidade, mas anuncia categoricamente um facto futuro: "Digo-vos que do Oriente e do Ocidente muitos virão sentar-se à mesa com Abraão, Isaac e Jacob no Reino dos Céus, ao passo que os filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores"(Mt. 8,11-12). Os filhos do Reino, a quem se refere Jesus nesta passagem do Evangelho Segundo São Mateus, são os Judeus, aqueles a quem primeiro se prometeu o Reino. O Povo, que tantas vezes tinha sido chamado na história bíblica de «primogénito» (Ex. 4,22; Ecli. 36,14) não tem a fé do centurião, e, por isso, será lançado fora do Reino. A multidão dos povos pagãos tomará parte no

festim escatológico, no Reino de Deus.

A parábola dos operários da vinha (Mt. 20,1-16), a maldição da figueira estéril (Mt.21,18-21), as censuras formuladas pelos habitantes de Ninive e pela rainha de Sabá contra a presente geração (Lc. 11,31-32) e, principalmente, a solene pintura do Juízo Universal, em que não há privilégios de qualquer espécie para a entrada do Reino, mas somente a vivência da caridade, o amor ao próximo (Mt. 25,31-46), revelam que a grande mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus é de uma largueza sem limites, por outras palavras, é essencialmente universal.

## 3. A LARGUEZA DO REINO DE DEUS EM ALVES CORREIA

O nosso autor foi um eminente missionário da Congregação do Espírito Santo. Ser missionário é servir o anúncio do Evangelho, plantar a Igreja de Cristo em novos espaços culturais e tudo orientar para o serviço do Reino de Deus.

"Ser missionário é servir o anúncio do Evangelho."

Esta actividade missionária, bem fundamentada nos largos horizontes do Reino de Deus, motivou a redacção dos artigos, mais tarde, apresentados em livro.

O Reino de Deus é a própria soberania amorosa que transcende a Igreja no tempo e no espaço. É primordialmente um conceito universal e escatológico, ainda que também social e mesológico.

O Pe. Alves Correia refere claramente esta universalidade:

"Confortante e luminosa perspectiva, esta, que nos mostra tão vasto Reino de Cristo, que dilata os horizontes da Igreja tão para além da limitação visível das organizações humanas" .

Nesta perspectiva, a Igreja não é o único espaço no qual o Reino de Deus se manifesta. "Nós bem sabemos - diz o nosso autor - que: para haver salvação é preciso ser da Igreja; mas também sabemos, também sabem todos os teólogos, que há muitos que são da Igreja sem o parecerem, da mesma forma que muitos outros o parecem ser e não o são" .

"há muitos que são da Igreja sem o parecerem, da mesma forma que muitos outros o parecem ser e não o são."

Eis as ambiguidades possíveis: ser da Igreja e não ser do Reino, ser do Reino e não ser da Igreja; ou, por outras palavras, estar no corpo e não estar no espírito, estar no espírito e não estar no corpo. É imprescindível a superação destas ambiguidades provenientes de uma filosofia escolástica que apresenta o homem como uma dualidade: corpo e alma. Se dentro desta visão já é difícil explicar a unidade da pessoa humana, muito mais difícil é revelar o mistério da Igreja.

O dualismo Igreja-alma e Igreja-corpo é uma distinção inadequada:

"É claro que o Senhor quer na Igreja vida verdadeira e vida visível; quer alma e corpo. A unidade visível, a união católica de todos os filhos do Reino, de todos os fiéis, de todas as boas vontades, é uma exigência do coração de Cristo" .

A Igreja, sendo embora o lugar histórico e privilegiado da manifestação do Reino, não é necessariamente o único. Como a atracção universal de Cristo, como as multiformes inspirações do Espírito, a presença do Reino ultrapassa as fronteiras da Igreja:

"Para nós, os que temos a ventura de estar já no redil visível de Cristo e no seu Reino visível não é senão um conforto a mais o ver como até em ramos exteriormente cortados circula a seiva que dá os frutos do Evangelho. O Espírito Santo trabalha intensamente muitas almas, que os preconceitos de raça e os da História levaram para o cisma, mas em que há amor de Cristo, e por isso haverá, cedo ou tarde, amor perfeito de irmãos, cimento de união, abraço espiritual, que estreitará numa Igreja única, diante dos homens, todos os filhos de Deus. É o Reino, que nós pedimos. Adveniat" .

"O Espírito Santo trabalha intensamente muitas almas."

A largueza do Reino de Deus não abrange só os irmãos cristãos separados, mas estende-se a todos os homens de boa vontade. Esta é a mensagem evangélica de Jesus que o Pe. Alves Correia de um modo simples e singular nos apresenta:

"A largueza do Reino de Deus estende-se a todos os homens de boa vontade."

"Os nossos, no Reino de Deus e do Seu Cristo, pela divina graça, são todos os sinceros, bons e leais, ainda que andem perdidos e desvairados sem culpa nem obstinação nas brumas de confusas ideologias, ainda que, desconfiados da Igreja oficial e do seu clero, ainda que seduzidos pelas miragens da heresia e da revolta. Adversários de verdade, só o são para Cristo os egoístas, os sensuais por princípio, cínicos ou hipócritas, e todos os que conscientemente se combinam com a mentira: pertençam a que seita pertencerem, sejam até, se quiserem católicos de rotina ou de partido" .

À largueza deste Reino, que tem uma dimensão escatológica, não é indiferente, mas é imprescindível a sua projecção social na comunidade dos homens e dos crentes e uma radicação pessoal no indivíduo, por meio da fé, da graça, e da vida do Espírito que habita em nossos corações e impele a nossa actividade cristã ou vida moral:

"Não é nosso, senão por vínculo externo, por arregimentação arbitrária ou de acaso, aquele que, por ser mau, está sempre pronto a julgar mal, aquele que à priori se nega a admitir boa fé nos de fora, que lhes chama hipócritas, se os vê, idealistas e abnegados, darem o corpo às balas pelos deserda-

dos e pelos humildes, sacrificarem dinheiro e sossego a uma ideia por que Jesus também se bateu" .

Encontra-se, deste modo, no pensamento do Pe. Alves Correia uma clara distinção entre Igreja e Reino:

• A Igreja é constituída ao mesmo tempo, por iniciativa divina, dons divinos e estruturas visíveis (terrestres);
• O Reino é o plano de Deus-Pai para a salvação dos homens: é celeste e escatológico;
• A Igreja está marcada pelo pecado como um mundo a que pertence;
• O Reino de Deus é Santidade;
• No decurso da história, o Reino vem a tornar-se visível na Igreja, mas esta presença do Reino na Igreja, mesmo destinada a crescer, é sempre misteriosa, germinal e incoativa;
• A Igreja não se identifica com o Reino: é sinal e sacramento do Reino.

O anúncio apostólico, a actividade missionária da Igreja são instrumentos para a instauração do Reino. Diz o Pe. Alves Correia:

"Se o nosso Reino de Deus não cresce, se não passa, pelo Apostolado, além das nossas barreiras, é que morreu ou vai morrendo" .

Esta definição da Igreja pela noção de sacramento é de Santo Agostinho, mas foi evocada pelo nosso autor, e, posteriormente, foi utilizada inúmeras vezes nos documentos do Concilio Vaticano II .

Falar ou dar uma definição de Reino de Deus é falar do mistério ou definir o indefinível. O Pe. Alves Correia apresenta assim o seu pensamento:

"O Reino de Deus, que é a Família do Pai, onde o Rei não se nutre de glórias de Tirano, porque é simplesmente .... o Rei de Amor" .

## CONCLUSÃO

O Pe. Alves Correia foi um homem simples, extremamente bondoso, um profeta, no seu tempo, no exercício do seu ministério sacerdotal e missionário e na sua actividade de escritor. As revistas, os jornais e as suas obras literárias foram um outro «púlpito» em que anunciou o Reino de Deus e denunciou os remos da baixeza humana.

**"O Pe. Alves Correia foi um profeta, no seu tempo"**

A Bondade de Deus e a inviolável dignidade da pessoa humana são, para o Pe. Alves Correia, os grandes fundamentos da Largueza do Reino de Deus.

Deus, na Sua Bondade Infinita, não faz acepção de pessoas segundo critérios humanos ou dualismos redutores: intra

eclesia-extra eclesia, santos e pecadores, bons e maus, crentes e ateus. Deus ama a todos.

A dignidade da pessoa humana reclama o respeito sagrado pela consciência, que é a regra imediata da moralidade, e pelas suas convicções, apesar das diferenças ou mesmo do erro.

A reflexão do Concílio Vaticano II sobre esta temática tem uma grande similitude e faz-nos recordar a exposição e as citações do nosso autor, concretamente o nº 1 da declaração Dignitatis Humanae ao referir:

"Os homens de hoje tornam-se cada vez mais conscientes da dignidade da pessoa humana e, cada vez em maior número, reivindicam a capacidade de agir segundo a própria convicção e com liberdade responsável, não forçados por coacção, mas levados pela consciência do dever".

O Reino de Deus é um Reino de Amor ao qual pertencem todos aqueles que são reflexo da Bondade de Deus ou que, mesmo no erro, acreditam estar a fazer o mais nobre, o mais belo e o mais justo. As diferenças rácicas, sociais, económicas, políticas e religiosas não têm sentido como expressão da nossa pertença ou não ao Reino, porque na "tarde da vida seremos julgados pela Lei do Amor".

O Reino de Deus é-nos apresentado como a verdade última do Evangelho e da Igreja que o deve anunciar numa perspectiva tão larga e tão vasta que revele os seus horizontes para além da limitação visível do institucional.

O Reino de Deus não se identifica com a Igreja, mas engloba-a e transcende-a.

Esta é também a mensagem do Vaticano II na Gaudium et Spes e na Lumen Gentium . Dentro desta linha de pensamento pode afirmar-se:

"Substitui-se, deste modo, talvez o mais sério erro eclesiológico anterior ao Concílio, a saber: que a Igreja é idêntica ao Reino de Deus aqui na Terra. Se assim fosse, então não haveria nenhuma necessidade de reforma institucional e a sua missão consistiria em introduzir todos dentro de si para que a salvação não os deixasse de fora" .

**"Quantas vezes há ainda a tentação de identificar ou confundir o Reino de Deus com a Igreja!"**

Quantas vezes há ainda a tentação de identificar ou confundir o Reino de Deus com a Igreja!

O Pe. Alves Correia ajuda-nos a dizer não a esta tentação.

A Paternidade e a Bondade de Deus e a Largueza do Seu Reino motivam a sua concepção ecuménica . Aos cristãos lembra, na fidelidade ao Evangelho "Todos sejam um" (Jo. 27, 22), que revelem a Igreja como instrumento e sinal de unidade:

"É, pois, pretensão fútil querer que os homens tomem

a sério o cristianismo e a Redenção, enquanto virem os cristãos inimigos uns dos outros, a recusarem uns aos outros respeito pela consciência, depois de lealmente tentarem chegar às mesmas convicções e aos mesmos pontos de vista acerca dos dados da Revelação, sobre a interpretação dogmática das Verdades Divinas, sobre a disciplina que melhor garantirá a prática dos grandes princípios da moral" .

Em suma, na obra literária do Pe. Alves Correia encontramos um modo novo de abordar alguns temas fulcrais da teologia: o Reino de Deus e a Igreja; a Igreja e o mundo; a Igreja e a sua relação com os cristãos separados; a Igreja e a sua relação com os não cristãos.

O Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, situa-o no tempo deste modo:

"Como pensador profundamente humanista e como homem de fé e esperança cristã, o Pe. Alves Correia foi, entre nós, um autêntico precursor do Concílio Vaticano II, um dos poucos, pouquíssimos pensadores cristãos que entreviram o sentido da história da Igreja e auguraram o reconhecimento individual e oficial desse sentido" .

**"o Pe. Alves Correia foi um autêntico precursor do Concílio Vaticano II"**

Situa-se assim o Pe. Alves Correia e apresenta-se a sua Largueza do Reino de Deus como a grande novidade, porque ele soube mergulhar na Tradição viva da Igreja e soube beber através da fonte, sempre nova do Evangelho, a água viva, fresca e cristalina do Espírito.

## APÊNDICE I

### Um testemunho vivo

O Pe. Firmino Cardoso, C. S. Sp., conheceu, conviveu e admirou o autor em estudo. Teve sobretudo o privilégio de ser seu aluno de História Eclesiástica e de o ouvir também em inúmeras conferências. Fui abordá-lo, no dia 23 de Janeiro de 1994, no Hospital de Sant'Ana, em Parede, de que é capelão. Marcado pelos anos, mas conservando finura de trato, acolheu-me com simpatia. Assim começámos o nosso diálogo ou entrevista.

1º Quais as fontes da doutrina exposta pelo Pe. Joaquim Alves Correia nos seus famosos livros - Largueza do Reino de Deus - Vida Mais Alta - De que Espírito somos?

- O Pe. Correia era um homem inteligente e tinha o condão de não ser apenas um repetidor do que aprendera ou lia. Por natureza, não rotineiro, intuitivo, via a verdade, o espírito para além da letra.

Tinha além disso um grande espírito de observação e

não se deixava prender facilmente pelo superficial, pelas aparências. Lia muito e via ao perto e ao longe.

A fonte da sua doutrina era sem dúvida o Evangelho; o seu livro de cabeceira, lido à luz do Espírito e das realidades concretas do mundo e da vida. Bem o demonstra o livro A Largueza do reino de Deus. Levantou grande celeuma entre os católicos porque punha em causa o seu cristianismo rotineiro e a inoperância da sua vida, contentando-se com a balofa vaidade da sua retórica de povo missionário e cristão, nada ou muito pouco fazendo pela dilatação da fé: criticavam os protestantes e o que deviam era fazer como eles que contribuíam generosamente para as suas Missões e enviavam missionários.

2° Quais as correntes de espiritualidade que mais directamente o modelaram?

- Não sei responder. Só sei que a espiritualidade dele se alimentava da grande revelação de Cristo: o Pai. Era como Pai amoroso que ele costumava referir-se a Deus. A comunhão trinitária constituiu o ponto de apoio e a alavanca da sua vida com Deus e com os homens, os «irmãos», os «filhos de Deus». O Evangelho era para ele algo de radical que não se compadecia com umas beatíficas práticas de piedade sem uma sincera correspondência nas práticas da vida de caridade.

3° O que é que mais distingue e caracteriza o seu comportamento de missionário espiritano?

- Não sei se aprendi o alcance da pergunta: se se trata do seu comportamento de confrade espiritano ou do seu comportamento como missionário.

No primeiro sentido, o Pe. Correia era o homem mais simples, bondoso e serviçal. O seu espírito humorístico e fraternal despertava à sua volta um ambiente de paz e bem-estar. Era sobretudo admirável o seu poder de análise crítica que nele assumia a forma graciosa, quase anedótica, de a exprimir. Sorria e ria com facilidade e tinha uns olhos vivos que peneiravam e viam ao longe.

"O seu espírito humorístico e fraternal despertava à sua volta um ambiente de paz e bem-estar."

Com os estranhos, e pelas suas funções de procurador tinha muitos contactos, era pessoa de fácil relacionamento e a todos conquistava pela sua simplicidade, alegria e humor.

«Como missionário» o que mais o distingue e caracteriza é o seu entusiasmo, dedicação e propaganda da obra das Missões ultramarinas.

Trabalhou nas missões da Nigéria durante onze anos. Pelo que tenho lido e ouvido, esforçou-se num trabalho de cris-

tianização aprofundado, procurando penetrar bem na alma do povo ibo, de que dão prova os vários estudos publicados na revista Anthropos: "O animismo ibo e as divindades da Nigéria" e "O sentido moral dos ibos da Nigéria".

Em Portugal foi um incansável e entusiasta propagandista das Missões através da revista Missões de Angola e Congo de que foi director e animador, e de muitas outras publicações como "Civilizando Angola e Congo - Os Missionários do Espírito Santo no padroado espiritual português", brochura da qual a Casa-Mãe, ao fazer-lhe referência no Boletim Geral da Congregação, disse: "Semelhante trabalho de divulgação deveria ser feito nas nossas diferentes Províncias".

A imprensa foi o seu púlpito. São muitos os seus escritos em jornais, revistas e publicações avulsas, como A Vida da reverenda Madre Ana Javonhey, dois volumes da História das Missões Portuguesas, na colecção das edições da Agência Geral do Ultramar, etc.

Da revista Missões de Angola e Congo, fundada em Janeiro de 1921, diz o Pe. Moisés Alves Pinho, Provincial, em relatório da Província para a Casa-Mãe que "fora muito bem acolhida em todos os meios e traz-nos muitos recursos e simpatia". O Pe. Correia ocupa-se dela com todo o entusiasmo e dedicação que se lhe conhece. Logo, pouco depois, afirmará: "A nossa revista Missões de Angola e Congo não cessa de pregar ao ardor adormecido dos católicos. Conta já 4000 leitores". Mais tarde dirá ainda o Provincial: "A nossa revista Missões de Angola e Congo continua a gritar sobre os telhados a necessidade urgente de ter Auxiliares nas nossas Missões para criar uma civilização sadia em que a religião não fique apenas em teoria. Nem Deus, nem a colonização portuguesa teria nada a ganhar na transformação dos selvagens numa população de bachareis".

O Pe. Correia tinha uma alma missionária. Como prova de muita dedicação e zelo na concretização do que apregoava nos seus escritos organizou uma subscrição anual a favor dos seminários missionários entre as empresas comerciais de Lisboa. Todos os anos, o Irmão Xavier, enquanto teve forças, ocupou-se, com muita dedicação e trabalho, a percorrer bancos, companhias, empresas e grandes casas comerciais para fazer a recolha de donativos que atingiam uma soma significativa para custear as despesas das Casa de Formação.

A simplicidade e simpatia do Pe. Correia convenciam facilmente as pessoas a colaborar.

O seu zelo apostólico levou-o a escrever várias brochuras para uma vida litúrgica mais eficiente como Orações, Epístolas e Evangelhos dos Domingos e Festas, Missa dos Pequeninos

**"A simplicidade e simpatia do Pe. Correia convenciam facilmente as pessoas a colaborar."**

(com cânticos para crianças), Missa dos Pequeninos - II série (para catequistas), tendo em vista as crianças do Orfanato de Santa Isabel de quem foi benévolo e dedicado capelão.

Para cultura espiritual lembro: De que Espírito Somos e Vida Mais Alta.

4ª As suas relações sociais teriam algum matiz marcadamente republicano com uma primariedade antimonárquica? Na sua ideia democrática de governo colidia com o modo de governo que se teve sob o regime de Salazar?

- É verdade que muitos dos que procuravam a convivência e a amizade do Pe, Correia eram republicanos e antimonárquicos. O Pe. Correia creio que não era nem republicano nem monárquico. Não se pode considerar um político na acepção comum do termo. Ele era um espírito aberto, liberal, amigo da liberdade e do respeito pelos direitos dos outros. Conviveu, no tempo de formação, em França e depois na Nigéria, como missionário, com pessoas democráticas e regimes não ditatoriais. A França era uma República, a Inglaterra Monarquia. Lembro que a Nigéria era uma colónia inglesa. Com o que ele não concordava, de certeza, era que uma República ou uma Monarquia fosse regime de partido único ou ditatorial.

"O Pe. Correia era um espírito aberto, liberal, amigo da liberdade e do respeito pelos direitos dos outros."

Sem dúvida, que ele não concordava com o regime vigente em Portugal. Não só porque ia contra os seus próprios sentimentos democráticos, mas certamente porque os «amigos» republicanos e antisituacionistas lhe deviam explorar estes sentimentos com os agravos e atropelos à liberdade de que eles ou outros eram vítimas da parte do Governo.

5° Por incumbência do cargo de «Procurador das Missões», pelo seu verdadeiro zelo missionário cultivava amizades políticas ou de políticos? No grupo de amigos criado à sua volta figurava como um líder partidário antigovernamental ou antisalazarista?

- Na minha maneira de ver, os políticos que eram seus amigos, não o eram por causa da ajuda às Missões, embora um ou outro o fosse, como era o caso do Dr. Nuno Simões. Eles aproximaram-se do Pe. Correia por ser homem liberal e concordar com a democracia.

Esses «amigos» políticos que se juntavam à volta não eram arregimentados por ele. Líder político o Pe. Correia nunca o foi. Era um homem inteligente, caritativo, amigo dos pobres, inimigo de toda a injustiça, viesse de onde viesse, mas em política era um «simplório», um utópico, no mais nobre

sentido da palavra. A liberdade era a utopia a alcançar.

No seu espírito de simplicidade, por ser liberal e sincero, tiveram influência aqueles que dele se queriam aproveitar como bandeira dos seus ideais. Elucidativa é a assinatura do manifesto a favor da eleição do general Norton de Matos para a Presidência da República. Por coerência com os amigos assinou, mas os «amigos» quiseram que ele assinasse porque era Padre e ter um Padre do lado deles era uma vitória.

No próprio artigo "O mal e a caramunha" foi influenciado pela viúva de Carlos Maia, que o convenceu da responsabilidade dos monárquicos na morte do seu marido. Se no artigo reage contra os monárquicos é porque estes afrontavam os republicanos acusando-os dos assassinatos nefandos da camioneta fantasma de 19 de Outubro de 1921, e grafitavam as paredes do País, com mãos vermelhas de sangue, a culpar os republicanos. E porque no estrangeiro se apelidava Portugal republicano como o País das revoluções e isso se devia precisamente aos monárquicos que, depois da Revolução de 5 de Outubro, especialmente com as «Conceiradas», procuravam combater a República.

O Pe. Correia era um acérrimo defensor da verdade contra as injustiças e sai à estacada. Quanto às reacções revolucionárias dos monárquicos não há dúvidas de que foram muitas. Quanto ao caso de 19 de Outubro ainda hoje não se sabe quem foram os autores.

"O Pe. Correia era um acérrimo defensor da verdade contra as injustiças e sai à estacada."

O que não era verdade confirmada, e que o Pe. Correia afirmou no artigo, era que tivesse sido o Estado Novo que arquivasse o processo do crime.

Foi precisamente isto que afrontou gravemente o governo, não só porque Salazar era pro-monárquico, mas também pelo facto do artigo ser publicado num jornal da oposição.

6° Está de acordo em que o valor proeminente do Pe. Correia está em ter sido um factor de desestabilização do regime (ou partido de União Nacional) político no poder?

- De modo nenhum. O valor do Pe. Correia está em ter sido um homem evangélico que pugnou por uma Igreja que, na fidelidade a Jesus Cristo, vivesse os valores do Evangelho. Se acidentalmente se tornou factor de desestabilização foi porque, no caso da publicação do artigo atrás referido, que era destinado ao Jornal do Comércio e que o director deste jornal mandou devolver ao Pe. Correia, o portador, Raul Rego, sem a autorização do autor, o levou à República que o publicou como editorial.

A assinatura do manifesto para a eleição de Norton de Matos deve-se à coerência com o seu pensamento e à relação,

da sua parte, verdadeira e amiga com os seus «amigos».

7° Será preciso salientar o regime político de Salazar com provisória relatividade ou absolutizar o Concílio Vaticano II na história da Igreja para salientar o valor da mensagem e o testemunho de vida do Pe. Alves Correia? Onde radica a sua mensagem?

- Não é preciso salientar o regime político, nem absolutizar o Concílio Vaticano II, para salientar o valor da mensagem e o testemunho do Pe. Correia.

A sua mensagem nasce da perene mensagem do Evangelho na «Tradição Viva da Igreja», onde o Espírito actua em palpitação permanente.

8° Se "mártir é o que testemunha fielmente o Evangelho na docilidade ao Espírito Santo", então o Pe. Alves Correia também terá o título de mártir. Será preciso insistir em Salazar e PIDE para lhe atribuir a glória de mártir a favor de quê e de quem?

- Ele era um homem com simplicidade de criança, na alegria, na humildade, na pobreza e, sobretudo, as crianças e os pobres lhe mereceram a atenção bondosa do seu coração. A fortaleza de mártir enfrentou-a na afoiteza da proclamação da radicalidade do Evangelho o que lhe mereceu a crítica daqueles que queriam dormir na tranquilidade da rotina da sua religião sem compromisso.

É certo que sofreu com a situação política vigente. Todavia, no caso do artigo do jornal República, o governo apenas o molestou com um inquérito da parte do ministro da Justiça sobre a afirmação de que fora o Governo do Estado Novo que arquivara o processo de 19 de Outubro, e com um comunicado do Ministério a dizer que o Pe. Alves Correia não provou a verdade do que afirmara e que demonstrou uma leviandade intelectual na sua afirmação.

De facto o processo fora arquivado antes de 28 de Maio de 1926.

Houve depois um incidente com a PIDE por causa de uns artigos que o Pe. Correia escreveu na América e que foram publicados no Diário de Notícias de New Bedford. A Congregação foi advertida para que o fizesse calar a fim de evitar outras complicações.

Nessa ocasião o Pe. Correia, escreveu à Casa-Mãe a dizer que não queria de modo algum causar prejuízo à Congregação e que estava disposto se fosse preciso a sair da própria Congregação.

Tudo finalmente serenou.

9° Que significou o Pe. Correia na Missionação da África sob o regime português?

- Quanto ao seu significado na Missionação, além do que já ficou dito atrás sobre o seu trabalho de propaganda missionária em Portugal por meio da Revista Missões de Angola e Congo e outras revistas e jornais e a angariação de meios para a sustentação dos Seminários, na sua qualidade de Procurador das Missões e representante da Congregação junto do Governo teve ocasião de intervir em todas as iniciativas legislativas a favor das Missões Ultramarinas, ao lado de Mons. Alves da Cunha de quem era um grande amigo, e do Prelado de Moçambique, D. Rafael d'Assunção.

Ele era o relações públicas da Província espiritana.

10° Que referência faz a sua acção na Restauração da Província?

-Já disse quase tudo. Veio das Missões da Nigéria onde trabalhou 11 anos, desde 1911, para Portugal, creio que em 1921.

Foi colocado na Comunidade da Sagrada Família de Braga e ocupou-se da Revista Missões de Angola e Congo. Nessa ocasião o «escolatiscado» funcionava no Colégio de S. Tomás de Aquino. Penso que o Pe. Correia seria, na altura, também professor.

Fez, desde o princípio, parte do Conselho Provincial.

Ficou em Braga pouco tempo, indo para Lisboa como director da Residência, representante da Congregação junto do Governo e, pouco a pouco, foi-se convertendo em Procurador das Missões, ajudando as Missões em tudo o que lhe era solicitado. Ali permaneceu nessas funções até partir para a América, exceptuando dois anos (ou três?) em que foi superior e professor em Viana do Castelo.

Homem zeloso, ia com a sua simpatia e espírito missionário despertando o interesse pela obra missionária da Congregação.

**"Homem ecuménico, começou por se abrir às outras comunidades religiosas."**

Homem ecuménico, começou por se abrir às outras comunidades religiosas, o que não era comum nessa época. Havia sempre o espírito de capela. Foi preparando o que depois o Pe. Moisés Alves de Pinho, realizou: reunir uma ou duas vezes por ano as Províncias das várias Congregações, na nossa casa de Lisboa. Foi como que o embrião da futura Conferência dos Superiores dos Institutos Religiosos!

Homem ecuménico, também no sentido actual, não tendo pejo de manter boas relações com outras confissões religiosas, mormente, protestantes.

Homem de cultura, era o rosto intelectual da Província, nos congressos e assembleias, tanto religiosas como sociais, científicas ou humanistas. Embora não fosse homem de grandes dotes oratórios, muitas foram as conferências que proferiu nas mais variadas ocasiões. Ele era mais espírito do que corpo!

Por ser um homem de grande projecção social, o incidente com reflexos políticos de que foi protagonista explica o alarme que provocou na Província e a decisão por ele tomada de se retirar desta para acalmar os ânimos.

11º O Sr. Pe. Firmino foi seu aluno de História Eclesiástica. Como leccionava ele essa disciplina?

- Nas aulas de História Eclesiástica pude, particularmente, descobrir a vastidão e profundidade do seu saber, bem como o seu espírito evangélico na filosofia crítica das pessoas e dos factos.

Nesse tempo pouco se falava da igreja pecadora. A Igreja era a «pura e sem rugas».

O Pe. Correia não era escaravelho à procura dos podres, mas nas atitudes dos homens e instituições da Igreja, nada condizentes com o proceder de Cristo, ele sabia mostrar que a Igreja, apesar de santa, é servida por homens pecadores. Quando dizia: «A mamona», «o poder», «a glória vã», «a maldade e hipocrisia dos fariseus», «as misérias humanas», era comentário que bastava para chamar a atenção para as fraquezas dos homens da Igreja e não só.

"o Espírito, mau grado os instrumentos fracos de que se serve, actua na Igreja."

Mas era, sobretudo, aos gestos evangélicos que ele dava um justo relevo. Gostava de dizer que o Espírito, mau grado os instrumentos fracos de que se serve, actua na Igreja.

Não ensinava a História Eclesiástica como conhecimento de factos, pessoas e datas, mas como aprendizagem crítica dos homens e dos acontecimentos à luz do Evangelho e das circunstâncias em que aconteceram.

## APÊNDICE II

### Bibliografia

FONTES

ALVES CORREIA, Joaquim - Largueza do Reino de Deus, 2ª Edição, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1934.
- De Que Espírito Somos, 1ª Edição, Casa Editora, "Au Sacre Coeur", Lisboa, 1933.
- Vida Mais Alta, 2ª Edição, Editorial L.I.A.M., Lisboa, 1957.
- Consciência Cristã, Cadernos Grandes Páginas Cristãs, cader-

nos 19- 20 , Edições Metanoia, Vila Real, 1949.
- O Ideal Cristão, Cadernos Grandes Páginas Cristãs, cadernos 8-9, Edições Metanoia, Lisboa, 1948 (?).
- Cristianismo e Mensagem Evangélica, Edições Cosmos, Lisboa, 1941.
- "O terrível irmão que me desafiou a alma", in Boletim das Edições Metanoia - Boletim especial dedicado ao Pe. Manuel Alves Correia, falecido a 23 de Novembro de 1948.
- "O Padre Joaquim Alves Correia", in Boletim da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, II série - n 134, Janeiro-Dezembro, 1977, pgs. 55-64.
- Pe. Joaquim Alves Correia - 1° Centenário do Nascimento, in Boletim da Província Portuguesa da Cong do Espírito Santo, II série - n° 143, Janeiro-Dezembro, 1986 , pgs. 83-87.
SANCHES, Jorge – "Joaquim Alves Correia", in Verbo - Enciclopédia Luso- Brasileira de Cultura, Vol. VI, Ed. Verbo, 1967 , col. 10.
SOUSA, António Gomes de - Padre Joaquim Alves Correia (Um lutador da Liberdade), Porto 1978.

## OBRAS GERAIS

ALVES CORREIA, Manuel- O Génio da Bondade - São Francisco de Assis, Editorial Franciscana, Braga, 1979.
LARRAÑAGA - O Irmão de Assis, Edições Paulistas, Sacavém, 1980.
Colectânea em Louvor de São Francisco - A Literatura Portuguesa (1926- 1927), Edições Boletim Mensal , Braga, 1927.
FUELLENBACH, J. - Reino de Dios, in Diccionario de Teologia Fundamental, Ediciones Paulinas, Madrid 1990, pgs. 1115-1126.

# CEPAC: *Uma Resposta Espiritana aos Imigrantes excluídos*

*O CEPAC nasceu do coração do carisma espiritano, sob a iniciativa dos Missionários do Espírito Santo, em 1992. O nome é uma homenagem ao grande Missionário Espiritano, Padre Alves Correia (1886-1951), defensor dos "pobres e oprimidos", promotor dos Direitos Humanos e da Justiça Social.*
*Quando o CEPAC nasceu não estavam ainda implementados os acordos de saúde entre Portugal e os antigos países de expressão portuguesa (PALOP´s). Entre o acordado e o cumprido, em muitos casos, a distância é grande e são muitas as pessoas que ficam abandonadas, à sua sorte, durante a sua permanência no nosso país.*
*O CEPAC surge como um recurso e, paralelamente, vamos procurando encontrar respostas para as pessoas que não as encontram nos recursos proporcionados por outras instituições e vai-se fazendo o encaminhamento possível, tratando cada caso como um caso, para o qual é necessário encontrar uma resposta.*

## 1 – CONTEXTO INSTITUCIONAL

### 1.1 – Origem e Estatuto Jurídico

O Centro Padre Alves Correia – CEPAC – é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica do foro canónico e civil.

Nasceu do coração do carisma espiritano, sob a iniciativa dos Missionários do Espírito Santo, em 1992. O nome é uma homenagem ao grande Missionário Espiritano, Padre

Alves Correia (1886-1951), defensor dos "pobres e oprimidos", promotor dos Direitos Humanos e da Justiça Social.

### 1.2 – Do sonho dos Fundadores ao actual contexto Social

No início dos anos noventa a imigração era predominantemente africana. Não admira, por isso, que o CEPAC tenha sido registado como uma instituição de apoio a imigrantes africanos. Esta designação permanece, primeiro que tudo, por questões legais, mas, na verdade, a grande percentagem de pessoas apoiadas continua a ser de África. A razão parece-nos evidente: porque a publicidade se faz, sobretudo, pelas redes informais, é normal que o "passa palavra" vá atingindo os grupos que mais directamente se relacionam.

"Os movimentos migratórios mudam em pouco tempo."

Os movimentos migratórios mudam em pouco tempo. A comunidade caboverdeana em Portugal, depressa, deixou de ser maioritária dando lugar aos ucranianos. Para lá destes números, sabemos que há toda uma realidade, a da imigração irregular que, escapando às estatísticas oficiais, não nos possibilita chegar a conclusões evidentes. No terreno vamos concluindo que "não há uma diminuição da entrada de cidadãos estrangeiros em Portugal e que ficam em permanência irregular"[1] mas, mais uma viragem parece-nos impor-se, que é a entrada de brasileiros, via Espanha, assim como a entrada de Romenos, utilizando canais paralelos, fugindo às restrições das actuais políticas imigratórias. Desta alteração nos vamos dando conta, sobretudo pelos novos utentes que nos têm chegado ultimamente.

"É opção consciente do CEPAC trabalhar a integração"

É opção consciente do CEPAC trabalhar a integração[2]. Esta não poderá acontecer sem a regularização e, no actual contexto, torna-se tantas vezes tarefa árdua! É necessário ter presente que, a quase totalidade dos trabalhadores imigrados, mesmo os que possuem autorização de permanência, tem um vínculo precário com as empresas contratantes[3]. Se esta pre-

---

[1] *Afirmação de César Inácio, inspector do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, a propósito da detenção de estrangeiros, sobretudo brasileiros, na Costa da Caparica, em 2/2/2003, in Público, publicação de Lisboa, 4/2/2003, pág. 47.*

[2] *Optámos por utilizar o conceito de integração, referenciado ao problema sociológico da ordem, definida esta, não em termos normativos, enquanto cooperação, mas em termos morfológicos, enquanto padronização da vida social. Esta definição, de ordem social, é construída com base numa discussão crítica da teoria da estruturação de Anthony Giddens, mobilizando para o efeito, de uma maneira especial, os contributos de Margaret Archer, Ton Burns e Nicos Mouzelis. (Cf. PIRES, Rui P. (2003), pág. 13-47). Na realidade, nos estudos sobre migrações, utiliza-se com muita frequência aquilo que Rui P. Pires chama de "finta terminológica" utilizando o termo incorporação, devido à dificuldade em lidar com todas as conotações que entretanto foram associadas ao conceito "integração".(veja-se, a título de exemplo, PORTES, Alejandro (1999).*

[3] *Apenas 2,6% da população estrangeira tem contratos sem termo. Cf. PIRES, Rui P. (2003), pág. 178.*

cariedade é formalmente consistente com a curta duração das autorizações de permanência, isso não significa que os trabalhadores estrangeiros se decidam a regressar sempre que não tenham trabalho e, que por isso, não possuam autorização para ficarem em Portugal. Para não falarmos das situações, que não são assim tão raras, de imigrantes a trabalharem sem contrato e sem o mínimo de garantias quanto ao seu futuro....

Quando o CEPAC nasceu não estavam ainda implementados os acordos de saúde entre Portugal e os antigos países de expressão portuguesa (PALOP´s). Muitos doentes, porque não têm possibilidades de ter tratamento adequado para os seus males, vêm destes países a partir dos acordos bilaterais estabelecidos com Portugal. A permanência aqui destes doentes, bem como a dos seus acompanhantes, nos casos de tratamentos pediátricos, são da responsabilidade das Embaixadas dos respectivos países. Entre o acordado e o cumprido, em muitos casos, a distância é grande e são muitas as pessoas que ficam abandonadas, à sua sorte, durante a sua permanência no nosso país. Não podemos falar aqui de imigrantes, mas muito mais de deslocados, onde, igualmente, a integração tem de ser trabalhada, sobretudo porque muitas são as situações de tratamentos prolongados. Dramática é, ainda mais, a situação dos acompanhantes, que não podem, legalmente, trabalhar enquanto não possuírem autorização de residência que só se consegue após comprovação médica da necessidade de permanência prolongada em Portugal.

**"Dramática é a situação dos acompanhantes, que não podem, legalmente, trabalhar"**

### 1.3 – As Valências do CEPAC

**a) Gabinete de Serviço Social**
O Gabinete Social é o espaço onde é realizado o atendimento. Este é feito pela Assistente Social e, após o diagnóstico social, o utente é encaminhado para os diferentes apoios do CEPAC a seguir mencionados.

**b) Apoio Médico**
Prestado por três médicos voluntários que dão consulta na sede da Instituição. Normalmente, serve apenas os imigrantes irregulares ou acompanhantes de doentes que vêm a partir dos acordos de saúde estabelecidos com os PALOP's.

**c) Apoio Medicamentoso**
São fornecidos os medicamentos que os médicos do CEPAC prescrevem ou que foram prescritos por outros médicos, mas que os utentes não podem comprar.

Existe um "depósito" que possui medicamentos oferecidos.

Para outros que sejam necessários temos um protocolo com uma Farmácia local. A organização e a classificação dos medicamentos é realizada por uma farmacêutica voluntária.

**d) Apoio jurídico**

Duas advogadas, voluntárias, prestam apoio jurídico aos utentes, em situações muito variadas, sendo predominante o poio em processos de legalização.

**e) Distribuição de Roupa**

A roupa existente é oferecida ao Centro e distribuída aos utentes por três voluntárias. Na retaguarda vários outros voluntários colaboram na lavagem e arrumação da mesma.

"Na retaguarda vários outros voluntários colaboram"

**f) Distribuição de Alimentos (Protocolo com o Banco Alimentar)**

Os alimentos são fornecidos pelo Banco Alimentar de Lisboa por etapas: duas vezes por mês recebem-se os frescos (fruta, legumes, ...) e, uma vez por mês e em maior quantidade, os secos (cereais, bebidas, bolachas, ...)

Os cabazes são distribuídos aos utentes carenciados e cada utente inscrito recebe quinzenalmente o seu, de acordo com o seu agregado familiar.

**g) Equipa de Rua**

A Equipa de Rua foi criada em Outubro de 2005, com o objectivo de complementar o atendimento social, tendo em vista a elaboração de um diagnóstico mais aprofundado e rigoroso sobre a situação do imigrante que vem pedir auxílio.
O trabalho desenvolvido pela equipa, sendo resultado de uma intervenção social junto do espaço do utente/família, tem permitido confirmar ou não o diagnóstico resultante do atendimento. De igual modo, tem possibilitado à Instituição identificar problemas e necessidades cujas causas e efeitos nem sempre são diagnosticados no gabinete. Cada vez mais vamos concluindo que haverá sempre que distinguir entre o pedido manifesto e o pedido latente.
Colaboramos igualmente com a Câmara de Lisboa, através do Plano Lx[4], no qual estamos integrados. Os casos de imigrante sem- abrigo são para nós encaminhados pelas outras equipas de rua. Desta equipa fazem parte três voluntários, entre os quais uma Irmã Espiritana e três Estagiários de Serviço Social. Um dos voluntários é médico e a sua presença em muito nos

[4] *O Plano Lx é um programa, da Câmara Municipal de Lisboa, de prevenção e inclusão de toxicodependentes e sem abrigo.*

tem ajudado a detectar certas situações de doenças graves.

**g) Unidade de Integração na Vida Activa (UNIVA) (Parceria)**

Os utentes, quando necessitam de emprego e formação, são encaminhados para a UNIVA da CIC – Orientar.

No dia 2 de Fevereiro deu entrada, no Centro de Emprego de Alcântara, uma candidatura para que o CEPAC possa ter uma UNIVA a funcionar nas suas instalações e aberta à juventude da área da freguesia da Lapa.

## II – OS IMIGRANTES IRREGULARES E OS DESLOCADOS DOENTES

### 2.1 – Caracterização global dos utentes

O CEPAC teve no ano de 2005 um total de 5.202 presenças. De forma habitual, 235 famílias receberam apoio de forma regular. Pela primeira vez, procuraram-nos 194 pessoas, algumas delas para apoios mais pontuais, outras permanecendo, em situações de maior carência e necessitando de uma intervenção mais concertada e prolongada.

Frequentemente, ouvimos comentários dizendo que é necessário ultrapassar o assistencialismo. Aqueles que lidam, todos os dias, com a realidade, mais que ninguém, bem desejariam que a sua acção nunca fosse meramente passiva e que as medidas activas, que conduzem a uma integração plena, fossem sempre implementadas. Mas, disto estamos certos, o horizonte da integração activa nunca foi descurado por todos os que no CEPAC têm trabalhado. Certo, é difícil, impossível mesmo, relatar no espaço de um escrito o dinamismo de uma vida!

"o horizonte da integração activa nunca foi descurado por todos os que no CEPAC têm trabalhado."

Entre os que nos procuram, há dois grupos predominantes, diferentes nos seus problemas e na sua compreensão, mas que têm constituído, desde há muito, uma opção na nossa intervenção: os imigrantes irregulares, 19% da população utente, e os deslocados doentes, que constituem 26%. De um outro grande grupo (42%) fazem parte imigrantes com autorização de residência, mas que, pelo desemprego, estão em situação de acentuada carência económica. Um outro grupo, mais pequenino, apenas 13%, é formado por aqueles a quem não foi concedido estatuto de refugiado e que estão com autorização de residência por questões humanitárias.

### 2.2 – Os imigrantes irregulares

Pensa-se, às vezes, que a imigração dos PALOP's, por ser mais antiga, é já uma imigração estabelecida. Na verdade, continuam-nos a bater à porta os imigrantes ilegais, provenientes

dos países africanos. Comparando-se os dados sobre o número de autorizações de permanência concedidas em 2001 com os da regularização extraordinária de 1996, podemos concluir que se mantiveram com contingentes significativos, mesmo se, com ligeira diminuição, os fluxos ilegais com origem em Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau[5]. Com os imigrantes de leste e do Brasil, a realidade não é muito diferente.

Os novos fluxos migratórios têm sido "constituídos por via de um recrutamento organizado mais do que pela lenta acumulação de percursos autoconstruídos". E se recrutamento não é sinónimo de tráfico de mão-de-obra por organizações de tipo criminoso, não podemos ignorar o papel que estas organizações têm tido na canalização de parte da imigração do Leste e, ultimamente, de uma maneira particular, da imigração que vai chegando da Roménia. Quantas promessas fáceis de virem encontrar no nosso país a famosa «árvore das patacas» se desfazem e lançam na margem vidas que mais não procuravam que a legítima aspiração a uma vida melhor.

"Dentro dos imigrantes irregulares devemos distinguir vários grupos."

Dentro dos imigrantes irregulares devemos distinguir vários grupos. Uns, já tiveram a sua situação regularizada mas, porque a regularização depende da existência do contrato de trabalho, e não o possuindo em dado momento, não puderam renovar os seus "papéis". Então, o CEPAC surge como um recurso e, paralelamente, a procura desesperada de alimentos e roupa. Fazendo uma visita aos locais onde os sem-abrigo costumam pernoitar, na cidade de Lisboa, não teremos dificuldade em encontrar muitas pessoas nesta situação. Outro grupo, é o daqueles que nunca estiveram regulares, uns com trabalho, mas sem contrato, outros que já o tiveram, mas que, com a mesma facilidade, o deixam de ter. E, convém frisá-lo, grande parte destes imigrantes, no contexto da actual legislação, terão sérias dificuldades em obter a regularização, se é que alguma vez a conseguirão.

As problemáticas detectadas, em relação a este grupo, são, predominantemente, a desintegração, o alcoolismo, havendo também, mas com muito menor incidência, casos de toxicodependência, sem-abrigo e problemas psiquiátricos. Sobre os doentes psiquiátricos e não só, muitas vezes o CEPAC é contactado pelos Serviços Sociais dos Hospitais que, pretendendo dar alta social aos doentes, querem que se encontrem soluções que eles próprios não conseguem resolver.

Pelo que fica dito, não será difícil depreender que o CEPAC está atento, por opção, às situações daqueles que se encontram na margem. Por isso, vamos procurando encontrar res-

[5] *Cf. PIRES, Rui P. (2003), pág. 173-174.*

postas para as pessoas que não as encontram nos recursos proporcionados por outras instituições e vai-se fazendo o encaminhamento possível, tratando cada caso como um caso, para o qual é necessário encontrar uma resposta.

### 3.3 – Os deslocados doentes

Situação distinta, é a daqueles que, doentes, são obrigados a deixar a sua terra na busca de tratamentos que não podem fazer no seu país. Não são imigrantes, embora alguns deles acabem por nunca mais regressar, mesmo após o tratamento feito, caindo, também eles, nas malhas da irregularidade.

Mesmo se a solidariedade entre os africanos é forte, em muitas situações ela não é suficiente para garantir o bem-estar a quem chega doente e que, em terra estranha, sente toda a dificuldade de integração. Se o tratamento implica internamento e enquanto este dura, a situação é menos dramática, mas quando este passa a ambulatório as dificuldades, sobretudo económicas, são, em tantos casos, mesmo dramáticas. É preciso dinheiro para os transportes, as deslocações às consultas, é preciso comprar alimentos, medicamentos... tantas coisas que todos precisam e, ainda mais, quem está doente. As Embaixadas deveriam suportar estas despesas, segundo os acordos e algumas vão-no fazendo, mas nem todas de igual forma.

"a solidariedade entre os africanos é forte, em muitas situações ela não é suficiente para garantir o bem-estar a quem chega doente"

Mais complicada ainda é a situação dos acompanhantes, no caso dos tratamentos pediátricos. Cada criança tem direito a fazer-se acompanhar de um familiar, mas que não pode trabalhar. No caso das doenças cujo tratamento é prolongado vai-se requerendo autorização de residência, mas esta, normalmente, demora a vir e, entretanto, as pessoas têm, pelo menos, as suas necessidades básicas a satisfazer. Mais uma vez, a resposta das Embaixadas muitas vezes não é a mais conveniente e o CEPAC, para muitos destes casos, é a única resposta social a que podem recorrer. Somos a única instituição que dá apoio alimentar a imigrantes e, por isso, é, com muita frequência, que os Serviços Sociais dos Hospitais da grande Lisboa nos batem à porta para nos encaminhar estas situações.

## III – DO ASSISTENCIALISMO A UMA INTEGRAÇÃO ACTIVA

Não será necessário grande esforço intelectual para perceber que, em anos de recessão económica, são as políticas sociais as primeiras a sofrer os habituais cortes orçamentais e, depois da retoma, serão estas, normalmente, as últimas

a serem beneficiadas. Mesmo que os particulares possam e devam ajudar, a acção social estará sempre dependente da vontade política de um Estado que, deve ter sempre no seu horizonte a garantia da paz e da harmonia social.

Não admira, por isso, que a acção social com imigrantes não seja em nada favorecida. Se nos lembrarmos que uma das opções do CEPAC é, claramente, a do apoio aos imigrantes irregulares, não nos podemos espantar que os entraves sejam ainda acrescidos. Como nos podemos candidatar a projectos que visem uma população que legalmente nem sequer existe? É verdade que, como IPSS, temos um acordo com a Segurança Social, mas o que, mensalmente recebemos não chega para cobrir os salários dos únicos dois trabalhadores contratados que o CEPAC possui.

### 3.1 – Assistencialismo?

"A urgência da situação impele-nos a agir!"

Quando temos à nossa frente alguém que tem necessidades mínimas a satisfazer, não nos perguntamos se a nossa acção é meramente assintencialista. A urgência da situação impele-nos a agir! E, quantas vezes, antes de um atendimento, temos de dar de comer a alguém que já não come, minimamente, há vários dias.

Todos os nossos esforços, em relação a alguém que está no nosso país de forma irregular, vão no sentido de promover a sua regularização. Este será o primeiro passo para que, depois, outras integrações possam ser trabalhadas. Exigimos, servindo-nos, quantas vezes, do apoio alimentar e outros apoios para, com o utente, contratualizarmos planos de intervenção, ajudamos a pagar coimas ao fisco, incentivamos para que as dificuldades não levem à desistência, etc. Não podemos, neste contexto, descrever os sucessos que a este nível vamos conseguindo, mas foram já algumas as situações de irregularidade geracional que ajudámos a resolver. Mas são muitos, também, os casos em que nada conseguimos e, nas situações onde as alternativas são nulas, vamos apontando para o retorno voluntário, mesmo se a vontade da pessoa seja sempre por nós respeitada[6]. Quantos, mesmo sabendo da ex-

[6] *No ano transacto, seis imigrantes regressaram voluntariamente ao seu país, com a ajuda do CEPAC. A este nível, temos uma óptima relação seja com a Organização Internacional das Migrações (OIM), seja com o próprio Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), seja com a Embaixada de Angola, que tem um programa próprio de retorno voluntário. Nesta nossa acção, fazemos questão de trabalhar o imigrante de tal forma que, pese o facto de deixar Portugal como excluído, não entre na sua terra como tal. Daí que trabalhar antecipadamente as redes sociais no país de origem seja fundamental.*

ploração de que são vítimas e da insegurança permanente em que vivem, decidem livremente ficar!

Outra das prioridades assumidas, como já referimos, são os deslocados, oriundos dos PALOP's, por questões de saúde. Quem não pode pagar os transportes para ir às consultas, quer medicamentos e não lhos dão, quem precisa de comer e não pode trabalhar e de roupa para vestir e não a pode comprar, vai encontrando, nesta obra espiritana, um auxílio que é como uma bênção que Deus lhes vai dando. Que mais fazer com alguém que está doente, ou com alguém que, por ser acompanhante, não tem autorização legal para trabalhar?

Os contactos com as Embaixadas são frequentes, tentando alertá-las para estas situações desumanas. A articulação vai-se fazendo, na medida do possível e, em alguns casos, há uma colaboração harmoniosa. Já tivemos, com aqueles que nos receberam, reuniões com os senhores Embaixadores mas, o caminho é muito lento, mesmo se a evolução é visível. Procuramos, neste como noutros casos, informar a opinião pública[7] da realidade que o nosso trabalho no terreno nos vai mostrando.

### 3.2 – Trabalho em rede e em parceria

Em época de discussão pública, que se aproxima, da nova lei da imigração, parece-nos fundamental uma participação activa. O Fórum das Organizações Católicas que se dedicam à Imigração (FORCIM), do qual o CEPAC é membro, tomará, como é já habitual, posições concertadas que chamarão a atenção para a defesa dos Direitos Humanos. As nossas advogadas estão já a preparar-se para que, muito brevemente, nos ajudem a ver com mais clareza as verdadeiras forças em jogo.

"O FORCIM, do qual o CEPAC é membro, tomará posições concertadas que chamarão a atenção para a defesa dos Direitos Humanos."

A PICUM[8], sediada em Bruxelas, está, neste momento, a desenvolver um projecto, a pedido da Comissão Europeia, para o estudo do acesso à saúde dos imigrantes irregulares. Em Portugal, é o JRS e o CEPAC que estão a liderar este projecto. Mesmo se, segundo os responsáveis da PICUM, noutros países europeus este problema é ainda mais grave, pretende-se, com este estudo, que o assunto comece a fazer parte das agendas políticas dos países europeus.

Não trabalhamos sozinhos e temos feito um esforço de

[7] *O CEPAC tem o dever de "informar e sensibilizar a opinião pública sobre os problemas específicos da Imigração" (Estatutos, nº 5, 2, h).*

[8] *PICUM – Platform for International Cooperation on Undocumented Migrants (cf. www.picum.org).*

presença nos vários organismos ligados à problemática da imigração. Não sabemos até onde podemos ir, neste nosso esforço, porquanto as reuniões não podem impedir a nossa ligação à realidade do terreno. Por ser importante, não o descuramos, mas o CEPAC é uma pequenina Instituição e os trabalhadores a tempo pleno são apenas dois. É verdade que, temos já a colaboração de quinze voluntários, mas, para que a sua acção seja proveitosa, a sua coordenação não pode ser nunca descurada.

A ligação à Câmara Municipal de Lisboa, sobretudo através do Plano Lx, é estreita. A nossa equipa de rua é reconhecida, mesmo se ainda muito recente, e as articulações com as outras equipas do Plano têm-se intensificado cada vez mais. Talvez porque nos falte o engenho e a arte, as ajudas económicas não se têm feito sentir, mesmo se, por várias vezes, já alguns passos tenhamos encetado.

Há uns meses fizemos uma candidatura para que o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME) nos ajudasse a dar resposta aos 185 pedidos que temos, em lista de espera, de apoio alimentar. Precisamos, com urgência, de aumentar a capacidade de resposta do nosso Banco Alimentar e, ao mesmo tempo, solidificar a nossa equipa de rua para que as visitas domiciliárias sejam intensificadas[9]. Pelos contactos que vamos fazendo, vamos tendo alguma esperança, mas, na verdade, sozinhos não podemos avançar e a lista de espera vai aumentando todos os dias

## BIBLIOGRAFIA CITADA:

PIRES, Rui P. (2003) – *Migrações e Integração*, Oeiras, Celta.
PORTES, Alejandro (1999) – *Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Oeiras, Celta.

[9] *Nenhum utente recebe apoio alimentar sem uma confirmação do diagnóstico, no local da residência, feita pela equipa de rua e sem uma tentativa de encaminhamento para as instituições locais. Um dos cinco estagiários de Serviço Social está a fazer um estudo, procurando as razões da não-aceitação dos imigrantes por parte das instituições locais que, como nós, recebem alimentos do Banco Alimentar Contra a Fome, de Lisboa. Deste estudo o Banco Alimentar tem conhecimento.*

# *Ecos do Passado «Laudator Temporis Acti*[1]*»*

*O retrato que concebi de Libermann, a partir de conferências e que em mim perdurou durante todo o tempo de seminário, foi «mutatis mutandis» o seguinte: Judeu destinado a ser rabino.*
*Da leitura dos documentos concebi o seu perfil espiritual e humano não apenas na direcção do sofrimento e passivismo espirituais mas o homem que associa perfeitamente em si duas dimensões!*
*Libermann nasceu para mim como o homem de santidade bifacetada: passiva e activa, o que só nos grandes santos se encontra. O homem que conhece não apenas a generalidade mas as vias espirituais da alma humana.*

**Estimados Confrades Libermanianos.**

Há muito inscrito no rol dos passados até mesmo dos ultra, hoje ultrapasso 85, recordar o passado assenta-me bem porque a língua da cultura Europeia pela boca de Horácio define o velho «laudator temporis acti»!

O passado só existe para mim se as minhas recordações o tornarem presente, disse Agostinho, o mais sábio dos santos.

Para esta celebração não vou copiar dos livros da biblioteca as datas e factos que todos já muitas vezes leram e ouviram centenas de vezes sobre Libermann, vou evocar apenas o modo da celebração deste dia no passado, vai ser antes uma rapsódia de palavras em vez das rapsódias musicais que outrora faziam parte desta celebração.

---

* *Missionário espiritano de 85 anos de idade entregues ao serviço da Missão em Portugal, Cabo Verde, Estados Unidos e Angola.*

[1] *Horácio.*

Ao reunirmo-nos para celebrar Libermann associamo-nos aos confrades dos 60 países onde a árvore frondosa que ele plantou lançou raízes e de que temos aqui amostra nas 8 nacionalidades presentes. Neste dia, senão a esta hora, de um modo ou de outro, numa língua ou dialecto, numa cultura ou subcultura os espiritanos são um só Coração e uma só Alma celebrando não por cerimónia mas por culto de amor aquele a quem ao anunciar a sua morte no dia 2 de Fevereiro de 1852 Schwindenammer chamou o NOSSO QUERIDO PAI:

Evoquemos pois o modo de celebração nos dias em que era menino e moço, «oh tempora oh mores!»

Era assim o currículo de estudos nesses tempos ultrapassados:

2 anos em Godim, os primeiros;

5 em Braga, estudos secundários;

5 em Viana.

O Noviciado era também em Braga, no Espadanido onde está agora o lar dos idosos.

O meu curso inaugurou este edifício onde estamos, o chamado Pavilhão Sul, cuja construção de cal e cimento é ainda actual, feita pelo Ir Marcelino pelo custo de 63 contos, tanto quanto custa hoje um computador não dos do Windows Vista de Bill Gates mas dos vendidos na feira da ladra no Porto!

Conservo muito poucas recordações dos primeiros anos quer de Godim quer de Braga, já explico porquê: era o mais novo dos 66 que entraram comigo em Godim e Maria vai com as outras: comer, dormir, sobretudo brincar era todo o meu ideal; logo que os superiores viravam costas logo recomeçava a brincadeira na sala de estudo. Por falta de atenção ao que se passava, não me lembro de nada relativamente à Congregação e celebração dos fundadores durante os primeiros 4 anos de seminário!

Até que um dia surge um episódio insignificante: Numa conferência, por meados do meu quarto ano, alguém de passagem pronunciou esta frase: «um bom seminarista tanto é na ausência como na presença!»

Teria ouvido dúzias de vezes dizer o mesmo, mas andava noutra esfera, só nesse dia ouvi, recordo a carteira e fila que ocupava na sala daquele lado: fila 5, cateira 1! Prometi a mim mesmo daí em diante cumprir o regulamento na ausência como na presença dos directores.

O Sousa que raro o dia não ia comer a sopa de joelhos no refeitório, em frente à mesa dos Senhores Padres (tal era o castigo predefinido a quem infringia o regulamento), passou a

não falar na sala de estudo e a não aparecer de joelhos com o prato na mão no refeitório, o que deveras intrigava os colegas suspeitando qualquer desgosto sentimental...!
Desde esse dia o Sousa cumpriu à risca sem falta voluntária o regulamento em todos os seus capítulos, o silêncio inclusive, até ao dia da Consagração ao Apostolado.

Os anos de brincadeira não puseram em causa porém a sua vocação a esta Sociedade Religiosa do Espírito Santo sob a protecção especial do Coração Imaculado de Maria, sempre se sentiu nela como o peixe na água, o que o convenceu de uma vez para sempre ter sido Deus através dos seus instrumentos que o trouxera aqui sem mérito algum da sua parte.

É a partir do dia em que resolveu seguir à risca o regulamento que datam as recordações.

Fraião entre os anos (36-40).

Não havia televisão, não havia rádio, lembro-me de chegar o primeiro rádio à comunidade, já eu estava no 5º ano, mas não era para os seminaristas; só muito raramente os Senhores Padres elevavam o som do aparelho para podermos ouvir alguma notícia importante no recreio abaixo da janela da sala de comunidade dos Superiores.

O regulamento desse tempo vem escrito na História da Província recentemente editada, da autoria do Rev. P. Torres Neiva.

Desde o levantar às 4, 45 até ao deitar às 9h da noite o tempo era repartido pelas aulas, estudo, exercícios de piedade, refeições, sono, recreio, passeios às 5ªs e domingos sempre a andar.

Não havia outro carro que o dos bois e uma carroça puxada por um jumento com que um criado ia fazer as compras e buscar o correio.

Poullart des Places e Libermann até esta data não existiram para mim; certamente ouvi falar deles mas nada deles guardou a memória desatenta.

Quando acordei daquele sono infantil e comecei a prestar atenção ao que se dizia aprendi alguma coisa mas nunca li qualquer biografia quer dum quer doutro.

No Noviciado (fins de 38) o Rev. P. Finck deu-nos um pequeno curso de História da Congregação, foi tudo o que fiquei a saber sobre a Congregação até ao fim do Escolasticado e mesmo bastante tempo depois.

O grande escolasticado em Viana ocorreu em período de guerra (39-45).

A rádio já era já habitual, aos domingos e quintas havia jornais e revistas à disposição bem como a biblioteca aberta para quem quisesse ler outros livros além dos manuais.

Como os superiores viam que era um tanto alérgico aos livros davam-me sempre os trabalhos mais «time consuming»: chefe dos trabalhos, arranjo da capela, ensaios de cerimónias «et his similia...!»

Parecerá estranho mas além dos manuais, nunca li um livro, revista ou jornal durante os anos do grande Escolasticado...!

Eis porque o conhecimento dos nossos fundadores bem como o de que não pertencia ao currículo escolar, durante o tempo da formação foi muito restrito, meramente ocasional; nos anos imediatamente a seguir ao Escolasticado tudo continuou na mesma devido ao muito trabalho e pouca literatura existente nas bibliotecas desse tempo.

Mas então como se celebrava este dia entre os anos (36-40)?

Havia a bênção das velas, a missa da Apresentação no Templo e Purificação de Nossa Senhora com os paramentos dourados herança do antigo Colégio do Espírito Santo, fusão recreativa entre todos os grupos das diferentes obras da casa: os menores, médios, grandes, irmãos, noviços vindos do Espadanido e professores.

Almoço de festa com vinho fino e café.

De tarde, havia a tradicional conferência.

Os oradores apresentavam a faceta de Libermann que mais os sensibilizara ou lhes parecia mais conveniente para a nossa formação, vindo sempre infalivelmente ao seu testamento espiritual e morte durante o canto do Magnificat.

O retrato que concebi de Libermann a partir dessas conferências e que em mim perdurou durante todo o tempo de seminário era «mutatis mutandis» o seguinte:

Judeu destinado a ser rabino.

Convertido ao catolicismo por influência de um irmão.

Amaldiçoado pelo pai.

Entrado no seminário frequentava os grupos de piedade.

Os espíritos fortes dos grupos das humanidades olhavam-no com antipatia.

Epiléptico, sem esperanças de ascender ao sacerdócio, continuando no seminário por favor e piedade dos superiores.

Adere a um projecto de fundador.

Vai a Roma sem qualquer recomendação.

Simples acólito, andrajoso...!

Nada lhe concedem antes de ser ordenado Padre.
Procura um bispo que o ordena.
Funda com 2 crioulos a Sociedade do «Très Saint Coeur de Marie» por inspiração de M Desgenettes prior de Notre Dames des Victoires, mas «la terre nous manque» escreverá ele ao mesmo M Desgenettes, pois existia outra sociedade com a mesma finalidade, a Congregação do Espírito Santo, a única que tinha o direito de evangelizar as colónias francesas.
Então, depois de várias tentativas cessa a sua Sociedade e todos os seus entram na legalizada Congregação do Espírito Santo...!
A entrada em África soma fracassos seguidos.
Morre esgotado e desgostoso...!
Um santo pelo sofrimento...!

O retrato que tinha de Libermann, como é visível era francamente negativo.
O seu aniversário, não obstante ser dia de festa dava-me uma impressão de tristeza como se se tratasse da comemoração de um Fiel Defunto: morte dolorosa, testamento espiritual carregado das dores da agonia.

À conferência seguia-se a parte recreativa.
O coral desse tempo era maravilhoso, executando a 4 vozes as célebres rapsódias que ainda hoje existem mas sepultadas nos papéis. Foram criadas no meu tempo de Godim pelo director, o Rev. P Mário Silva.
Eram número habitual nas sessões, executadas com grande mestria.
Havia recitação de poesias, de monólogos fabricados «ad hoc», pequenas encenações e uma peça de teatro clássica como Frei Luís de Sousa, Auto da Alma, Barca do Inferno de Gil Vicente, peças de alto calibre literário.

Havia encenações vivas, vou reproduzir uma em que fui protagonista, por isso me lembro bem.

A chegada de Bessieux ao Noviciado de La Neuville.
Eu representava Bessieux.

Só para lembrar, Bessieux viria a ser o mais importante de todos os missionários enviados por Libermann à Africa, o Cavouqueiro das missões espiritanas em Africa, enquanto ao seu lado todos morriam ele o homem de ferro resistia a tudo e a todos.

O Noviciado de La Neuville em Setembro de 1841 era constituída por 12 membros.

Libermann, Superior e Mestre dos Noviços;

Vavasseur, submestre.

Noviços:

Collin;

François Bouchet;

Jean Louis Roussel;

Audebert;

Leopold de Regnier;

Charles Blampin;

Dosithée Contoz;

Saint Albin;

Jean Boisdron é um criado que se intitulava a si mesmo de Frère e o povo do exterior o apelidava de Triste (queria dizer pobre de espírito).

Bessieux era já de 40 anos, tendo antes sido professor e pároco de uma rica paróquia na cidade de Montpellier.

No palco, simulando a sala de estudos estava a comunidade reunida à volta de uma mesa escrevendo, servindo-se todos do mesmo tinteiro, o Superior inclusive.

Ouve-se fora do palco um barulho de charrete da qual se apeia um clérigo trajando batina preta e gola branca, conforme o costume eclesiástico daquele tempo; bate à porta, abre-se, entra na sala onde estavam todos reunidos à volta da mesa.

Cumprimenta o Superior, saúda a todos que se levantam também para o saudar.

O recém-chegado depois da saudação entrega as coisas que trazia ao Superior e diz: trago também algum dinheiro.

Oh! vem mesmo a propósito meu amigo, diz o Superior, pois até esta hora não tínhamos absolutamente nada com que comprar o necessário para a refeição.

Frère Triste, vai depressa, toma este dinheiro para o pão e a carne compra o necessário para uma refeição festiva, toma ainda este para os pobres.

Bessieux sai do palco, vai conhecer o quarto e os lugares da casa como capela e outros lugares comuns, guiado por Vavasseur.

Todos se sentam de novo e continuam a escrever à volta da mesa, Libermann inclusive.

Quando tal, fora do palco, ouve-se um pato a bater fortemente as asas e crocitar enquanto se ouvem estas palavras: eu seguro o bicho, arranca a pena, não tenhas dó, anda...!

Vavasseur estava a ensinar a Bessieux onde ficava o depósito das canetas, era nas asas do pato!

Logo de seguida entra Bessieux na sala, senta-se à mesa

no lugar que já lhe estava preparado e vai molhar também a sua caneta tirada da asa do pato no tinteiro comum, tal como via os outros fazerem.

Não acontece que por falta de hábito e um certo nervosismo natural a quem enfrenta pela primeira vez uma situação desusada, entorna o tinteiro todo e logo por cima do Superior...!

Arrepende-se de ter mandado a charrete embora, pensa que vai ser imediatamente despedido...!

Libermann levanta-se, em vez de o repreender, sorri, acalma-o e diz: não se aflija Mr. Bessieux, é melhor ficarmos sem a tinta do tinteiro que sem jantar; vamos para o refeitório já está a refeição preparada com o dinheiro que trouxe para a comunidade, festejemos com toda a alegria a vinda do nosso novo confrade que a Divina Providência nos enviou na hora certa, aliás hoje teria sido dia de jejum para todos. E desce o pano...!

Saltemos agora 15 anos para a frente (1951).

Tinham decorrido apenas 7 anos após a consagração ao Apostolado, fui encarregado da formação dos Irmãos. Achei oportuno fazer a recolecção embora o habitual fosse após 10 anos de apostolado.

A recolecção nessa data não era anual nem sabática, apenas 3 meses em França e bem activa, para bem nos reciclarmos sobre a Congregação. Dediquei os 3 meses por inteiro à reciclagem da história da Congregação; Notes et Documents vinham a ser publicados, acabava de sair o 11 Volume.

Olhei então Libermann não segundo os esquemas magros que possuía mas em todas as direcções que os Notes et Doccuments descrevem; medi-o de alto a baixo em todos os quadrantes; saí dessa análise com o seu perfil totalmente alterado, não mais a fisionomia de um vencido da vida mas do homem forte que deita muros abaixo só com a sua perseverança diante deles.

O retrato que até então eu tinha de Libermann era uma caricatura, um conhecimento feito de retalhos mal ajustados, «patches» dizem os Ingleses, um conhecimento muito lacunar. Perante a extensão dos documentos concebi o seu perfil espiritual e humano não apenas na direcção do sofrimento e passivismo espirituais mas o homem que associa perfeitamente em si as duas dimensões!

«Defuntus adhuc loquitur», agora Libermann ressuscitou, nasceu para mim como o homem de santidade bifacetada: passiva e activa, o que só nos grandes santos se encontra, como explica Francisco de Sales à sua filoteia.

Libermann não suprimiu a sua pobre em recursos fi-

nanceiros pela rica em meios materiais Congregação do Espírito Santo, levou consigo o espírito eclesial que transformou o Chauvinismo na universalidade da Igreja.

O actual Reitor da Universidade Lusófona que P Santos Neves bem conhece e há dias me ofereceu um dos seus livros, foi o primeiro a chamar-me a atenção para a vastidão e profundidade dos conhecimentos psicológicos de Libermann. Ele escolheu para tese de doutoramento em Psicologia: Libermann eminente Psicólogo do Século XVIII. Ofereceu-me um exemplar!

Classifica Libermann por um termo da sua autoria que eu ouso plagiar para definir Libermann. O termo quer dizer o homem que conhece não apenas a generalidade mas as vias espirituais da alma humana, só há almas singulares.

Esse termo ajusta-se também ao retrato que faço de Libermann: o homem «omnitotidimensional».

Já lá vão 55 anos após ter reposto a verdadeira imagem do Venerável Padre.

Pelo facto mesmo, também Poullart des Places mas no meu conceito não obstante a simpatia que tenho pelo nosso Primeiro Fundador, comparo-o a um menino perante o adulto, maduro, omnitotidimensional Libermann.

Les Doccuments não nos oferecem somente o perfil de Libermann mas também da sua Obra, este é também o processo para bem conhecer alguém, pois pelos frutos se conhece a árvore.

As diversas biografias por mais abrangentes que o queiram ser são sempre lacunares.

Há boas biografias, tratados e cartas espirituais que dele se vão publicando.

Em Inglês: The Spiritans, publicada nos USA.

Em Francês: Le V P F M Libermann de Maurice Briault.

Em Português Os Caminhos do Espírito de Agostinho Tavares.

Libermann de Amadeu Martins.

O meu conselho aos mais novos é que analisem primeiro, sintetizem depois.

Quando fui aqui professor, podem atestar alguns dos presentes, fui-o durante 18 anos e meio, em diferentes matérias, tinha muito o costume das sínteses: as gramáticas Portuguesa, Inglesa, Latina em uma folha: os métodos de música e harmónio em 2 escalas...!

Os alunos não se entusiasmavam com essas sínteses.

Aprendi pela experiência que o espírito humano é essencialmente analítico, impor-lhe sínteses é como quem o obriga a acreditar em um dogma invisível.

Quando em Africa tive de leccionar a História da Filosofia durante 12 anos e pude analisar o pensamento de todos os filósofos que figuram nos livros de história, concluí que até então não sabia o que era a filosofia, tinha sínteses mas erradas porque lhes faltara a análise.

Hoje estamos muito mais documentados que outrora: além dos 13 volumes de Notes et Doccuments com seus suplementos, a monumental obra de Seixas.

Sobre a província temos a História da Província de Torres Neiva, obra que todo o habitante da Província devia conhecer. Tenho porém vindo a pedir que os Doccuments, e faço o mesmo para a História da Província, se ponham em CD porque deste modo o acesso se torna individual, de muito melhor acesso que morder o pó das bibliotecas onde esses documentos amarelecidos pelo tempo e ruídos pela traça se encontram.

Os nossos Universitários de hoje podem tomar como tema das suas teses, aspectos de Libermann ou sua obra como fez o Frederic Rossignol...!

Os muitos países onde hoje está a Congregação são a prova de que Libermann continua vivo e a operar.

A Província Portuguesa é uma jóia preciosa na sua coroa.

Pensei em vez de me referir a Libermann evocar o fundador da Província Portuguesa, o que não desagradaria a Libermann pois «quem meu filho beija minha boca adoça».

José Gebbard Eigenmann oriundo de um país ainda mais pequeno que o nosso, a Suíça, mas de grande espírito realizador, foi o verdadeiro fundador da Província, segundo ouvi muitas vezes da boca do confrade desse tempo o P. Fonsequinha e é confirmado por Torres Neiva. Deu à Província uma estrutura ideal que se fosse imitada em todas as demais Províncias e não posta de parte na nossa: a dupla dimensão colégio/seminário, talvez hoje não tivéssemos crise vocacional.

Poderia também tomar para tema a evocação de Duparquet, esse bandeirante que fez o reconhecimento de toda a Africa e foi o primeiro a salientar a importância de Portugal para a obra de Libermann.

Antunes, não só o fundador da Huila mas a bem dizer das missões de Angola.

D. Moisés Alves de Pinho, restaurador da Província e

Missões de Angola.

Como me cingi à recordação da celebração de Libermann no passado, ficam estoutros temas para os anos seguintes...!

Vou terminar reproduzindo outro número celebrativo, um quadro vivo da morte de Libermann, não posso precisar a data mas devia ser mais tarde que o período 36-40 supra indicado, talvez nos anos em que foi director o P. Antunes, nesse tempo estavam muito em voga os quadros vivos.

No palco estava Libermann reclinado no leito segundo o croqui de Msgr De Ségur.
Vavasseur e Schwindenhamer a lutar cada um empurrando para o outro a sucessão.

Aparece um anjo todo revestido de luz que diz: tu Inácio és o sucessor...!

Fervor, pronuncia o moribundo: aparece outro anjo com um turíbulo com brasas vivas, o fumo e odor do incenso a perfumar o ambiente.

Sacrifício: aparece outro anjo com um crucifixo.

Caridade: um anjo feminino com o mapa da Guiné na mão.

Sacrificai-vos por Jesus, com Jesus, só por Jesus.

À cabeça do moribundo aparecem Jesus, Maria mostrando o Coração e S José mostrando o lírio.

Ouve-se um tanto ao longe o canto do Magnificat, como se viesse da capela.

Desce do tecto uma figura de pomba, o Espírito Santo.

Quando se ouviram as palavras «et exaltavit humiles», Jesus estende os braços para o receber. Expirou.

Vavasseur aproxima-se para o beijar e lhe fechar os olhos.

Ao debruçar-se sobre ele a cama desequilibra-se e o morto em vez de cair morto desamparado no chão, preferiu saltar do leito cheio de vida...!

Como ninguém contava com esta, tal não contava do programa.

O ponto que estava entre os bastidores, movido por uma inspiração súbita, manda cair o pano, vai à ribalta e grita: ressuscitou, ressuscitou, alleluia, alleluia, palmas, muitas palmas...!

E a cena tão emocionante da morte terminou em hilaridade geral!

Tenho dito.

# *Os Caboverdianos em Lisboa*[1]

*Já vai longe o momento em que os caboverdianos em multidão impressionante nos pediam reuniões de apostolado e de convívio, festas religiosas e de confraternização e nós, só com duas mãos, dois pés e um coração, não tínhamos possibilidades - humanas e espirituais - para a todos atendermos. Graças a Deus, dissemos e repetimos, sentimo-nos felizes e espiritualmente recompensados a cem por um.*

*Quando nos consultam, informamos como sentimos e vivemos os problemas. Só nos corta o coração ver muitos dos que partem a esventrarem-se numa confusão alfandegária indescritível, sobretudo quando se pretende saber o que levam ou não levam. Palavras depreciativas vai havendo, aqui e além. Tudo o resto é secundário para eles. Estes, na sua qualidade de africanos, são pacatos e ordeiros.*

*Os medicamentos e as consultas são gratuitos para os pobres e para os parentes dos beneficiários das Caixas de Previdência que trabalhem na Metrópole.*

*Muito se tem feito por eles: o estado, as associações católicas e religiosas, as paróquias, pessoas individuais e, mesmo, famílias.*

Em Outubro de 1970 bateram-nos à porta dois caboverdianos da ilha de Santiago de tal modo tímidos e envergonhados que, certamente, só a carta de recomendação do seu pároco-missionário lhes deu força e ânimo para nos abordarem.

[1] *Em homenagem a todos os Espiritanos que ao longo dos anos trabalharam com os Africanos na zona de Lisboa, re-editamos este artigo que o P. José Vaz, hoje a viver no Fundão, escreveu para o Jornal Época, de 30 de Julho de 1972, quando iniciou a assistência aos imigrantes caboverdianos em Lisboa.*

Esgotados todos os recursos locais, dizia a carta, prepara-te para receberes centenas, milhares de caboverdianos que formam bicha na Agência da TAP, na Delegação da Sociedade Geral, madrugando e acotovelando-se para conseguirem marcação de viagem, rumo à metrópole.

Pela conversa, que logo então entabulámos, ficámos a saber que a estiagem, velha de dois anos, esgotara a maior parte das reservas alimentares e económicas. Reinava, por isso, a desolação na paisagem e nos espíritos daquela gente habituada à vida dura, fadada, treinada e naturalmente predisposta para calcurriar os caminhos do mundo... Não, propriamente, pelo espírito de aventura, pois todo o êxodo é um «parto» doloroso. Pelo desejo compreensível de conhecerem horizontes mais vastos? É possível. Mas, sobretudo, para fugirem ao que se poderá chamar a sua triste sina: a falta de chuvas que ciclicamente os atormenta.

É por isso que não deve haver recanto terráqueo onde se não encontrem. Em maior ou menor número conforme o clima, as facilidades de entrada e permanência, a amabilidade dos naturais, os proventos que possam auferir.

Dos aviões e dos barcos saíam diariamente caras africanas. E se mais não vinham era por que não havia transportes em número suficiente e o mar era largo de mais para ser transposto em frágeis embarcações caseiras.

Eis que em Agosto de 1971 caíram em Cabo Verde os primeiros pingos de chuva, para em Setembro se transformarem em caudal. Com grandes sacrifícios - horas intermináveis de trabalho e penosa aquisição de sementes - se retomou a vida agrícola. E foi uma bênção de Deus: tudo nasceu; tudo cresceu; tudo verdejou; mas tudo, quase tudo, ficou nos caules, nas espigas meias-formadas. E tudo, quase tudo, caiu de pé. Por falta de nova chuva em Outubro que tudo criasse e sazonasse.

Era o quarto ano de seca. Pior que os anteriores; porque a penúria era velha de três anos; porque, desta vez, até a semente se perdera. Aumentaram as bichas. Engrossaram as listas dos pressurosos em deixarem a terra natal à procura de algum pão para si e para os seus.

Em rápida pincelada, aqui têm os leitores uma das explicações - a mais válida, pensamos, - para a tonalidade policroma que as nossas praças e ruas começaram a ter, sobretudo de há dois anos a esta parte.

Interessante - necessário e até indispensável - seria sabermos quem são, donde vêm, já que conhecemos as razões fundamentais por que vieram. É possível que, um dia, nos debrucemos sobre essas interrogativas. Dado, porém, que de

vários lados nos solicitam informações concretas, resolvemos escrever estas páginas.

Falaremos quase só dos ***badios*** - habitantes da ilha de Santiago - porque têm sido com esses os nossos mais numerosos contactos. E, dentro destes, quase só com os chegados nos últimos dois anos em demanda de trabalho. Todos os outros - doutras ilhas; estudantes; já aqui radicados anteriormente - ficarão fora da nossa análise que, por seu lado, não pretende ser exaustiva, nem ***dogmática***, até por que não conhecemos Cabo Verde, as suas gentes, os seus usos e costumes. Daí estas nossas linhas deverem ser tidas como notas a lápis no sentido de virem a ser aferidas *in loco* e definitivamente assentes em estudo mais profundo, mais concreto e local, se para tanto tivermos vida e arte...

## I — INÍCIO DESTE NOSSO APOSTOLADO

Logo no primeiro ano de seca, alguns missionários espiritanos de Santiago começaram a preparar as suas gentes para uma próxima migração, fundamentalmente rumo à Metrópole.

Um pouco por toda a parte se abriram mais escolas; os quadros da Acção Católica foram melhorados e reforçados; a Legião de Maria abalançou-se em profundo trabalho de expansão. Os temas de estudo pastoral incidiram sobre a problemática migratória. Fundamentalmente pretendeu-se prepará-los, tanto quanto possível, para o novo habitat metropolitano: como proceder no trabalho; no convívio entre eles; nas suas relações humanas e sociais com os colegas metropolitanos; sua posição de homens, de cristãos e de caboverdianos. Quer dizer: que ao deixarem a terra natal saíssem homens, cristãos, caboverdianos exemplares; que, ao regressarem, voltassem, se possível, mais homens, mais cristãos, mais caboverdianos.

Atendendo a que durante anos trabalhámos como missionários em terras de Cabinda, Angola, lembraram-se os nossos confrades espiritanos de Santiago de nos convidarem para «seus representantes», verdadeiro traço de união entre os que chegavam e os seus familiares distantes e saudosos; entre as ovelhas dispersas por estas paragens e os seus antigos pastores espirituais. Sabendo, de antemão, a grandiosidade e o espinhoso da tarefa, declinámos habilmente o convite no seu tom oficial, ou oficioso, concordando, no entanto, em «fazermos o que pudéssemos» - de forma particular, sem pompas, sem títulos - pelos migrantes caboverdianos.

Como não apareceram voluntários para esta tarefa - a vida está cheia destes senões - «pegaram-nos na palavra» e foram mandando, mandando, às unidades, às meias dúzias, às dúzias,

às centenas, aos milhares... E assim passaram já pela minha mão de sacerdote e missionário cerca de cinco mil. Sem mandato oficial ou oficioso, por que o recusámos. Como carolas, passe a expressão; carolas cristãos. Quase sempre acontece que a carolice é mais operante ...

## II — ACTIVIDADE RELIGIOSA

Gente de fé. De crenças religiosas arraigadas. De prática religiosa e sacramental digna de realce. Transportados, quase repentinamente, para novo ambiente social não totalmente religioso - geralmente preferem trabalhar na construção civil, como adiante veremos - é grande o traumatismo sofrido face a baptizados sem prática religiosa e, por vezes até, hostis à Igreja, suas instituições e pessoas.

Desde o exemplo negativo de baptizados, passando pelas insinuações camufladas, indo até à mentalização laicizante e demolidora da fé nos novos companheiros de trabalho, muitos operários metropolitanos foram e continuam a ser não só elementos negativos sobre o aspecto religioso e cristão, mas até satanicamente iconoclastas do fundo essencialmente religioso e cristão daquelas gentes. Não admira, por isso, que sobretudo a juventude esteja a arrefecer no amor a Deus, a distanciar-se da Igreja, a não aparecer nos actos de culto e nas reuniões de apostolado. Temos de concordar que o meio ambiente é densamente indiferente e até hostil a tais afervoramentos e à permanência no antigo viver cristão.

Conhecemos muitos casos concretos de diálogos-provocações em matéria religiosa e espiritual onde aqueles que «pensavam ir buscar lã, ficaram tosquiados» a ponto de alguns encarregados das obras se verem obrigados a sentenciar: «Não quero aqui essas discussões, mas foi-vos muito bem feito... Provocastes esses caboverdianos e eles calaram-vos a boca».

Graças a Deus, o reverso da medalha é belo e resplandecente: muitos operários metropolitanos - este termo não é segregatório mas apenas usado por eles para melhor e mais facilmente se expressarem - têm sido verdadeiramente irmãos destes caboverdianos, ajudando-os com o seu conselho, o seu exemplo, a sua amizade a ambientar-se profissional, social e religiosamente. Também e sobretudo os organismos católicos, as paróquias e até famílias se têm abeirado destes nossos irmãos no desejo sincero, sacrificado e apostólico de os ajudarem a ambientar-se e a singrar na vida, sem perderem de vista a sua prática religiosa. Muito se tem conseguido apenas pela simples boa vontade de uns quantos, dado que cada qual vai agindo como pode em lamentável mas real estado de acefalia, por ter

faltado até agora um elemento eclesial directivo e aglutinante - embora não asfixiante - de tantos esforços dispersos.

Talvez por saberem que há mais de dois anos andamos nestas tarefas e por lhes constar que já demos a mão a milhares de migrantes, vários desses grupos nos têm chamado para uma troca de impressões. Verdade seja que quase sempre se processa uma nova e mais esclarecida arrancada para a sua assistência espiritual.

Já vai longe o momento em que os caboverdianos em multidão impressionante nos pediam reuniões de apostolado e de convívio, festas religiosas e de confraternização e nós, só com duas mãos, dois pés e um coração, não tínhamos possibilidades - humanas e espirituais - para a todos atendermos.

Aqui e além sugerimos reuniões; propusemos convívios; pensámos grupos corais dominicais; indicámos caboverdianos aptos e desejosos de colaborar nos actos de culto e no ensino da catequese. A receptividade da cristandade lisboeta foi de tal modo que nós - inicialmente sem possibilidades de a todos atendermos, com um salão de festas, onde temos 400 cadeiras, mas que mensalmente ficava autenticamente a transbordar até à rua - vemos hoje, graças a Deus, à nossa volta um número decrescente de caboverdianos a exigir-nos os meios necessários para permanecerem cristãos e, se possível, consolidarem a sua antiga fé.

Graças a Deus, dissemos e repetimos. É que entrámos neste apostolado com verdadeiro espírito missionário e como se de tarefa de missão se tratasse: como não havia quase ninguém, começámos. Desbravámos. E ... entregámos. Inserimos - ajudámos a inserir - esse apostolado no seu âmbito normal: a paróquia. Sentimo-nos apostolicamente satisfeitos por termos menos gente junto de nós e mais em volta da paróquia. Mesmo assim, ainda temos gente e necessidades espirituais que excedem, de longe, as nossas possibilidades e forças.

Estamos em crer que nunca acabaremos totalmente esta tarefa enquanto houver tantos caboverdianos por cá. É que grande número são oriundos das missões-paróquias dirigidas por espiritanos. A nós vêm dirigidos inicialmente. E os primeiros amores são sempre os mais fortes. Depois por que, toponimicamente, estamos bem situados: junto à Estrela e ao jardim, pontos obrigatórios de encontro dominical para todos quantos vivem em Lisboa e num raio de 10 a 20 quilómetros em redor.

Mensalmente reunimo-nos à volta do altar em celebração litúrgica devota e activamente participada; seguidamente passamos um filme rodado pelos seus missionários, tendo por motivo as suas terras, as suas famílias e as festas que lá deixaram. O inverso também se dá: as suas ocupações diárias são aqui filmadas e projectadas nos salões paroquiais de Cabo

Verde, numa amálgama benéfica e tonificante de risos e lágrimas saudosas. À falta de filmes, um conjunto musical ad hoc, composto por caboverdianos, sobe ao palco, dedilha os instrumentos musicais em toada dolente de mornas e coladeiras e toda a nossa gente canta e ri, chora e sente «saudade de nha terra distante».

Há dois anos que não temos um domingo «pessoal». Passada a manhã na igreja, começamos às onze horas a receber dezenas e dezenas de caboverdianos - raro é o domingo que não recebemos duzentos e mais - e só damos a «sessão» por encerrada quando não houver mais «consulentes». Há os que vêm apenas para cumprimentar; os que querem contar a sua vida e desabafar; pedir um conselho, uma orientação religiosa ou profissional; a indicação de uma atitude frente a uma disputa religiosa com os seus companheiros de trabalho; também os que se querem confessar; até os que desejam casar, aqui ou na terra natal; os que nos vêm pedir uma carta para mandarem à esposa como prova de que continuam a ser bons cristãos e chefes de família exemplares; um ou outro a pedir a nossa intervenção epistolar para darmos bons conselhos - à distância - à esposa e aos filhos para se não esquecerem de Deus, do marido e do pai que, cá longe, vai trabalhando e abafando de saudades.

Ao longo da semana, apesar de termos recomendado que nos devem procurar essencialmente ao domingo - a não ser que se trate de casos urgentes - também vão aparecendo, o que dá em resultado partirem-nos e repartirem-nos o dia de trabalho e até as horas de descanso.

Com boa dose de disponibilidade - a burocracia e o «espírito de funcionalismo» marcariam horários rígidos e deles não sairiam - lá vamos atendendo a todos, sempre que precisam, apenas com um fito: eles que vieram com fé, que partam com fé. Conhecemos já uma vasta rede de locais onde todos eles poderão frequentar as reuniões de apostolado, onde se poderão integrar paroquialmente. Se alguns as não frequentam é apenas por impossibilidade de horário, por cansaço físico ou tibieza espiritual.

Só Deus sabe a extensão da nossa actividade apostólica e isso é, na verdade, o essencial. Mas ante a sua receptividade e agradecimento, sentimo-nos felizes e espiritualmente recompensados a cem por um. É bem verdade que o Senhor da Messe nunca se deixa vencer em generosidade.

## III - ACTIVIDADE SOCIAL

Os caboverdianos chegam a cada momento. Sem se fazerem anunciar. Logo que conseguem lugar. De avião ou de

barco. A sua preocupação dominante é arranjar dinheiro para a passagem. De qualquer modo honesto que lhes seja possível: emprestado, afiançado, a juro - qualquer juro - um pouco daqui, outro dali. O que importa é chegar a Lisboa. Mesmo que - como muitas vezes acontece - no bolso haja apenas umas sobras que se resumem a 50$00 ou 100$00. Para trás ficou uma dívida de dois a cinco mil escudos, o que não é difícil de se atingir, sobretudo em casos de juros a 100% ao semestre, como é costume em muitos povos africanos.

Há quem estranhe que não venham de lá com contrato de trabalho!... Se os patrões os encontram aqui, a cada esquina, a pedir serviço, não se vão comprometer com pessoas que não conhecem.

Certo dia recebemos uma carta, vinda de Cabo Verde, em como alguém se comprometia a custear as despesas de viagem de um seu protegido se arranjássemos por cá um patrão que lhe passasse contrato de trabalho. Nem tentámos satisfazer o quesito e, ousadamente, fizemos uma contraproposta: arranjar ele o contrato de trabalho, que nós, pobres como Job, pagaríamos a viagem...

Algumas paróquias de Santiago conseguiram criar uma espécie de cooperativa económica, com subscrições públicas, com peditórios junto das autoridades e de entidades particulares. Reunido um certo fundo monetário envia, semanal ou mensalmente, alguns paroquianos que, depois, pagarão um juro legal.

Eis que os nossos homens chegam. Completamente desorientados. Batem-nos à porta. Vestimo-los de graça com roupa da Caritas, que algumas paróquias e pessoas particulares vão custeando. Parecendo que não, sempre são cem escudos que não gastam na Feira da Ladra vestindo-se de soldados, eles que, na sua maioria, nunca o foram.

Arranjamos-lhes local de trabalho. Se não tiverem 300$00 no bolso, teremos nós de perfazer tal quantia. Ao passarem por uma loja comprarão um cobertor, uma panela e ... uma batata para meter dentro dela. Dinheiro para isso? Há sempre almas generosas que aparecem e eles não tardam a saldar o empréstimo. Sem juros.

Para chegarem ao local de trabalho talvez seja preciso metê-los no transporte colectivo mais próximo, ou ir para a rua «caçar» um taxi, dar a direcção ao motorista e o recado para ir pelo caminho mais curto... De qualquer modo lá chegam. Em meio desconhecido, sem ritmo do trabalho actual, não muito anafados, com pouca roupa, lá começam a trabalhar. Com vontade. Eles bem sabem que o lugar não é estável e podem ficar alguns dias sem trabalho, o que nos primeiros tempos os ater-

roriza, dado que a mulher e os numerosos filhos ficaram por lá à espera do seu auxílio.

Patrão que tenha camarata - com telha, com zinco, com clarabóias naturais por onde se divise meio céu - tem caboverdianos assegurados. Poderá ser uma vergonha, poderá ser desumano, mesmo ilegal tal cómodo, bastante incómodo por vezes, mas o essencial - para eles - é não pagarem quarto ou camarata em pensão, cozinharem no próprio local de trabalho. Só assim conseguem amealhar algum dinheiro.

No domingo seguinte lá vêm eles dar-nos as suas primeiras impressões. Mais conformados já, mas com a mesma saudade - são saudosos até mais não - que tentam «matar» na cavaqueira dominical no Camões ou no jardim da Estrela.

Findo o primeiro mês já se querem «vestir por medida», apresentar festivamente nesses locais de cavaqueio. Não resistimos à tentação de contar o que vimos, certa manhã domingueira, aos portões do jardim da Estrela: um certo Pedro, palavroso e expansivo, mas bom rapaz, dizia a carta de recomendação e era verdade - chegara na sexta-feira à tarde. Trabalhara meio dia no sábado. Nada recebera. Finda a semana seguinte receberia tudo junto. Mal vestido, mal calçado, com poucos escudos no bolso - que até eram nossos e equivaliam às sobras da compra do cobertor e da panela - põe o pé na caixa do engraixador e fala, gesticulando como gente importante, rodeado por numeroso grupo, que o ouve embevecido! Só corou quando deu com os olhos em nós que, apesar de nada lhe termos dito, o comprometemos com a nossa presença ... Não vêm para aqui as restantes conclusões de ordem psicológico-social, nem a longa história que ele irá contar, ufano, quando voltar à sua terra, com a sua verborreia talvez aumentada. Pelo que ouvimos contar nas aldeias sertanejas de Cabinda, fazemos já uma ideia ...

Em constantes migrações de trabalho - eles que já são migrantes nesta terra - muitos deles escrevem e recebem cartas com a nossa direcção. Depois, pelos cantos das salas, enquanto esperam a vez de nos falar, vão lendo as notícias, vão escrevendo para a família, a maior parte das vezes calados, concentrados, com os olhos humedecidos.

Quando pomos o gravador à sua disposição, e cassetes distintas para cada paróquia, é um desbobinar de recordações de cá para lá, de saudações, de soluços, que tonificam a alma e o coração. Impressionante aquele início de celebração litúrgica no passado dia de Natal: o gravador em cima do altar; o carregar do botão; a voz dos párocos a darem-lhes as Boas Festas. Até aí algum nervosismo, algumas lágrimas mas vão indo. Quando, finda a missa, o mesmo gravador continuou a des-

bobinar a cassete e apareceu a voz da esposa e dos filhos - também eles a dizerem duas palavras; a pararem para chorar e tomar fôlego; depois mais duas palavras e outros cortes de voz na garganta - foi um carpir por toda a sala, repleta quase só de homens duros, calejados e austeros, mas de coração frágil e a rebentar de saudades. Não houve outro remédio senão interromper a transmissão das mensagens e reservar o resto para o domingo seguinte. Mesmo assim, ainda foi preciso dar umas palmadinhas nas costas de alguns para os alentar.

Se alguns ficam sem serviço é preciso arranjar-lhes outro e abonar-lhes dinheiro, caso precisem, para os dias mais próximos. Se têm dinheiro e o querem mandar para a família, recebemo-lo e enviamo-lo para os missionários que, por sua vez, o irão distribuir pelas várias aldeias. Se já têm algum pecúlio é preciso guardar-lho em lugar seguro, pois nas camaratas não têm cofre e em toda a parte há - ou pode haver - amigos do alheio. Se precisam de algum documento oficial é preciso fazê-lo e enviá-lo ao destino, passando pelo notário, se for caso disso. Se ainda não recebem abono de família anotaremos os casos ao domingo e, pela semana fora, iremos à Caixa expor, a situação. Se precisam de alguma coisa - e tantas coisas precisa quem está fora da sua terra natal e longe dos seus - batem-nos à porta, especialmente aos domingos; depois, ao longo da semana, procuramos dar andamento aos seus mais variados problemas.

Porquê ao domingo? Porque não hão-de ir eles próprios tratar dos seus casos? Porque não procuram os seus parentes já aqui radicados há mais tempo? Apesar de sempre termos sido contrários aos paternalismos desnecessários e paralisantes da própria personalidade, não vemos - para a maioria dos casos - outra solução satisfatória: para o fazerem ficarão sem um dia de trabalho - na prática serão dois dias de salário perdido, devido ao prémio de assiduidade - e eles estão verdadeiramente depauperados economicamente. Se lhes virmos na mão uma nota de mil escudos, pensemos no suor que ela representa e nos inúmeros «buracos» que ela tem de tapar.

Depois, pessoalmente nem sempre conseguem explicar-se de forma a transmitirem a totalidade do seu problema. Pior ainda: a explicação recebida não será plenamente captada e muito menos concretizada, sobretudo quando se trate de documentos sujeitos a formulário. Quanto ao auxílio e protecção recíprocos, bem podem ser apontados como modelos - ou não fossem eles. africanos e tivessem no sangue a prática da solidariedade - mas casos conhecemos nós de quatro e cinco irmãos a trabalharem na Metrópole e cada qual em seu patrão, contra a sua vontade evidentemente.

No caso concreto das Caixas de Previdência: somos testemunhas oculares do bom acolhimento que lhes é dispensado. Mas não chega. E que os funcionários não conseguem entender todas as suas explicações, dada a dificuldade da expressão linguística e a inexactidão de nomes, datas dos familiares e dos locais de trabalho. De posse da resposta não conseguem, por si próprios, concretizar toda a documentação necessária. Valha a verdade que nem sempre é fácil ... Além disso, temos a considerar o pormenor, já referido, dos dois dias de salário perdido, o que é pernicioso para qualquer operário, mas é excessivamente penoso para os caboverdianos.

Neste momento estamos a diligenciar, junto de quem de direito, uma solução de emergência e nada burocrática, dado que há muitos com a sua situação por resolver. Sabemos que somos «ousados», mas o nosso desejo de os ajudar dá-nos coragem e vai conseguir «milagres». Além disso, temos de nos convencer que os seus problemas gerais e os específicos das Caixas são graves e muito extensos. É por isso que para grandes males propomos grandes remédios.

Há um que adoece; é preciso interná-lo. Outro que não melhora; vamos metê-lo no barco ou no avião. E outro que morre; enterra-se; religiosamente; de graça.

Há meses morreu em Cascais, caído de um andaime, o Firmo. Bom homem. Óptimo cristão. Lá fomos. Com todos os caboverdianos que trabalhavam na firma. Num total de cinquenta. Com os patrões, os encarregados de serviço, alguns metropolitanos, companheiros de trabalho. Tudo correu em espírito litúrgico, em recolhimento, em oração colectiva. O primeiro a destoar fomos nós: quisemos dizer duas palavras e estas não saíram. Depois todos quisemos continuar a rezar e não conseguimos. Quando o corpo ia a descer para a cova foi um carpir dolente, cantante, sentido, espiritual. Que pouco tem do carpir ruidoso de outros africanos. Que difere do «adeus» dos parentes das aldeias metropolitanas. Cada qual para seu canto, de cócoras, em polifonia dolente e orante. Um pouco distantes - o espírito é forte, mas o coração é fraco - assistimos então ao quadro belo e enternecedor desses patrões, encarregados e trabalhadores europeus, a levantarem esses chorosos-orantes, a dizerem-lhes duas palavras de estímulo, a trazerem-nos para a porta do cemitério, a irem buscar outro e outros. Viemos de lá arrasados dos nervos, mas com a alma a transbordar de felicidade autenticamente cristã.

Indiquemos agora alguns casos concretos:

**1 - O agregado familiar:**

Por mais estranho que pareça, somos contra a vinda do agregado familiar, entendendo por ele o pai, a mãe e os filhos, que, normalmente, muitos são. É que não é com cem escudos diários que uma família pode viver em Lisboa, ou nos arredores.

Pelo que nos consta, a vida em Cabo Verde ainda não é cara; junto de qualquer parente podem deixar ficar os filhos mais novos, mandando daqui uma pequena mesada. Quando, mesmo assim, insistem em trazer a família, tudo fazemos para que mandem vir apenas os que possam trabalhar. Também o estudo por lá fica económico. Depois a maioria dos que aqui se encontram não pensam deitar raízes por estas paragens.

Diante de factos consumados, arranjamos serviço na província para a maior parte da família, onde a vida é mais barata e as rendas de casa mais acessíveis.

**2 - Quanto às raparigas:**

Muitas delas vêm para empregadas domésticas e não lhes é difícil conseguirem colocação. O pior é que há outras que se fixam em Lisboa para «servir a muitos senhores», profissão que já tinham na sua terra.

Junto da Obra das Zitas e das Irmãs do Espírito Santo - também elas têm Missões em Santiago - encontram amparo humano, social e cristão todas as que vêm ganhar honradamente o seu pão. Não falta quem ampare as outras...

**3 - Escolas:**

Há, actualmente, uma dúzia de escolas paroquiais em Lisboa e nos arredores onde os caboverdianos podem frequentar, totalmente de graça, a escola primária e o ciclo preparatório, para já.

Nas escolas nocturnas - do Estado ou de particulares - outros tentam fazer os seus exames. Mas é da experiência, velha de dois anos, que muitos se inscrevem, bastantes começam e muito poucos perseveram. Valha a verdade que não é muito fácil encontrar disposição para tal depois de um dia de trabalho árduo, depois da preparação das refeições, da lavagem da roupa, etc. Por isso, uma vez lhes dissemos em reunião magna: para virdes até Lisboa sofrestes muito; trabalhastes imenso; tivestes de ser constantes. Pois, para agora fazerdes exames, tereis de ser teimosos, corajosos, constantes em proporção idêntica.

## IV - AS CRÌTICAS

Criticar é fácil. E geral. Fazer é mais difícil e só uma mi-

noria se compromete em tais tarefas. Pessoalmente preferimos gastar todas as energias a fazer o que podemos, em vez de gastarmos parte delas a apontar deficiências; também achamos que será malbaratar o tempo gastando-o à procura de pedras e telhados alheios.

Nem sempre os que mais criticam são os que mais fazem, ou fizeram, para suprimir os motivos das suas criticas...

1- Ao longo desta nossa crónica, adivinhámos um reparo na mente dos nossos leitores que poderemos expor nestes termos: Está certo que sejais sacerdotes missionários junto deles. Agora, isso de estardes a ajudá-los socialmente não é tarefa especificamente vossa.

Agradecemos a sugestão e propomos para vós, os leigos, a fazerdes!... Não temais ser acotovelados, nem receeis falta de trabalho para todos.

Quando outros nos aliviarem de tal tarefa - há muita gente a trabalhar pelos caboverdianos, graças a Deus, mas, mesmo assim, ainda há necessidade de muitos mais colaboradores - de bom grado nos ocuparemos exclusivamente em tarefas religiosas e espirituais. Mas enquanto não houver generosidades em número suficiente, teremos de prosseguir.

Reparem, porém, que, para muitos caboverdianos, tal colaboração social poderá ser o único meio - livremente operante na sua alma com a graça de Deus - de contactarem com o sacerdote, de se não afastarem totalmente da sua crença religiosa. Insensivelmente, indirectamente, sem segundas intenções, até este nosso trabalho social terá - em total liberdade de consciência - efeitos espirituais.

2 - Uma outra critica, antevejo na mão de muitos leitores grandes pedras e grandes telhados como alvo, refere-se ao Estado: não podia, não devia ele solucionar tais casos, dado que são um grave problema nacional?

Respondemos com toda a lealdade e independência, até por que ninguém nos confiou a missão de o defendermos. Falamos pela experiência que estes dois anos nos proporcionaram.

O Estado tem os seus deveres e muitos são. Mas os particulares também têm os seus nesta grave crise. À própria Igreja incumbe uma tarefa específica.

O Estado planeou uma assistência aos caboverdianos, que demandam a metrópole, em moldes gerais e amplos. O Serviço Nacional de Emprego é incansável na colocação da mão de obra, que de lá chega, e na defesa dos seus legítimos direitos. Mesmo assim, ainda há muitos casos que os particu-

lares podem e devem ajudar a solucionar. Ao Grupo de Apoio aos migrantes caboverdianos - em funcionamento no Ministério do Ultramar - foi confiada superiormente a tarefa de os receber, amparar, apoiar. Muito tem feito. Se mais não faz é porque - quanto a nós - não tem conseguido desburocratizar-se na sua actuação concreta. Não queremos dizer que o Estado não pudesse fazer mais. Pretendemos apenas afirmar - por ser a verdade - que se tem preocupado com o problema, tem envidado grandes esforços para o solucionar e muito tem feito. Concretamente permitimo-nos discordar da excessiva burocracia de um ou outro aspecto da sua actuação. O problema é grave, muito extenso, quase nacional. Por isso terá de ser a nação inteira a colaborar e não só o Estado, a Igreja, uns quantos entusiastas. Por mais que se faça, haverá sempre lacunas, deficiências, problemas prementes que pedem uma solução urgente.

Dito isto, marquemos a nossa posição de forma clara: fomos convidados pelos missionários de Santiago a amparar aqui as suas gentes. Prometemos fazer o que nos fosse possível nesse sentido, sempre em espírito cristão, missionário e sacerdotal. Sem mandato oficial ou oficioso. Da Igreja ou do Estado. Apenas por espírito cristão e apostólico. Quando é preciso colaboramos com as entidades oficiais - da Metrópole e de Cabo Verde - de forma desinteressada, gratuita e em independência sacerdotal. Quando nos consultam, informamos como sentimos e vivemos os problemas. Quando os assuntos e as dificuldades são superiores às nossas forças, endossamo-las a quem de direito.

Concretizando um pouco:

Vinham para a Metrópole menores sem idade legal de trabalho, mas com a intenção e a necessidade de trabalharem; também coxos, doentes, aleijados, sexagenários. Apesar de todo o homem ter direito de procurar trabalho e melhorar a sua vida económica onde e como entender, constatámos que a sua vinda apenas contribuía para os endividar ainda mais. Por isso, propusemos uma mentalização e descrição das realidades com vista a um repensar pessoal dessa deslocação e muitos cancelaram, voluntariamente, a sua viagem.

Por outro lado, dado que a maioria dos caboverdianos prefere trabalhar na construção civil, desaconselhámos a sua vinda durante o inverno, meses em que poucas obras se iniciam.

Chegado o momento do regresso à terra natal, há um que perdeu o bilhete de identidade; outro que o deixou caducar; este que se não apresentou às autoridades militares quando chegou; aquele a quem roubaram todos os documentos. Junto das entidades competentes temos encontrado a

maior compreensão e todos seguem o seu destino. Só nos corta o coração vermos muitos dos que partem sem as malas rotuladas, e sem cola e tinta para isso, com uma profusão de sacos e saquitéis, caixas e caixotes a esventrarem-se numa confusão alfandegária indescritível, sobretudo quando se pretende saber o que levam ou não levam. Daqui podemos responder por todos: levam os seus trastes usados e nem sempre limpos; por vezes, uma máquina de costura em quarta mão, ou um velho motor de rega já cansado, mas que é a concretização do seu sonho de há muitos anos; uns sapatos já palmilhados que uma família lhes ofereceu para os pés descalços dos seus filhos; uma cama ferrugenta que estava prestes a ir para o lugar das coisas inúteis; o seu pequeníssimo pé-de-meia, que aqui conseguiram à custa de sacrifícios sem conta mas que, normalmente, já se encontra na mão da família. Não levam armas de fogo - se fogo têm é o da saudade a devorá-los - nem grandes e luxuosas mobílias, nem electrodomésticos caros e funcionais; nem azeite; nem álcool; nem quantidade de artigos que pensem transaccionar, com lucro, por lá. Olhem para eles como migrantes não endinheirados que voltam à sua terra, sem deixarem a Pátria comum, e talvez depois dispensem algumas burocracias no seu embarque.

3 - Uma outra crítica: Os caboverdianos são escandalosamente explorados pelos patrões.

Explorador pode ser o taxista que do aeroporto até ao largo da Estrela leva 100$00 ou 150$00 a um recém-chegado que se faz acompanhar de uma mala a pesar apenas quatro a dez quilos. Também o engraxador a quem apresentam 100$00 para se pagar do seu serviço e, alegando ir arranjar troco, não mais aparece. São casos raros, mas são casos por nós conhecidos. Porém, quem pode obstar concretamente a tais abusos, condenáveis em toda a linha?

Quanto aos patrões: há casos de exploração, mas muito reduzidos porque a fiscalização é rigorosa. Se alguns trabalhadores não descontam para a Caixa, por vezes a culpa é recíproca: o patrão propõe e o trabalhador concorda; sobretudo se é solteiro. Todos os casos conhecidos são prontamente esclarecidos e apresentados ao Serviço Nacional de Emprego e a solução não se faz esperar. Quanto aos casos desconhecidos, é bom de ver que não se podem resolver.

Recebem eles salários injustos? Pensamos que, regra geral, lhes é atribuído o salário mínimo. Mas atenda-se à qualificação profissional da maioria dos caboverdianos: muitos deles trazem documentos de pedreiros, carpinteiros, etc., mas, de uma maneira geral, não são artistas qualificados. A técnica por

lá é menos apurada; o ritmo de trabalho muito diferente. Daí não poderem render, inicialmente, o mesmo que os seus colegas metropolitanos. Concordamos que alguns ordenados sejam baixos de mais - porém, é preciso atender às circunstâncias acabadas de referir, e outras - mas que sejam escandalosa e gritantemente explorados estamos convencidos que não. Até porque os domingos são longos para todos juntos contarem reciprocamente a vida - nos seus aspectos negativos e positivos - e se reconhecerem que o patrão não paga o que deve, procurarão, sem demora, novo local de trabalho. São os próprios companheiros que os levam para locais de melhor salário. Na sua aparência simples há muita esperteza escondida - no bom sentido - pelo que não é fácil ludibriá-los por muito tempo, ou mantê-los em posição económica nitidamente injusta por mais de um mês, tempo normalmente suficiente para começarem a abrir os olhos.

Numa louvável iniciativa de promoção profissional são os caboverdianos insistentemente convidados a frequentar os vários cursos de Formação Profissional Acelerada em condições económicas de privilégio. É que esta migração trará, inevitavelmente, uma melhoria de vida a todas as ilhas e serão precisos verdadeiros profissionais para a levarem por diante.

4 - O problema da migração é outro ponto que se tem prestado a discussão. Eis como o conhecemos:
Metropolitanos e caboverdianos têm de cumprir as mesmas condições para poderem emigrar. Não nos compete, neste singelo depoimento dizer da sua legitimidade ou rigidez. É certo e sabido que uma simples carta de um parente que viva na Europa, não é suficiente para um português emigrar. Também um documento passado pela entidade patronal não abre, por si só, as portas da fronteira, dado que se exige o seu reconhecimento por parte do Secretariado Nacional de Imigração da nação que irá receber o candidato.

Sendo assim, não vemos onde fundamentar a apregoada injustiça, precisamente contra os caboverdianos. São eles equiparados aos metropolitanos no tocante à documentação que têm de apresentar. Porém, da posse dela, passam a ser tratados de forma especial e de privilégio: entregam toda a documentação no Grupo de Apoio e, passadas poucas semanas, têm o passaporte de emigrantes em seu poder. Como é então possível apontar o caso dos caboverdianos como uma excepção desfavorável? Muito simplesmente porque ao serem abordados por um senhor qualquer, que tenha uma caneta e um pedaço de papel, se queixam das dificuldades que encontram para emigrar, sem o referido interlocutor se dar ao incómodo de aprofundar o assunto. Quer dizer: literatura de cordel!...

5 - Tratamento depreciativo e segregação racial: Palavras depreciativas vai havendo, aqui e além. Talvez por alguns se esquecerem que ninguém tem culpa da cor da sua pele e ser o valor intrínseco da pessoa a verdadeira norma qualificativa de valores. Além de que esta gente tem muito de europeu, embora ficando africana dos quatro costados.

Terroristas, insinuam outros. Porém, a dor de cotovelo é outra: com a sua presença numerosa na Metrópole, os ordenados não pularam como alguns queriam ... A maioria dos caboverdianos veio apenas tentar melhorar a sua vida económica neste momento crítico por que a sua terra está a passar. Tudo o resto é secundário para eles. Não negamos, porém, que haja quem os tente aliciar para outras ocupações e preocupações totalmente diferentes das que motivaram a sua vinda. Estamos, porém, em crer que o resultado de tal catequização não deve ser extraordinário.

Bêbedos, questionadores, desordeiros. São, afinal, atributos de todos os grupos humanos. Estes, na sua qualidade de africanos, são pacatos e ordeiros; mas quando provocados e sobretudo quando injustamente provocados, reagem forte e feio.

Há por cá elementos de baixo estofo humano e moral, nós o sabemos por experiência própria. Mas a maioria é boa gente, respeitadora, cumpridora, temente a Deus, atenciosa para com o seu semelhante.

Quanto a segregação racial: inexistente. É natural que prefiram juntar-se no jardim da Estrela e no Camões para matar saudades. Também que, nos primeiros meses, se sintam algo estranhos em meio bastante diverso do seu, mas nunca hostil. Insensivelmente as amizades entre colegas de trabalho vão-se processando e é consolador ver o convívio entre todos sem qualquer sintoma segregatório. Numerosos casos de comum união, de estima, de estímulo, de protecção de parte a parte - dentro e fora do trabalho - são por nós constatados a cada momento.

6 - A situação económica em Cabo Verde: Dizem-nos que em Cabo Verde se está a processar um progresso visível e constante. Por informações dos Missionários e dos próprios migrantes podemos afirmar - apesar de nunca termos ido até àquelas paragens - que as Autoridades Administrativas se têm preocupado, desde o início da actual crise, em dar trabalhos públicos de forma a assegurarem o sustento condigno de toda a população.

Na impossibilidade de assegurar trabalho público para todos os habitantes - não esqueçamos que a crise é grave - optou-se por dar preferência aos agregados familiares que não te-

nham membros seus a trabalhar na Metrópole. Evidentemente que a própria justiça distributiva aconselha tal medida, no caso concreto em que aquela gente vive, uma vez que daqui vão mensalmente ajudas monetárias substanciais, facto que ninguém, podemos constatar por sermos intermediários, também neste pormenor, entre muitos dos que aqui vivem e as suas famílias lá residentes.

Mais ainda: A todas as crianças até aos três anos – e às outras, quando se provar a sua necessidade – é distribuído diariamente meio litro de leite; dessa tarefa se encarregam as Irmãs Missionárias. O Governo local e a Caritas fornecem leite em pó aos trabalhadores a preço módico. Todas as crianças que frequentam a escola recebem gratuitamente meio litro de leite por dia, bem como roupa, se a precisarem, a expensas do Governo. Os medicamentos e as consultas são gratuitos para os pobres e para os parentes dos beneficiários das Caixas de Previdência que trabalhem na Metrópole.

Deste modo tem sido possível dar a toda a população possibilidades de vida económica, que se não é desafogada nalguns casos concretos em parte alguma isso é possível quando a crise é grave – é, de certeza, de mediania. Atoardas que se ouvem e publicam são fruto natural da já referida literatura de cordel ...

## V – O PRÓXIMO REGRESSO À CASA PATERNA

Estarão eles totalmente satisfeitos por cá? Passarinho da Serra da Estrela, onde se cria lá se deseja, dizem na nossa terra da Beira Alta. Além disso, todo o êxodo é doloroso.

Não é de rosas a sua vida na Metrópole: o clima; o trabalho duro - preferem a construção civil por ser o trabalho mais rendoso e onde mais facilmente se adaptam por não exigir mão-de-obra qualificada, em certas secções; as más condições de habitação, higiene, alimentação, na sua qualidade de gente deslocada do seu habitat natural e sem a familia a ampararem; a nostalgia e saudade tão próprias dos ilhéus e dos africanos. Tudo isso fará com que cerca de quatro mil voltem à sua terra até Janeiro próximo, se o ano agrícola for bom.

Será então necessário fretar grandes barcos, muitos aviões para os levar, tal como foi preciso o caso concreto dos aviões, para os trazer. Os que não seguirem ficarão em posição privilegiada. Temos até a impressão que não virá longe o dia em que os patrões irão a Cabo Verde convidá-los para voltarem a trabalhar na Metrópole ...

## VI – CONCLUSÃO

São cerca de quinze mil os caboverdianos que, deixando a sua terra por causa da seca que há quatro anos os atormenta, se encontram espalhados pelo país, mas especialmente concentrados em Lisboa e na sua cintura. Com graves problemas familiares, sociais, religiosos. Gente boa e simples, na sua esmagadora maioria, que espera a nossa simpatia, amizade, dedicação para minorar tanto sofrimento.

Muito se tem feito por eles: o estado, as associações católicas e religiosas, as paróquias, pessoas individuais e, mesmo, famílias. Por mais que façamos sempre haverá necessidades a pedirem a nossa colaboração, deficiências que clamam por solução. Procuremos por todos os meios diminui-las o mais possível.

Ao escrevermos estas linhas tivemos apenas em mente dar a conhecer a razão da sua vinda, os problemas que aqui encontram, o auxílio que têm recebido. Escrevemos como sentimos e vivemos o problema, de há dois anos a esta parte. Sem segundas intenções. Sem reticências ou camuflagem das realidades. Só pedimos que nos leiam «nas linhas» e não «nas entrelinhas» que não escrevemos, nem temos.

Falou-vos um sacerdote-missionário que tudo faz para ajudar espiritualmente estes nossos migrantes, e tenta aliviar os seus problemas humanos e sociais num espírito também de apostolado. Sem mandato especial a não ser o da caridade cristã. Não nos temos dado à tarefa de descobrir pedras e telhados para alvejar, talvez por que o trabalho que temos entre mãos nem sequer nos deixa tempo para tal. Além disso, é tarefa que facilmente encontra obreiros ...

Possam as nossas palavras dinamizar muitas almas generosas para bem dos caboverdianos que entre nós labutam por uma promoção humana, social e cristã.

Lisboa, Junho de 1972.

3 5282 00647 1190

Duquesne University
3 5282 00647 1190

*Informar para transformar - A responsabilidade social de uma Rádio Católica*

ADÉLIO TORRES NEIVA

*Os Espiritanos e a Justiça e a Paz*

RENÉ CHARRIER

*Os Espiritanos em Gibraltar*

JOSÉ EDGAR PINTO BARBOSA

*A Largueza do Reino de Deus e seus fundamentos em P. Joaquim Alves Correia*

MÁRIO FARIA SILVA

*CEPAC: Uma resposta Espiritana aos imigrantes excluídos*

JOSÉ MARIA DE SOUSA

*Ecos do Passado*

JOSÉ MARTINS VAZ

*Os Caboverdianos em Lisboa*